**Universidade Federal do Sul da Bahia - UFSB**
**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - IFBA**
**Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias Ambientais - PPGCTA**

Kariny de Oliveira Paiva

# CARACTERIZAÇÃO ETNOBOTÂNICA DA COMUNIDADE PESQUEIRA DE CARAVELAS, APA PONTA DA BALEIA/ABROLHOS

Orientador: Prof/a Dr/a. Jorge Antonio Silva Costa

PORTO SEGURO - BA

MARÇO – 2020

Kariny de Oliveira Paiva

# CARACTERIZAÇÃO ETNOBOTÂNICA DA COMUNIDADE PESQUEIRA DE CARAVELAS, APA PONTA DA BALEIA/ABROLHOS

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Sul da Bahia e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia, como parte das exigências do Programa de Pós-graduação em Ciências e Tecnologias Ambientais para obtenção do Título de Mestre em Ciências e Tecnologias Ambientais.

Orientador: Prof/a Dr/a. Jorge Antonio Silva Costa

PORTO SEGURO - BA
MARÇO – 2020

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul da Bahia - Sistema de Bibliotecas

P149c Paiva, Kariny de Oliveira, 1995 -
Caracterização etnobotânica da comunidade pesqueira de Caravelas, APA Ponta da Baleia/Abrolhos. / Kariny de Oliveira Paiva. – Porto Seguro, 2020.
143 f.

Orientador: Jorge Antônio Silva Costa
Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Sul da Bahia. Campus Sosígenes Costa. Programa de Pós-graduação em Ciências e Tecnologias Ambientais.

1. Mata Atlântica. 2. Conhecimento Tradicional. 3. Pescadores. I. Costa, Jorge Antônio Silva. II. Título.

CDD: 581.072

Elaborado por Lucas Sousa Carvalho - CRB-5/1883

**CARACTERIZAÇÃO ETNOBOTÂNICA DA COMUNIDADE PESQUEIRA DE CARAVELAS, APA PONTA DA BALEIA/ABROLHOS**

**Comissão Julgadora**

_____

**Prof.ª Dr.ª Cristiana Barros Nascimento Costa**
**Universidade Federal do Sul da Bahia**

_____

**Prof. Dr. Jaílson Santos de Novaes**
**Universidade Federal do Sul da Bahia**

_____

**Profª. Drª. Taina Soraia Müller**
**Universidade Federal do Sul da Bahia**

_____

**Prof. Dr. Jorge Antonio Silva Costa**
**Universidade Federal do Sul da Bahia**
**Orientador**

Aprovada em: dia mês ano ( ___/___/_____ )
Local da Defesa:

# AGRADECIMENTOS

Agradeço às minhas divindades por iluminar meus pensamentos e abrir as matas para que eu pudesse coletar as plantas.

A mainha, Nalva Oliveira, minha irmã mais velha, Sabriny Ellen, meu sobrinho, Marcos Valentin, e meu cunhado, Bernardo Júnior, por me apoiarem sempre, sempre e por suportarem minha falta mesmo quando eu chegava do trabalho cansada e precisava estudar, por todas as vezes que me apoiaram nos deslocamentos para o Campus, por sempre acharem um jeito de me colocar para cima todas as vezes que a ansiedade dominou minha alma. Obrigada por, logo no início do mestrado, segurarem minha mão e secarem minhas lágrimas de desespero quando imaginei que não daria conta de estudar num campus tão longe de casa e, ao mesmo tempo, trabalhar. Quase desisti do mestrado, mas, principalmente, com a força de vocês, tudo deu certo. Grata, ainda, por cuidar de mim em todas enfermidades que apareceram por causa das turbulências do furacão que morou em mim durante esses dois anos.

Painho, grata pelo seu olhar sereno e sem jeito de sertanejo potiguar que não sabe demonstrar afetividade como os baianos, mas que me ajudou, e muito, nessa trajetória. Grata por me amar do seu jeito.

Ao meu chefe, Narcísio Loss, que, quando me chamou para trabalhar, me aceitou sabendo que eu havia passado no Mestrado, e que me apoiou todas as vezes que precisei me afastar para cursar as disciplinas. Sem seu apoio não adiantaria absolutamente nada, não teria feito as disciplinas, não teria feito saídas de campo, não teria buscado no meu âmago a força que eu precisava, não teria conseguido nada, absolutamente nada. Agradeço imensamente pela confiança depositada em mim e no meu trabalho. Teu olhar atencioso foi um diferencial nessa trajetória.

Aos meus amigos do trabalho que sempre me apoiaram, seja com palavras de força, seja com um abraço ou me liberando para exeuctar minhas atividades acadêmica, Aos amigos do trabalho dos outros Estados e os de pertinho o meu muito obrigada! Cada um do time de Desenvolvimento Social contribuiu para melhorar a minha formação, sobre como executar um trabalho com qualidade em comunidades rurais e tradicionais em vários pontos do nosso território de atuação. Andreone Souza, Elton Santiago, Uélio Soares, Thatyanna Favalessa, Jeilly Vivianne, Andre Becher, Pâmela Constantino, Francisco Colli, sim, vocês me ajudaram e me inspiraram muito!

Gratidão especial, as amigas do trabalho, Ramony Erler e Deuzelin Sarmengue por me aguentarem por dois anos falar dos desafios do mestrado, sei que não foi fácil, porque meu desespero e ansiedade sempre foram muitos. Agradeço pelas palavras de conforto quando quase pensei em desistir do mestrado, logo no início, quando desafiei a minha própria capacidade de vivenciar um trabalho maravilhoso e, ao mesmo tempo, estudar algo que eu tanto queria.

Ao meu antigo chefe, Daniel Siquara, que, quando estava na caminhada para conseguir entrar no Mestrado, também me apoiou todas as vezes que eu precisei me ausentar ou resolver as demandas que surgiam.

Ao meu querido irmão amigo, Pedro Henrique Barros, que mora tão longe, mas que se faz tão presente no meu dia a dia. Que cuida de mim, me coloca para cima e entendeu os temporais que chegaram nesses tempos.

Aos meus amigos que estão espalhados pelo mundo que emanam energias positivas e me mandam lindas, lindas mensagens de carinho e força. Renata Pereira, grata pelo carinho! Renata Del Mônaco, grata pelas maravilhosas e doces palavras. José Pinheiro, grata pelo carinho e atenção de sempre.

A família que construí em Manaus e que me ama e cuidou de mim nesse tempo mesmo de tão longe.

Aos meus professores da graduação que viraram meus amigos, pessoas queridas que me incentivaram durante todo este ciclo de estudos do Mestrado, que me mostraram que, mesmo com tanta dificuldade, é possível concluir feliz esta caminhada. [ E que, vira e mexe, me perguntam pelo Doutorado].

Lívia Lemos, obrigada por acreditar em mim desde o primeiro momento na graduação e por me dar força para fazer o mestrado. Luanna Pires, João Batista, André Domingues, Kennedy Fernandes, Francesco Lanciotti, Leandro Gaffo, Anders Schmidt também grata por acreditarem em mim e pelo carinho e força de sempre.

Gisele Lopes, você me ajudou a descobrir um amor dentro de mim que eu nem sabia que existia. Obrigada por me ajudar a construir um caminho na academia, seu olhar foi crucial para minha formação como acadêmica e como profissional.

Taina Müller, obrigada por compartilhar seu conhecimento comigo, por me fazer apaixonar pela docência, por ser a melhor tutora do Estágio em Docência que eu poderia ter. Amei a experiência da sala de aula e como pude me descobrir nesse espaço.

A minha professora de Yoga, Teka Fernandes, por me encontrar num dia e dizer o quanto eu precisava respirar. Imensamente grata, entendi como respirar no meio do caos.

Aos amigos de Mestrado, todos vocês foram importantes para meu crescimento. Em especial aos amigos de estrada do Mestradomóvel, Elissandro Rocha, o dono do carro que sempre tinha uma ótima frase, meme ou dito popular no momento certo (ou errado), e os outros três, Priscila Félix, com suas loucas histórias de vida, Nereide Lisboa, com seu jeito forte, delicado e super profissional (a mais certa do grupo) e o Pedro Dias, maluco que só ele, mas extremamente inteligente. Resumindo as viagens, quando todos estavam acordados, gargalhadas e mais gargalhadas no meio do desespero total. Ainda no contexto "amigos do Mestrado", meus sinceros e doces agradecimentos à Louise Gomes e Winnie Virgens, mulheres ponderosas, fortes e inteligentes, pelo acolhimento e apoio todas as vezes que precisei. Estaremos sempre juntas para desbravar o universo da pesquisa!

A comunidade pesqueira de Caravelas, também minha comunidade, que abriu as casas para que eu entrasse e fizesse as entrevistas, conhecesse um pouco sobre seu jeito de viver, como se relacionava com a mata, que eu pudesse coletar as plantas, grata por me deixar viver, mesmo que por alguns minutos, as histórias de pesca de outros tempos, de um tempo que é vívido na mente e nas marcas de sol e de trabalho no corpo de vocês. Obrigada pela confiança.

Aos mateiros, que adentraram as capoeiras, as matas altas, a restinga, o mangue, o brejo, que coletaram comigo sem pestanejar, em especial, à minha mateira mais querida, mainha, que esteve ao meu lado em quase todas as coletas.

Ao Movimento Cultural ArteManha, em especial ao Jorge Galdino – Dó Galdino, pela super disposição em me ajudar com as plantas e com as entrevistas.

A Associação de Coletores de Sementes pela ajuda nas entrevistas, por me mostrar a diversidade de espécies vegetais do nosso lugar.

Ao CEPENE e ICMBio pelo apoio no processo das coletas das espécies vegetais, este apoio foi essencial para a realização do trabalho.

Ao INEMA por abrir espaço junto ao Conselho Consultivo da Unidade de Conservação APA Ponta da Baleia/Abrolhos por entender que este seria um trabalho importante para exaltar o conhecimento tradicional e conservação das espécies vegetais deste lugar.

A professora Cristiana Barros, por me acompanhar em todas as bancas e me mostrar, do seu jeito sensível, doce e fundamental, como poderia melhorar meu trabalho. Grata por me apresentar possibilidades de crescimento.

Ao meu orientador, Jorge Costa, professor Jorge Costa! Gosto de falar a palavra professor antes do nome, acho que tem um peso, como quando a gente fala "Vossa Eminência, Vossa

Senhoria” para alguém da sociedade que a gente diz que é tão importante. Professor tem um peso enorme na vida da gente, gosto de tens uma enorme participação na minha vida. Difícil aceitar alguém para orientar, de tão longe, que trabalha rodando as comunidades no Extremo Sul, que viaja mais que notícia ruim, que ainda tem tanto para aprender como eu. Antes de tudo, peço desculpas pelas falhas, me redimo diante do que conhecimento que não aproveitei por estar trabalhando muito, por ter que cuidar dos meus familiares, por estão tão longe fisicamente. Tentei abrir ao máximo minha mente para absorver o turbilhão de conhecimento que tu tens aí dentro de ti. Adorei ter tido disciplinas contigo e poder aproveitar e entender um pouco mais sobre sua forma de trabalhar. Assim como eu, percebi que valorizas o processo e não o ponto final. Professor, grata por me aceitar e por me orientar mesmo quando foi mais difícil. Obrigada por acreditar em mim e gostar de grande parte do que escrevia. Obrigada por me mostrar sempre uma outra ótica, por me ajudar a ver outras possibilidades de escrita, de leitura, de vida das comunidades, da biogeografia.

# Sumário

RESUMO GERAL…….. 11
ABSTRACT…… 12
LISTA DE TABELAS…….13
LISTA DE FIGURAS……..14
INTRODUÇÃO GERAL…….16
REFERÊNCIAS……...19
CAPÍTULO 1: ARTIGO……21
Caracterização Etnobotânica da comunidade pesqueira de Caravelas, APA Ponta da Baleia, Abrolhos…….……...……..22
*Área de Estudo*…….26
*Estudo Etnobotânico*……27
*Seleção dos participantes da pesquisa*…… 27
*Entrevistas e TCLE*……27
*Método bola-de-neve (snowball)*……28
*Turnê guiada*……*28*
*Análises quali-quantitativas*……29
*Resultados*……29
*Discussão*……42
*Considerações finais*……49
*Referências*……49
CAPÍTULO 2: MEMORIAL ……56
A APA Ponta da Baleia/Abrolhos presente nos saberes e na memória dos pescadores e marisqueiras caravelenses contadas a partir da interação com as plantas e o ambiente……..……..……..…57
*Apresentação*……63
*Bem vindo à APA Ponta da Baleia, Abrolhos, região de Caravelas*……63
*Onde foi feito esse trabalho?*.....71
*Porque fazer esse trabalho?*.....73
*Os Pescadores da APA Ponta da Baleia/Abrolhos e a flora: uma relação que atravessa gerações*.....……..75
*Formas de uso e manejo da Flora na APA Ponta da Baleia/Abrolhos: implicação para geração de renda e conservação*……....91
*Como as pessoas selecionam plantas na APA Ponta da Baleia/Abrolhos? Esses critérios dizem algo sobre uma comunidade de pescaadores?*.....102
*Existe uma comunidade de Pescadores na APA Ponta da Baleia/Abrolhos?*.....122
*Glossário dos termos caravelenses*..……..…127
*Considerações finais*……...……....130

*Referências* ……..131
CAPÍTULO 3: HISTÓRIA EM QUADRINHOS……133
HQ: *Saberes Tradicionais e a história da pesca no Banco dos Abrolhos*.…….……134

Caracterização Etnobotânica da comunidade pesqueira de Caravelas, APA Ponta da Baleia, Abrolhos

## RESUMO GERAL

Os processos de ocupação da floresta atlântica implicaram em grande perda da biodiversidade, por sua vez, em Caravelas na APA Ponta da Baleia/Abrolhos, região do Extremo Sul da Bahia, não foi diferente. As comunidades tradicionais são importantes para descrever, em detalhes, a complexidade do espaço e a interação entre o ser humano e a floresta. Desta forma, o objetivo deste trabalho foi realizar o levantamento das plantas utilizadas por pescadores desta área, no intuito de entender quais são e para que são utilizadas, além de entender quais as implicações do uso de plantas para o seu sustento e para a conservação da biodiversidade local. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, de acordo com a técnica "Bola de Neve", nas comunidades da sede do município, bem como em Ponta de Areia e Barra de Caravelas. As espécies citadas foram coletadas, prensadas, identificadas e depositadas no herbário Prof. Geraldo C.P. Pinto (GCPP). Os dados da pesquisa seguiram uma abordagem quali-quantitativa, de forma que foi calculado o Índice de Valor de Uso (VU). Para tal foram realizados dois trabalho, um artigo apresentando os dados quantitativos da pesquisa e um memorial com todo material qualitativo, como históriase tradições coletadas. Foram levantadas 129 espécies vegetais, pertencentes a 48 famílias botânicas, em 89 entrevistas, bem como levantadas onze categorias de uso, sendo a mais citada a de uso medicinal (47%). Foi possível verificar que os entrevistados do gênero feminino citaram maior número de espécies vegetais de porte herbáceo (100%) e os do gênero masculino espécies de porte lenhoso (57,77%). Das dez espécies com maior VU, nove são nativas, o que denotou alta importância cultural. Da mesma forma, foram coletadas informações sobre como a comunidade seleciona as plantas, sobre a implicação do uso da flora para a geração de renda e conservação e a relação dessa comunidade com as matas da APA PB-A. Observou-se que os pescadores selecionam as espécies a partir de um conhecimento antigo, passado de geração em geração, bem como tem costume de realizar experimentações totalmente empíricas baseada na fala de um ou outro comunitário e do que aprenderam com familiares. Estes possuem amplo conhecimento no que se refere ao uso de espécies vegetais, sendo este um conhecimento repassado através das gerações.

**Palavras-chave:** Mata Atlântica; Conhecimento tradicional; pescadores

Ethnobotanical characterization of the Caravelas fishing community, APA Ponta da Baleia, Abrolhos

## ABSTRACT

The processes of occupation of the Atlantic forest implied a great loss of biodiversity, in turn, in Caravelas in APA Ponta da Baleia / Abrolhos, in the extreme south of Bahia, it was no different. As traditional communities are important to describe, in detail, the complexity of space and the interaction between humans and the forest. Thus, the objective of this work was to carry out a survey of plants used by fishermen in this area, without understanding what they are and which ones are used, in addition to understanding what are the implications of using plants for their livelihood and for the conservation of biodiversity place. Semi-structured interviews were carried out, according to the "Bola de Neve" technique, in the communities of the municipality's headquarters, as well as in Ponta de Areia and Barra de Caravelas. The mentioned species were collected, pressed, identified and deposited in the herbarium Prof. Geraldo C.P. Pinto (GCPP). The research data follow a qualitative and quantitative approach, in a way that was calculated or the Use Value Index (VU). For this, two works were carried out, an article shows the quantitative data of the research and a memorial with all the qualitative material, such as the history of the collected traditions. 129 plant species were surveyed, belonging to 48 botanical families, in 89 interviews, as well as surveyed in categories of use, the most cited in medicinal use (48,48%). It was possible to verify who interviewed the female gender with the highest number of plant species of herbaceous size (100%) and the male genera of woody size (57.77%). Of the ten species with the highest VU, nine are native, or have high cultural importance. Likewise, information was collected on how the community selects as plants, on the implications of using flora for income generation and conservation and the relationship of this community with the APA PB-A forests. Note that fishermen select as species from ancient knowledge, passed on from generation, as well as fantasies of carrying out totally empirical experiences used in the speech of one or another student and that they learn from family members. They have extensive knowledge that does not refer to the use of plant species, this knowledge being passed on through the stories

***Keywords*:** Atlantic Forest, Traditional Community, Fishermen

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – - Lista de espécies utilizadas pelos pescadores da APA Ponta da Baleia/Abrolhos, município de Caravelas, Bahia, Brasil. Legenda: P = espécie de planta utilizada no passado pelos pescadores/marisqueiras da APA PB-A.....34

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Roteiro para o inventário sócio-econômico e Roteiro de perguntas sobre as plantas……55

# LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Barcos no Rio Caravelas. Fonte: Vanilson Teixeira.....56
Figura 2 - Pescador no barco de pesca no estuário. .....56
Figura 3 - Fotógrafo Vanilson Teixeira Janela de um casarão antigo na Rua Sete de Setembro, no centro histórico de Caravelas. Fonte: Vanilson Teixeira.....64
Figura 4 - Visão no Centro Histórico de Caravelas capturada por orifício de um casarão antigo utilizado para observação nos séculos anteriores. Fonte: Bruna Alves.....65
Figura 5 – Rua principal da Barra de Caravelas, com vista do pé de Tamarindo e canoa rústica. Fonte: Bruna Alves.....65
Figura 6 - Pescador Edson, conhecido como Galara, carregando redes na beira da praia. Fonte: Bruna Alves.....66
Figura 7 - Barco de pesca com camarão. Os passáros sobrevoando entregam que o barco contém mariscos. Fonte: Bruna Alves.....67
Figura 8 – Nadadeira caudal da Baleia Jubarte. Fotografia capturada pelo Instituto Baleia Jubarte.....67
Figura 9 - Pescadora descascando côco na Barra de Caravelas. Fonte Danillo Photography.....70
Figura 10 - Localuzação das áreas de estudo. Fonte: Site Bahia Turismo, adaptada pelos autores…….…….….71
Figura 11 - Pescador mostrando peixe que acabou de pescar. Fonte: Danillo Photography.....72
Figura 12 - Pescador manuseando o camarão sete-barbas. Fonte: Vanilson Teixeira.....73
Figura 13 - Benzedeira iniciando uma reza com as folhas nas mãos.....76
Figura 14 - Benzedeira iniciando oração com terço nas mãos…….....78
Figura 15 - Pescadora Gorete puxando sua puçá. Fonte: Brazil Foundation…….…..79
Figura 16 - Praia do Grauçá com amendoeiras na beira do mar. Fonte: Vanilson Teixeira.....81
Figura 17 - Manguezal em Ponta de Areia. Fonte: Vanilson Teixeira……82
Figura 18 - Baleia Jubarte. Fonte: Grátis png.....83
Figura 19 - Figura 19 - Distância entre Caravelas e o Arquipélago de Abrolhos. Fonte: Google Maps……84
Figura 20 - Pescador chegando de pesca numa bateira motorizada. Fonte: Vanilson Teixeira, Caravelense.....85
Figura 21 - Pescador conhecido como "Gordo" da Barra de Caravelas olhando o tempo na beira da praia. Foto: Bruna Alves.....86
Figura 22 - Pescadores nas embarcações de porte médio. Na foto é possível ver o casario do barco. Fonte: Daniel Fotografia.....87
Figura 23 - Maria Brás no quintal de sua casa. Ao fundo pano de rede de arrasto e carrinho de mão confeccionado com madeira nativa. Fonte: ICMBio.....88
Figura 24 - Catadora de molusco coletando sururu no mangue. Fonte: ICMBio…….89
Figura 25 - Pescadores da Barra de Caravelas mostrando côco seco com que o chamam de "maçã do côco". Fonte: Vanilson Teixeira.....91
Figura 26 - Catadores levantando saco com aroeira. Fonte: Jornal O Samburá……93

Figura 27 - Pescador observando o mar num dia de pesca. Fonte: Bruna Alves……95
Figura 28 - Fim de tarde no porto de Caravela. Fonte: Vanilson Teixeira.....96
Figura 29 - Pescadores retirando canoa do caminhão. Fonte: Associação de Pescadores da Barra de Caravelas……....97
Figura 30 Reunião sobre seguro defeso nas áreas das Unidades de Conservação. Fonte: ICMBio……98
Figura 31 - Pescadores lançando rede no estuário. Fonte: Vanilson Teixeira…..……...99
Figura 32 - Pescadores observando fotógrafo no manguezal. Fonte: Vanilson Teixeira.....100
Figura 33 - "Seu Boy" e "Seu Hélio", lideranças comunitárias conversando no Porto de Caravelas. Fonte: Vanilson Teixeira.....103
Figura 34 - Pescadora artesanala com siripóia nas maõs pescando na área de baixio. Fonte: Bruna Alves.....105
Figura 35 - Pescador carregando sua Puçá para iniciar a puxada na praia da Barra de Caravelas.....106
Figura 36 - Siri capturado na siripóia. Foto: Bruna Alves.....107
Figura 37 - Ancião na porta de sua casa em Ponta de Areia. Fonte: Danillo Photography.....109
Figura 38 - Petrechos de pesca numa embarcação. Fonte: Vanilson Teixeira…….….110
Figura 39 - Pescadora fazendo almoço no fogão a lenha em Ponta de Areia. Fonte: Danillo Photography…….....…112
Figura 40 - Fogão artesanal. Fonte: Danillo Photography……..…..113
Figura 41 - - Casa de Pau a pique. De barro e madeira nativa. Fonte: Vanilson Teixeira.....114
Figura 42 - Pescador reparando dano da "puçá" sentado na beira da praia. Fonte: Jornal O Samburá.....116
Figura 43 - Pescadores verificando os danos da rede de pesca no fim de tarde. Fonte: Geovane Freitas.....117
Figura 44 - Barco pesqueiro no banco camaroneiro em Caravelas. Fonte: Silmara Saúde…….118
Figura 45 - Barco pesqueiro com pôr do sol ao fundo, no estuário de Caravelas. Fonte: Vanilson Teixeira……..…..…...119
Figura 46 - Camarão sete-barbas, Xiphopeneaus kroyeri. Fonte: Vanilson Teixeira……..120
Figura 47 - Pescadores costurando pano de rede. Fonte: Geovane Freitas…….……..122
Figura 48 - Terminal de Barcaças da Suzano S.A no distrito de Ponta de Areia. Fonte: Silmara Saúde.....123
Figura 49 - Homem pescando no estuário caravelense. Fonte: Vanilson Teixeira…..…..124

# INTRODUÇÃO GERAL

Com a expansão das cidades, o crescente aumento da área de plantio de eucalipto, café, mamão, entre outras culturas e a expansão de pastos no Extremo Sul da Bahia, a Mata Atlântica, bioma que já se encontra em constante degradação, sofreu perda ainda maior de sua mata nativa nas últimas décadas (MMA, 2010; 2016). Segundo o Ministério do Meio Ambiente (2002; 2007), as três últimas décadas foram as principais a contribuir com a dinâmica de degradação deste bioma e de ecossistemas associados. No extremo Sul da Bahia, desde a década de 1990, diversas empresas de Papel e Celulose se instalaram e estabeleceram na região a silvicultura, cobrindo desde a zona norte e costeira desta microrregião até o limite com o Estado do Espírito Santo. Esses e outros processos de ocupação da floresta atlântica implicaram em grande perda da biodiversidade, no qual contribuíram para que menos de 8% da mata original exista no país atualmente. Deste fragmento restante no Extremo Sul da Bahia a vegetação é considerada, de acordo o Ministério do Meio Ambiente, como parcelas de alta e de extrema importância biológica, o que mostra significativa importância para conservação (MMA, 2002).

A Mata Atlântica está na lista dos hotspots de biodiversidade do planeta, por se tratar de um bioma extremamente diverso e por estar em constante degradação (MYERS et al., 2000), sendo o bioma com maior diversidade do mundo (VARJABEDIAN, 2010). O Sul da Bahia, por sua vez, é conhecido como um centro de alto endemismo, o que sinaliza o grau de importância dessa área (CARVALHO, 2010; ARAÚJO *et al*, 1998, 2006; WWF, 2018).

Pouco se conhece sobre a biodiversidade da região Extremo Sul da Bahia e quase não há dados sobre o uso sustentável dos recursos naturais, como na Área de proteção Ambiental Ponta da Baleia Abrolhos, por exemplo. Esta APA é uma Unidade de Conservação de Uso Sustentável criada em 1993 por meio do decreto nº 2.218/93, compreende os municípios de Prado (apenas área marinha), Alcobaça, Caravelas e Nova Viçosa no Extremo Sul da Bahia e possui 34.600 ha de extensão. Esta UC constituiu o Conselho Gestor apenas em junho do ano de 2017, conforme portaria nº 14.373 de 06/2017 e ainda não possui as áreas de uso definidas. A APA Ponta da Baleia/Abrolhos é constituída por comunidades pesqueiras, remanescentes indígenas, ribeirinhos, extrativistas, remanescentes quilombolas e agricultores familiares que resistem e permanecem no território ao longo dos anos. Tais comunidades possuem peculiaridades, costumes e grande conhecimento acerca do espaço onde vivem e são eles os principais atores a descrever em detalhes a complexidade do espaço.

O conhecimento tradicional é “um corpo de conhecimento construído por um grupo de pessoas através de sua vivência em contato próximo com a natureza por várias gerações”, (PNUMA, 2001)

A etnobotânica estuda a relação entre o ser humano e as plantas, uma vez que as comunidades humanas fazem uso das espécies vegetais desde os primeiros momentos de sua existência e tem na relação com as plantas uma base cultural dependente em diversos aspectos, sejam eles farmacológicos, de vestuários, abrigos ou mesmo místico/espiritual (Diegues & Arruda, 2001). É por meio do conhecimento tradicional sobre as plantas que é possível traçar o perfil da comunidade e identificar a forma de uso, a relação com as matas e os costumes daquele povo (Albuquerque, 2002). Levantar dados etnobotânicos contribui para identificação de espécies vegetais de uso das comunidades, bem como a relação do homem com a floresta, que pode ser utilizado como ferramenta essencial para elaboração e implantação de políticas de conservação, planos de manejo e uso sustentável dos recursos naturais (ROCHA, BOSCOLO, FERNANDES, 2015; MARTINS et al, 2005).

Numa Área de Proteção Ambiental (APA), o uso sustentável do patrimônio natural através de uma exploração racional é incentivada e controlada por órgãos de fiscalização, de forma que se espera a manutenção dos costumes dos povos tradicionais com maior fidelidade aos ensinamentos das gerações passadas, uma vez que a relação desses povos com a natureza requer um profundo conhecimento da capacidade de suporte dos ecossistemas presentes. No entanto, as gerações mais jovens passam também por uma transformação nos seus modos de vida e a busca por outras oportunidades de sustento, além das diversas pressões ambientais que têm levado ao esgotamento dos recursos naturais, podem levar os jovens a sair de suas comunidades e a abandonar os modos de vida tradicional, afastando-os de sua cultura local. Essas ações têm levado a perda de informações sobre a biodiversidade e a alterações por vezes drásticas nas culturas tradicionais, uma vez que o conhecimento se perde com o tempo. A APA Ponta das Baleias/Abrolhos, tem experimentado uma forte pressão sobre a biodiversidade local e sobre os seus costumes devido a expansão imobiliária e a forte influência da monocultura do eucalipto e da abertura de pastos para a criação de gado. Diante desse panorama, pergunta-se: como a comunidade se relaciona com as espécies vegetais e com o ambiente e quais as implicações para a conservação da vegetação nos últimos anos?

Dessa forma, o objetivo principal deste estudo é realizar o levantamento das plantas utilizadas por pescadores e marisqueiras da comunidade no município de Caravelas que se encontram na APA Ponta da Baleia/Abrolhos no intuito de entender como e por que essas

pessoas selecionam as plantas para uso e quais as implicações do uso de plantas para o seu sustento e para a conservação da biodiversidade local.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M.; ALGER, K.; ROCHA, R. MESQUITA, C. A. B. Caderno nº 8, A Mata Atlântica do Sul da Bahia, situação atual, ações e perspectivas. **Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica. IFSP.** São Paulo. 1998

BRASILl. Decreto n. 2.218, de 14 de jun. de 1993. **Cria a Área de Proteção Ambiental da Ponta da Baleia/Abrolhos, nos Municípios de Alcobaça e Caravelas, dá outras providências**. Brasília, DF. Jun. 1993 Disponível em: https://governo-ba.jusbrasil.com.br/legislacao/83215/decreto-2218-93

CARVALHO, R. C. A.; BEZERRA, S. N.; CAVALCANTE, S. J.; LIMA, U. B. P. **Perfil Socioeconômico dos pescadores e ribeirinhos de Caravelas-BA**. Boletim Técnico-Científico do CEPENE, Tamandaré - PE - v. 17, n. 1, p. 97-113, 2009

MARTINS, A.G.; ROSÁRIO D.L.; BARROS, M.N.; JARDIM, M.A.G**. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais, alimentares e toxicas da Ilha do Combu, Município de Belém, Estado do Pará**. Revista Brasileira de Farmacognosia, 86: 31-30. 2005. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277216695_Levantamento_etnobotanico_de_plantas_medicinais_alimentares_e_toxicas_da_Ilha_do_Combu_Municipio_de_Belem_Estado_do_Para_Brasil

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE **Áreas Prioritárias para Conservação, Uso Sustentável e Repartição de Benefícios da Biodiversidade Brasileira**: Atualização - Portaria MMA n°9, de 23 de janeiro de 2007. / Ministério do Meio Ambiente, Secretaria de Biodiversidade e Florestas. – Brasília: MMA, 2007.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Avaliação e identificação de áreas e ações prioritárias para a conservação, utilização sustentável e repartição dos benefícios da biodiversidade nos biomas brasileiros.** Brasília: MMA/SBF, 2002.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE: **5º relatório nacional para a Convenção Sobre Diversidade Biológica** / Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Biodiversidade e Florestas; Coordenador Carlos Alberto de Mattos Scaramuzza.
Brasília: MMA, 2016.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Mata Atlântica: manual de adequação ambiental** / Maura Campanili e Wigold Bertoldo Schaffer. – Brasília: MMA/SBF, 2010.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Monitoramento Ambiental do banco camaroneiro na área sob influência da dragagem do canal de acesso dos navios barcaças ao terminal marítimo da Fibria Celulose S.A. em Caravelas/BA. ICMBio** – CEPENE. 2015

MYERS, N. et al., 2000. **Biodiversity hotspots for conservation priorities**. Nature 403: 853-858.

**PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O MEIO AMBIENTE**. 2001. CBD/WG-ABS/1/4. Acesso em: 16. Jul. 2018. Disponível em: http:// www.biodiv.org

ROCHA, J. A.; BOSCOLO, O. H.; FERNANDES, L. R. R. de M. V. Etnobotânica: um instrumento para valorização e identificação de potenciais de proteção do conhecimento tradicional. INTERAÇÕES, Campo Grande, v. 16, n. 1, p. 67-74, jan./jun. 2015. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/151870122015105

VARJABEDIAN, Roberto. **Lei da Mata Atlântica: Retrocesso ambiental**. Estud. av. [online]. 2010, vol.24, n.68, pp.147-160. ISSN 0103-4014.

**WORL WIDE FUND FOR NATURE**. Acesso em 15.Out. 2018. Disponível em: https://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/questoes_ambientais/biomas/bioma_mata_atl/

CAPÍTULO 1: **ARTIGO**

# Caracterização Etnobotânica da comunidade pesqueira de Caravelas, APA Ponta da Baleia, Abrolhos*

# Ethnobotanical characterization of the Caravelas fishing community, APA Ponta da Baleia, Abrolhos*

**Kariny Oliveira Paiva[a,b,*], Jorge A. S. Costa [a,b] , Cristiana B. S. Nascimento[b], Jailson S. de Novais[a, b], Taina S. Muller[c]**

[a] Programa de Pós-Graduação em Ciência e Tecnologia Ambiental (PPGCTA), Centro de Formação em Ciências Ambientais, Universidade Federal do Sul da Bahia, 45810-000 Porto Seguro - BA, Brasil

[b] Núcleo de Pesquisa em Conservação da Flora, Biologia Evolutiva e Sustentabilidade (ConBioS), Grupo de Pesquisa em Conservação da Biodiversidade Vegetal e Sustentabilidade da Universidade Federal do Sul da Bahia, 45810-000 Porto Seguro - BA, Brasil

[c] Universidade Federal do Sul da Bahia. Instituto de Humanidade, Artes e Ciências. Campus Paulo Freire, Teixeira de Freitas - BA, Brasil

* Artigo submetido à Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente (https://revistas.ufpr.br/made) e organizado segundo as suas normas (https://revistas.ufpr.br/made/about/submissions#authorGuidelines)

RESUMO:

Os processos de ocupação da floresta atlântica implicaram em grande perda da biodiversidade, por sua vez, em Caravelas na APA Ponta da Baleia/Abrolhos, região do Extremo Sul da Bahia, não foi diferente. As comunidades tradicionais são importantes para descrever, em detalhes, a complexidade do espaço e a interação entre homem e a floresta. Desta forma, o objetivo deste trabalho foi realizar o levantamento das plantas utilizadas por pescadores desta área, no intuito de entender quais são e para que são utilizadas, além de entender quais as implicações do uso de plantas para o seu sustento e para a conservação da biodiversidade local. Para tal, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, de acordo com a técnica "Bola de Neve", nas comunidades da sede do município, bem como em Ponta de Areia e Barra de Caravelas. As espécies citadas foram coletadas, prensadas, identificadas e depositadas no herbário. Os dados da pesquisa seguiram uma abordagem quali-quantitativa, de forma que foi calculado o Índice de Valor de Uso (VU). Foram levantadas 129 espécies vegetais, pertencentes a 48 famílias botânicas, em 89 entrevistas, bem como levantadas onze categorias de uso, sendo a mais citada a de uso medicinal (48,48%). Foi possível verificar que os entrevistados do gênero feminino citaram maior número de espécies vegetais de porte herbáceo (100%) e os do gênero masculino espécies de porte lenhoso (57,77%). Das dez espécies com maior VU nove são nativas, o que denotou alta importância cultural. Observou-se que os pescadores selecionam as espécies a partir de um conhecimento antigo, passado de geração em geração, bem como tem costume de realizar experimentações totalmente empíricas baseada na fala de um ou outro comunitário e do que aprenderam com familiares. Estes possuem amplo conhecimento no que se refere ao uso de espécies vegetais, sendo este um conhecimento repassado através das gerações.

*Palavras-chave:* Mata Atlântica; Conhecimento tradicional; pescadores

ABSTRATC:

The processes of occupation of the Atlantic forest implied a great loss of biodiversity, in turn, in Caravelas in APA Ponta da Baleia /Abrolhos, in the extreme south of Bahia, it was no different. Traditional communities are the main actors to describe, in detail, the complexity of space and the interaction between man and the forest. The purpose of this study was to survey the plants used by fishermen in this area, in order to understand what they are and what they are used for, in addition to understanding the implications of using plants for their livelihood and for the conservation of the local biodiversity. For this, semi-structured interviews were carried out, according to the "SnowBall" technique, in the communities of the municipality's headquarters, in Ponta de Areia and Barra de Caravelas. The mentioned species were collected, pressed, identified and deposited in the herbarium. The research data followed a qualitative and quantitative approach, so that the Use Value Index (VU) was calculated. 129 plant species were surveyed, belonging to 48 botanical families, in 89 interviews, as well as eleven categories of use were raised, the most cited being of medicinal use (48,48%). It was possible to verify that female interviewees cited a greater number of plant species of herbaceous size (100%) and those of male species of woody species (57.77%). Of the ten species with the highest VU, nine are native, which showed high cultural importance. It was observed that fishermen select species based on

ancient knowledge, passed on from generation to generation, as well as having the habit of carrying out totally empirical experiments based on the speech of one or the other communitarian and what they have learned from family members. They have extensive knowledge regarding the use of plant species, this knowledge being passed on through generations.

*Keywords:* Atlantic Forest, Traditional Community, Fishermen

## 1. Introdução

Com a expansão das cidades, o crescente aumento da área de plantio de eucalipto, café, mamão, entre outras culturas e a expansão de pastos no Extremo Sul da Bahia, a Mata Atlântica, bioma que já se encontrava em constante degradação, sofreu perda ainda maior de sua mata nativa nas últimas décadas (MMA, 2010a; 2016b; Ponzoni et al., 2019). Segundo Ministério do Meio Ambiente (2002a; 2007b), as três últimas décadas foram as principais a contribuir com a dinâmica de degradação deste bioma e de ecossistemas associados, contribuindo para que menos de 13% da mata original exista atualmente no país (MMA, 2002; Ponzoni et al., 2019).

A Mata Atlântica está na lista dos hotspots de biodiversidade do planeta, por se tratar de um bioma extremamente diverso e por estar em constante degradação (Myers et al., 2000). O Sul da Bahia, por sua vez, é conhecido como um centro de alto endemismo, no qual abrange dois centros, sendo um deles centro de endemismo de plantas (Araújo *et al*, 1998; Rolim & Menezes, 2016;, WWF, 2018; Ostroski et al., 2018); além disso possuir uma das principais matas de tabuleiro do Corredor Central da Mata Atlântica e um dos principais mosaicos de Unidades de Conservação. (Tabarelli *et al*, 2005; Brasil, 2006; Schiavetti *et al*, 2012).

Mesmo com diversas questões que mostram a riqueza e importância dessa região, há unidades de conservação (UC), como a APA Ponta da Baleia, Abrolhos, criada em 1993, que pouco se conhece sobre a biodiversidade e não há dados sobre o uso sustentável dos recursos naturais da área. Esta UC constituiu o Conselho Gestor apenas em junho do ano de 2017, conforme portaria nº 14.373 de 06/2017 e ainda não possui as áreas de uso definidas, bem como não há um levantamento das espécies vegetais utilizadas pelos povos e comunidades tradicionais que nela residem.

A etnobotânica estuda a relação entre o ser humano e as plantas e é por meio do conhecimento tradicional sobre as espécies vegetais que é possível traçar o perfil da comunidade e identificar a forma de uso, a relação com as matas e os costumes daquele povo (Albuquerque, 2002). Levantar dados etnobotânicos contribui para identificação de espécies vegetais de uso das comunidades, bem como a relação do ser humano com a cobertura vegetal natural, que pode ser utilizado como ferramenta essencial para elaboração e implantação de políticas de conservação, planos de

manejo e uso sustentável dos recursos (Martins et al, 2005; Rocha *et* al, 2015). A APA Ponta da Baleia/Abrolhos, tem experimentado uma forte pressão sobre a biodiversidade local e sobre os seus costumes devido a expansão imobiliária e a forte influência da monocultura do eucalipto e da abertura de pastos para a criação de gado.

Entender a relação ser humano-planta requer a compreensão de como e por quê as pessoas de uma região selecionam determinadas plantas para uso (Gaoue et al., 2017). Para isso, diversas Teorias e Hipóteses Amplas vem sendo desenvolvidas para se verificar a possibilidade de se predizer como se dá essa relação pessoas-plantas. Uma destas Hipóteses é a do Valor de Uso, desenvolvida por Phillps & Gentry (1993a,b) que busca determinar a escolha de uma planta a partir de múltiplos aspectos de utilização que convergem para a valorização ou importância de uma certa espécie para aquela comunidade, tais como a família botânica, a forma de vida, a densidade e o tamanho máximo de uma determina espécie vegetal. Outras Hipóteses focam em aspectos como a disponibilidade de plantas em uma determinada região como fonte de predição de uso pelas pessoas locais (Hipótese da Disponibilidade) ou na aparência ecológica de certa planta que pode apresentar a produção de metabólitos secundários que resultam em mais material terapêutico que outras plantas, por exemplo (Hipótese da Disponibilidade Ecológica), possibilitando a predição de uso de uma planta a partir de aspectos mais diretamente observáveis das características biológicas/ecológicas das espécies vegetais (Gaoue et al., 2017).

Dessa forma, o objetivo principal deste estudo é realizar o levantamento das plantas utilizadas por pescadores da comunidade no município de Caravelas que se encontram na APA Ponta da Baleia/Abrolhos no intuito de entender quais são as espécies mais utilizadas e qual a relação desta comunidade com as plantas, contribuindo ainda para futuros planos de manejo e/ou ações que possam gerar o sustento da população e a conservação da biodiversidade locais.

## 2. Material e métodos

### 2.1. Área de estudo

***Área de Estudo***

O trabalho foi realizado na APA Ponta da Baleia/Abrolhos (APB-A), município de Caravelas, Estado da Bahia, criada pelo Decreto Estadual 2.218 de 14 de junho de 1993 (Inema, 2019). A Unidade de Conservação (UC) apresenta 346.535 hectares de área e possui em sua extensão a foz de dois rios importantes para a região, sendo eles o Rio Peruípe e o Rio Alcobaça. O clima é quente, super úmido, tropical, sem estação seca, de acordo com IBGE (2002). A vegetação predominante nos remanescentes de Mata Atlântica da área de estudo é do tipo floresta ombrófila densa que ocupa grande parte dos tabuleiros costeiros e de serras (Dominguez, 2008), mas também estão presentes a Restinga, o Manguezal e ecossistemas aquáticos como rios e lagoas.

A principal atividade do município é a pesca do camarão sete-barbas, seguido pela pesca de espécies de peixes de áreas coralinas, (MMA, 2015). As comunidades foco do presente estudo foram a de Barra de Caravelas, Ponta de Areia e Caravelas (sede do município) cujo território fica posicionado na porção costeira da APA, próximo aos limites dos municípios de Alcobaça, ao Norte, e Nova Viçosa, ao Sul.

O município de Caravelas conta com o número de 850 pescadores artesanais cadastrados no Sistema da Colônia Z-25, distribuídos na APA, entre a sede do município, Ponta de Areia, Barra de Caravelas e na UC vizinha, na Reserva Extrativista de Cassurubá. Ainda não há dados sobre o número de famílias pertencentes a APA, uma vez que o Plano de Manejo desta UC ainda está em constituição e não há publicações deste cunho feita pelo órgão gestor. Acredita-se que em toda área da APA existam, nesse universo de 850 pescadores, aproximadamente 650 pescadores na APA (J.F.C. Silva, com. pess.).

## 2.2. Coleta e análise dos dados

***Estudo Etnobotânico***

***Seleção dos participantes da pesquisa***

Foram realizadas visitas informais para identificar os possíveis colaboradores em associação de moradores e pastorais, e em seguida identificar as principais lideranças locais. Os participantes da pesquisa (*sensu* RESOLUÇÃO CNS Nº 466/2012) inicialmente selecionados foram as lideranças identificadas em cada comunidade. Nesse tipo de abordagem se estabeleceu um *rapport* (confiança mútua entre o pesquisador e os participantes da pesquisa), conforme descrito em Albuquerque et al. (2010). Os

participantes da pesquisa foram considerados entrevistados, informantes ou especialistas. Para determinar um informante ou especialista, levou-se em consideração a quantidade de plantas e informações citadas, a qualidade da informação e a relevância da informação para a presente pesquisa, conforme descrito em Albuquerque et al. (2010).

***Critérios de inclusão e exclusão de participantes***

Os critérios de inclusão dos participantes entrevistados foram: 1. Ser morador da APA da área de Caravelas (sede, Barra de Caravelas ou Ponta de Areia); 2. Estar envolvido com as atividades de pescador ou marisqueira ou ainda fazer parte da família de alguém que desenvolva essas atividades na APA; 3. Ser maior de 18 anos; 4. Pescador aposentado e 5. Ter pescado ou ter se envolvido com pesca em algum momento da vida na área da APA. Em contraponto, o critério de exclusão dos entrevistados foi:

1. Ser morador da APA, mas apresentar qualquer condição, física ou mental, aguda ou crônica, que limite a capacidade de a pessoa responder as perguntas da pesquisa.

## *Entrevistas e TCLE*

Identificado o entrevistado foi realizada a leitura e solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme estabelecido na Resolução CNS Nº 466/2012 e modificado do modelo de Giraldi (2009) e do Modelo de TCLE do CEP-UFSB (2018). Foram feitas visitas durante sete meses para aplicar o questionário. As entrevistas foram semiestruturadas, seguindo um roteiro com perguntas abertas previamente estabelecidas, apresentando grande flexibilidade (Albuquerque & Lucena, 2004), constando de uma parte fixa, tipo questionário com a finalidade de apresentar dados socioambientais e outra com questões abertas para o levantamento das informações sobre as relações das pessoas com as plantas. Todas as entrevistas foram registradas/anotadas em diário de campo e nos formulários (Quadro 1). Todos os materiais resultantes das entrevistas encontram-se guardados no Laboratório de Botânica, Setor de Etnobotânica, da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), sob a responsabilidade do Núcleo ConBioS (Núcleo de Pesquisa em Conservação da Flora, Biologia Evolutiva e Sustentabilidade).

***Amostragem e o Método bola-de-neve (snowball)***

Foi utilizado o método "bola-de-neve" (*snowball*), que trata da seleção intencional de participantes, onde um entrevistado indica outro até esgotar o número de entrevistados (WHA, 1994). A partir do contato inicial com a comunidade e algumas de suas lideranças, foi solicitada a indicação de um primeiro entrevistado, possível informante ou especialista reconhecido/a, que passou a indicar outro/a informante ou especialista e assim sucessivamente até envolver todos/as os/as especialistas da comunidade. Dessa forma, a amostragem é dada pelo esgotamento dos participantes que são indicados uns pelos outros de forma a se interromper o levantamento à medida que novos participantes deixam de ser incluídos na amostra.

***Turnê guiada***

Amostras botânicas das plantas levantadas foram coletadas através de turnês guiadas para posterior identificação no laboratório. No campo, as plantas tiveram as suas características morfológicas e ecológicas anotadas em caderno e/ou formulário de campo. Em seguida, foram levadas para análise no Herbário Prof. Geraldo C.P. Pinto (GCPP) da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB). Foram coletados entre 1 e 5 ramos, de preferência fértil, com flor e/ou fruto, com o auxílio de tesoura de poda ou podão. O material coletado foi prensado com jornal, papelão e prensa, herborizadas em estufa de secagem de plantas do GCPP, segundo técnicas de coletas descritas em Fidalgo & Bononi (1989). Todas as espécies foram fotografadas no campo com ênfase nas principais características para compor o banco de dados de imagem do GCPP. As plantas foram incorporadas ao acervo do Herbário Prof. Geraldo C.P. Pinto (GCPP) da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

***Observação participante***

A observação participante, conforme apresentada em Albuquerque et al. (2010), foi utilizada desde o primeiro momento de contato com as comunidades a fim de se obter informações relevantes à pesquisa, bem como no intuito de complementar o levantamento de informações acerca da vivência da comunidade pesqueira em relação às matas. Para tal, a participação em reuniões de associações, conselhos, oficinas, seminários na comunidade foi realizada em seis momentos distintos. O diário de campo foi a ferramenta utilizada para

anotar as informações, reflexões e captar dados sobre situações ocorridas na APA Ponta da Baleia/Abrolhos.

***Análises quali-quantitativas***

As Análises dos dados foram realizadas de forma qualitativa e quantitativa. A qualitativa buscou entender a relação homem/planta e se houve agregação aos valores culturais, análise realizada através da observação direta (Amorozo *et al*, 2002; Viertler, 2002), uso do diário de campo e do confronto com a literatura existente. Já as avaliações quantitativas interpretaram os dados através do cálculo de valor de usos das espécies, conforme Phillips & Gentry (1993). O uso desse cálculo não necessita a repetição de entrevista com o informante. Onde: **VU** = é o valor de uso para espécies; **U** = é o número de usos mencionados por cada informante para a espécies e **n** = é o número total de informantes. Sendo assim: $\mathbf{VU} = \sum \mathbf{U} / \mathbf{n}$

## 3. Resultados

Foram realizadas oitenta e nove entrevistas com pescadores artesanais da Área de Proteção Ambiental Ponta da Baleia/Abrolhos de Caravelas (APA PB-A) bem como foram realizadas observações dos participantes em duas reuniões do Conselho da Unidade de Conservação, e em cinco reuniões de associações de pesca aberta ao público. A partir de oitenta entrevistas, as indicações começaram a se repetir, desta forma oitenta e nove entrevistas foi o número máximo alcançado. Deste total de entrevistados, 47,19% são do gênero feminino e 52,80% do gênero masculino, os pescadores de ambos os gêneros participantes da pesquisa possuem idade entre 29 e 91 anos, 65,16% possuem o primeiro grau incompleto, 25,84% o segundo grau incompleto e 8,98% possui um curso técnico. Todos os entrevistados são oriundos do município de Caravelas e informaram fazer uso de plantas nativas em sua vida cotidiana. O maior número de citações ocorreu entre o público com maior idade, 63 e 91 anos.

Foram registradas 129 espécies de plantas durante as entrevistas (Tabela 1), 48 famílias botânicas, sendo a família mais diversa a Fabaceae/Leguminosae (13%; N=16), seguida por Myrtaceae (9%; N=11), Arecaceae e Bignoniaceae (5%; N=7), Anacardiaceae e Lamiaceae (5%; N=6), Asteraceae (4%; N=5), Euphobiaceae e Verbenaceae (3%; N=4).

As espécies citadas correspondem a sessenta e cinco árvores, vinte e três arbustos, um destes um arbusto escandente, duas lianas e trinta e nove ervas. Das trinta e nove espécies com hábito herbáceo, o gênero feminino foi responsável por indicar 100% deste hábito e auxiliou a compor em 42,22% o total de noventa espécies com hábito lenhoso (arbustos, árvores e lianas), já o gênero masculino citou espécies com hábito herbáceo que as mulheres já haviam citados, de modo que não houve incremento de espécie diferente das que já haviam sido citadas pelas mulheres, e para espécies de hábito lenhoso os homens contribuíram com 57,77% das informações que compõem a lista.

As categorias com maior número de citações foram a medicinal, 48,48%, e categorias ligadas a pesca, como confecção de barcos e de artigos pesqueiros, 22,5%, o que denota uma comunidade que necessita da vegetação para realizar a atividade pesqueira, bem como para cuidados terapêuticos de sua população.

As espécies *Schizachyrium* sp. (capim-do-mangue), *Avicennia schaueriana* Stapf & Leechm. Ex Moldenke (mangue-preto), *Laguncularia racemosa* (L) C.F. Gaertn (mangue-branco), *Aspidosperma polyneuron* Muell. Arg (Peroba-Branca), *Aspidosperma* sp. (Peroba-Rosa), cipó-manzuá, sem identificação botânica, *Copaifera lucens* Dwyer (copaíba), *Clusia fluminensis* Planch. & Triana (clúsia), *Parkia pendula* (Willd.) Benth. ex Walp. (juerana), *Euterpe edulis* Mart. (juçara), *Paubrasilia echinata* (Lam.) Gagnon, H. C. Lima & G.P. Lewis (pau-brasil), *Solanum aculeatissimum* Jacq. (rebenta-de-cavalo), *Hymenolobium petraeum* Ducke (angelim-côco) e a *Lecythis pisonis* Cambess (sapucaia) foram citadas como plantas utilizadas apenas no passado ou que sua utilização é praticamente irrisória atualmente na APA Ponta da Baleia/Abrolhos, como no caso da *L. racemosa* (mangue-branco). Dessas quinze, a utilização de duas espécies não é mais exercida, mesmo ainda podendo ser facilmente encontrada, como a *S. aculeatissimum* (rebenta-de-cavalo), para doenças e afecções dermatológicas, e o *Schizachyrium* sp. (capim-do-mangue), para fabricação de colchão artesanal, mas, em sua maioria, as espécies não são mais encontradas na APA ou estão em número extremamente pequeno, ou ainda, se encontram fora dos limites da Unidade de Conservação na atualidade. Há indícios nas citações dos pescadores que algumas espécies indicadas como utilizadas no passado sofreram supressão de suas áreas ou que possuíam grande uso para as necessidades da comunidade e que, devido à grande extração local, já não existem hoje.

A *Acrostichum* sp. (samambaia-do-banhado), a *Tibouchina granulosa* (Desr.) Cogn (quaresmeira) e o *Pinus* sp. (pinheiro) foram citadas pelos pescadores da comunidade como espécies utilizadas nos “últimos anos”. A *Acrostichum* sp. (samambaia-do-banhado) passou

a ser coletada para enfeitar igrejas ou festejos, no intuito de compor a ornamentação do local, e a Quaresmeira, que já existia na mata de Caravelas, passou a ser utilizada na composição dos jardins das casas e os canteiros urbanos. O *Pinus* sp. (pinheiro), da mesma forma, passou a compor canteiros e a orla da praia da Barra de Caravelas. Ao todo 85,27% das espécies foram citadas como utilizadas tanto no passado como no tempo atual, 11,63% eram utilizadas apenas no passado e 3,10% passaram a ser utilizadas nos últimos anos. Há uma permanência do uso dessas plantas devido ao fato de ainda estarem disponíveis na área da APA PB-A e também por estarem próximos de suas casas ou áreas comuns de acesso. Espécies que alguns entrevistados indicaram o uso, porém que se encontra longe de sua residência, distantes e em áreas de difícil acesso, há uma menor procura.

Foi possível reconhecer onze categorias de uso, sendo elas: 1) Alimentar; 2) Artesanal; 3) Confecção de Barcos; 4) Artigos de Pesca; 5) Artigos domésticos; 6) Econômico; 7) Medicinal; 8) Construção Civil; 9) Espiritual; 10) Ornamental; e, 11) Combustível. A *Protium heptaphyllum* (Aubl.) Marchand, comumente conhecida como Alméscar ou Amescla, foi a espécie que obteve o maior número de categorias, sendo citada por 88 dos 89 entrevistados. Esta espécie pode ser inserida em oito categorias, são elas a Medicinal, Alimentar, Construção Civil, Espiritual, Econômico, Combustível, Artigos de pesca e Artigos domésticos (Tabela 1).

Quando se analisa as categorias de uso, partindo do princípio que diversas espécies se encaixam em mais de uma categoria, das 129 espécies, é possível verificar que 48,48% delas são utilizadas como uso medicinal, 34,10% como alimentício, 25,58% uso econômico, 19,36% como ornamental, 16,66% como combustível, 15,90% na confecção de artigos de pesca, 11,36% como artesanal, 9,09% uso espiritual, 7,57% na confecção de artigos domésticos e 5,33% para confecção de embarcações e construção civil, respectivamente. Quarenta e seis espécies estão na categoria alimentar e trinta e seis na categoria econômico, destas, vinte e cinco se encaixam, ao mesmo tempo, em ambas categorias. Das doze espécies utilizadas para fins espirituais, nove são utilizadas tanto como espiritual quanto como medicinal.

A alméscar (*Protium heptaphyllum*), além de possuir o maior número de categorias de uso, também obteve maior Índice de Valor de Uso do levantamento, (VU = 2,94). Isto mostra que é uma espécie utilizada por todos os entrevistados e de variadas formas, tornando-se importante para a comunidade da APA PB-A. Logo atrás, está a aroeira (*Schinus terebinthifolia*), (VU = 2,82), espécie esta comumente utilizada na venda direta dos frutos para composição da renda familiar e como alternativa para a pesca. A aroeira é utilizada

para fins medicinais, espirituais, como lenha, fabricação de petrechos de pesca, entre outros. Outras espécies com alto VU são: a mangaba (*Hancornia speciosa* Gomes - VU = 2,51), o caju (*Anacardium occidentale* L. - VU = 2,36), a pitanga (*Eugenia uniflora* L. - VU = 2,26) e a cajazinha (*Spondias mobim* L. - VU = 2,08), espécies de utilização para fins alimentares e econômicos, na venda direta dos frutos ou como doces, polpas, compotas, etc., e para fins medicinais, exceto a *Spondias mobim* L. (cajazinha).

O buri (*Allagoptera caudescens* - VU = 2,06), por sua vez, é uma espécie utilizada na fabricação de artigos de pesca, na construção civil e tem potencial econômico na comunidade, devido a venda direta da madeira para construção de cercas e pontes na região. Mesmo com apenas três categorias de uso, o buri, é uma palmeira amplamente utilizada e é a espécie mais indicada entre os pescadores para as finalidades citadas devido a sua resistência a água comprovada pela experiência e vivência comunitária. Para a ancoragem de barcos é a principal espécie em toda APA.

A *Typha angustifolia* L., taboa-do-brejo (VU = 2,02), foi citada pelos pescadores como uma espécie utilizada na feitura de esteiras, cestos, chapéus, amarração de frutos e caranguejos e se encaixou em quatro categorias de uso, sendo elas: artigos domésticos, artesanal, econômico e artigos para pesca. O mangue-vermelho (*Rhizophora mangle* L. - VU = 2,01), é uma das espécies conhecidas como ”mangue” ainda utilizados pelos catadores de caranguejo de forma moderada ou parca, tanto na fabricação de petrechos de pesca quanto na cura de ferimentos durante o trabalho. Para este processo retira-se a substância tanífera da planta e a aplica no local. A enxota (*Tagetes minuta* L.- - VU = 1,51), é utilizada para fins medicinais e espirituais apenas, no entanto, de acordo com índice de Valor de Uso (VU) é vastamente manipulada entre os comunitários. Na categoria Espiritual é a segunda espécie com maior VU e foi indicada por 83 dos 89 entrevistados (Figura I).

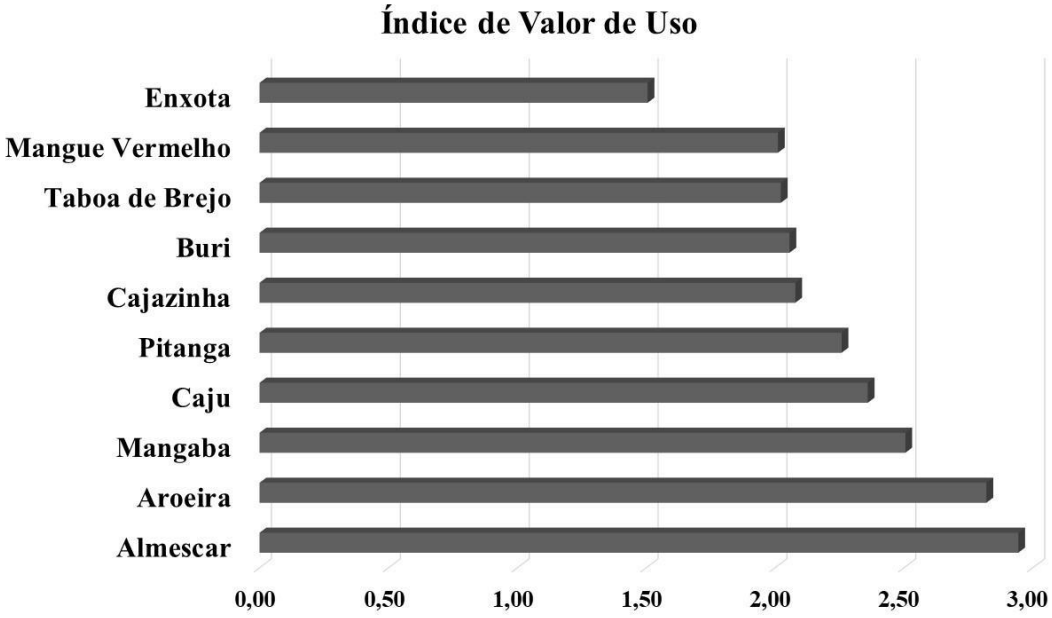



Figura 1- Valor de Uso das dez espécies vegetais mais utilizadas por pescadores e marisqueiras da APA Ponta da Baleia/Abrolhos, munícipio de Caravelas, Bahia.

Das dez espécies com maior índice de Valor de Uso, nove são nativas e apenas a *Tagetes minuta* L. (enxota) é naturalizada, o que denota alta importância cultural no uso de plantas nativas na comunidade da APA PB-A. Além disso, nove dessas dez espécies estão inseridas na categoria econômica, pois os caiçaras passaram a olhar para as plantas que já consumiam com uma perspectiva empreendedora. Desta forma, devido a necessidade de encontrar um eixo como alternativa para pesca, os frutos, flores, folhas, entre outras partes passaram a ser comercializadas.

A forma mais usual de utilização das plantas medicinais na APA PB-A é o chá, uma vez que todos os entrevistados, ao menos uma vez, citou o chá como uma forma de utilização da alguma espécie para fins medicinais. Contudo outras formas indicadas de uso medicinal foram a infusão, decocção para banho, maceração, aplicação direta da resina da espécie no ferimento, xarope, processo no qual se utiliza mel ou açúcar junto na fervura da espécie, e misturada (mistura de ervas com álcool, cebola e alho, podendo variar). Geralmente as misturadas são feitas por pessoas “chave” da comunidade, que conhecem, em detalhes do preparo. A utilização da misturada não é imediata, segundo os relatos, é necessário que as ervas descansem no líquido por dias para que liberem os fluídos e substâncias para o processo de cura seja eficaz.

Legenda: P = Passado / A = Atual

Tabela 1 - Lista de espécies utilizadas pelos pescadores da APA Ponta da Baleia/Abrolhos, município de Caravelas, Bahia, Brasil. Legenda: P = espécie de planta utilizada no passado pelos pescadores/marisqueiras da APA PB-A; A = espécies de plantas utilizadas na atualidade. Valor de Uso = Índice do Valor de Uso calculado com base nos trabalhos de Phillips & Gentry (1993a,b).

| Família/ Espécie | Nome Popular | Hábito | Categoria de Uso | Formas de Uso | Valor de Uso | Época |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Acanthaceae | | | | | | |
| *Avicennia schaueriana* Stapf & Leechm. ex Moldenke | Mangue-preto | Árvore | Combustível | Lenha | 0,96 | P |
| Anacardiaceae | | | | | | |
| *Anacardium occidentale* L. | Caju | Árvore | Medicinal, Alimentar, Econômico, Combustível, Ornamental | Decocto do entrecasco; consumo da castanha e pedúnculo floral; lenha; jardim; venda do caju e da castanha | 2,36 | P, A |
| *Schinus terebinthifolia* Raddi | Aroeira | Árvore | Artigos para pesca, Econômico, Combustível, Ornamental, Medicinal, Espiritual | Madeira para petrecho de pesca; venda dos frutos; lenha; jardim | 2,82 | P, A |
| *Spondias cytherea* Sonn. | Cajamanga | Árvore | Alimentar | Consumo in natura | 0,67 | P, A |
| *Spondias mombim* L. | Cajazinha | Árvore | Alimentar, Econômico | Consumo in natura do fruto; venda do fruto congelado ou in natura | 2,08 | P, A |
| *Spondias purpurea* L. | Siriguela | Arbusto | Econômico, Alimentar, Artigos para pesca | Venda do fruto; consumo do fruto in natura, beneficiamento da polpa do fruto; utilização de partes do tronco para produção de petrecho de pesca | 1,4 | P, A |
| *Tapirira guianensis*Aubl. | Cupuba | Árvore | Combustível | lenha | 0,21 | P, A |
| Apocynaceae | | | | | | |
| *Aspidoderma polyneuron* Muell. Arg | Peroba-Branca | Árvore | Confecção de Barcos, Artigos para pesca, Econômico | Madeira para estrutura de barcos e petrechos de pesca; venda da madeira | 1,11 | P |
| *Aspidoderma* sp. | Peroba-Rosa | Árvore | Confecção de Barcos, Artigos para pesca | Madeira para estrutura de barcos e petrechos de pesca | 1,18 | P |
| *Hancornia speciosa* Gomes | Mangaba | Arbusto | Medicinal, Alimentar, Econômico | Ingestão de resina in natura; consumo in natura dos frutos, suco, doces, licor; venda dos frutos e dos produtos | 2,51 | P, A |
| Arecaceae | | | | | | |

| Família/ Espécie | Nome Popular | Hábito | Categoria de Uso | Formas de Uso | Valor de Uso | Época |
|---|---|---|---|---|---|---|
| *Allagoptera arenaria* Kuntze | Côco-de-sandó | Arbusto | Alimentar, artesanal, artigo para pesca, Econômico | Consumo in natura do fruto; fabricação de chapéu e cestos | 0,48 | P, A |
| *Attalea geraensis* Barb. Rodr. | Côco-naiá | Árvore | Construção civil, Artesanal | Telhados | 0,63 | P, A |
| *Allagoptera caudescens* (Mart.) Kunze | Buri | Árvore | Artigos para pesca, construção civil, Econômico | Escora de barco; caibo para telhado; venda direta do caule | 2,06 | P, A |
| *Bactris setosa* Mart. | Côco-tucum | Árvore | Alimentar, Medicinal | Consumo dos frutos in natura; Misturada com coquinhos | 0,28 | P, A |
| *Cocos nucifera* L. | Coqueiro-da-Bahia (Côco Rosa - variedade Typica Nar.) e (Côco-Anão - variedade Nana Griff.) | Árvore | Medicinal, Alimentar, Econômico, Ornamental | Consumo do albúmen, epicarpo e mesocarpo; engorda do Guaiamum; tronco, bráctea (condonga) e epicarpo para artesanato; jardim; venda direta do côco e das mudas | 0,88 | P, A |
| *Elaeis guineensis* Jacq. | Dendê | Árvore | Alimentar, Econômico | Fabricação do óleo de dendê; engorda do Guaiamum; venda do óleo | 0,73 | P, A |
| *Euterpe edulis* Mart. | Juçara | Árvore | Alimentar | Consumo do palmito | 0,19 | P |
| Asparagaceae | | | | | | |
| *Sansevieria trifascaiata* Prain. | Espada-de-São-Jorge | Erva | Espiritual, Ornamental | Coloca-se na porta de casas para deter o "mau olhado" ou uma rama, dividida em 7 partes, são adicionadas a um banho com outras ervas também para mau olhado | 0,85 | P, A |
| Asteraceae | | | | | | |
| *Acanthospermum hispidum* DC. | Pique-mineiro | Erva | Medicinal | Chá das folhas | 0,71 | P, A |
| *Ageratum conizoides* L. | Mentrasto | Erva | Medicinal | Chá e infusão | 0,8 | P, A |
| *Bidens pilosa* L. | Pique-agulha | Erva | Medicinal | Chá das folhas | 0,73 | P, A |
| *Tagetes minuta* L. | Enxota | Erva | Medicinal, Espiritual | Decocto das folhas para banho; Reza com folhas | 1,51 | P, A |
| *Vernonia* sp. | Assa peixe | Arbusto | Medicinal, Alimentar | Chá; Preparado frito empanado | 0,85 | P, A |
| Bignoniaceae | | | | | | |
| *Handroanthus* chrysotricus (Mart. ex DC.) Mattos | Ipê-amarelo | Árvore | Ornamental, Combustível | Jardim; lenha | 0,37 | P, A |
| *Handroanthus heptaphyllus* (Vell.) Mattos | Ipê-rosa | Árvore | Ornamental, Combustível | Jardim; lenha | 0,17 | P, A |

| Família/ Espécie | Nome Popular | Hábito | Categoria de Uso | Formas de Uso | Valor de Uso | Época |
|---|---|---|---|---|---|---|
| *Handroanthus impetiginosus* (Mart. Ex DC.) Mattos | Ipê-roxo | Árvore | Ornamental, Combustível | Jardim; lenha | 0,11 | P, A |
| *Jacaranda puberula* Cham. | Carobinha | Arbusto | Medicinal | Decocto das folhas para banho | 0,69 | P, A |
| *Mansoa alliacea* (Lam.) A. Gentry | Cipó-alho | Arbusto semi trepador | Medicinal, Espiritual | Decocto do cipó; queima do cipó (defumador) | 0,55 | P, A |
| *Tabebuia cassinoides*(Lam.) D. C. | Gaxeta | Árvore | Artigos para pesca, Artesanato, Combustível, Artigos domésticos, Econômico | Madeira para petrechos de pesca; madeira para artesanato nativo; lenha; móveis; venda da madeira | 1,25 | P, A |
| *Tynanthus fasciculatus* Miers | Cipó-cravo | Liana | Medicinal | Decocto do cipó para banho | 0,38 | P, A |
| Bromeliaceae | | | | | | |
| *Tillandsia stricta* Sol. ex Ker Gawl. | Gravatá-pinto | Erva | Medicinal, Ornamental | decocto das brácteas; jardim | 0,27 | P, A |
| Burseraceae | | | | | | |
| *Protium heptaphyllum* (Aubl.) Marchand | Almescar | Árvore | Medicinal, Construção Civil, Espiritual, Econômico, Combustível, Artigos domésticos, Artigos para pesca | Maceração do entrecasco; Vigas; Reza com folhas e incenso da resina; Venda resina; Lenha; Fruto para saborização da água; Madeira para petrecho de pesca | 2,94 | P, A |
| Cactaceae | | | | | | |
| *Cereus hexagonus* (l.) mil | Cacto (fruto branco) | Arbusto | Alimentar | Consumo in natura | 0,10 | P, A |
| *Opuntia cochenillifera* (l.) Mill. | Cacto (fruto rosa) | Arbusto | Alimentar | Consumo in natura | 0,15 | P, A |
| Calophyllaceae | | | | | | |
| *Mammea americana* L. | Abricó | Árvore | Alimentar/ Artesanal | Suco, compotas, doces; Madeira para artesanato | 0,51 | P, A |
| Canabaceae | | | | | | |
| *Trema micrantha* (L.) Blume | Periquiteira/ Birindiba | Árvore | Artigos domésticos, Artigos para pesca e Combustível | Confecção de bancos; confecção de petrechos de pesca; lenha | 0,62 | P, A |
| Chenopodiaceae | | | | | | |
| *Chenopodium ambrosioides* L. | Mastruz | Erva | Medicinal | Sumo das folhas | 0,63 | P, A |
| Chrysobalanaceae | | | | | | |
| *Chrysobalanus icaco* L. | Guairú | Árvore | Alimentar, Medicinal, Econômico | Consumo in natura; chá das folhas; venda das folhas secas | 0,84 | P, A |
| *Licania tomentosa* (Benth.) Fritsch | Oiti | Árvore | Ornamental, Combustível, Artesanal | Jardim; lenha; semente para artesanato | 0,12 | P |

| Família/ Espécie | Nome Popular | Hábito | Categoria de Uso | Formas de Uso | Valor de Uso | Época |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Clusiaceae | | | | | | |
| *Clusia fluminensis* Planch. & Triana | Crúsia/Clúsia | Árvore | Ornamental, Combustível | Jardim; lenha | 0,11 | P |
| *Garcinia gardneriana* (Planch. & Triana) Zappi | Bacupari | Árvore | Alimentar, Econômico | Consumo in natura; venda direta | 0,88 | P, A |
| Convovulaceae | | | | | | |
| *Ipomoea pes-caprae* (L.) R. Br. | Baronesa-da-praia | Erva | Medicinal, Artesanal | Resina em feridas; fruto para artesanato | 0,85 | P, A |
| Combretaceae | | | | | | |
| *Laguncularia racemosa* (L) C.F. Gaertn. | Mangue-Branco | Árvore | Construção civil, Artigos para pesca, Combustível | Madeira para caibos de telhado; petrechos de pesca; lenha | 1,27 | P |
| *Terminalia catappa* L. | Amêndoa | Árvore | Confecção de Barcos, Alimentar, Artigos domésticos | Madeira para estrutura da embarcação | 1,35 | P, A |
| Crassulaceae | | | | | | |
| *Kalanchoe* sp. | Saião | Erva | Medicinal | Chá, infusão para doenças ginecológicos | 1,11 | P, A |
| Cucurbitaceae | | | | | | |
| *Crescentia cujete* L. | Cabaça | Árvore | Artesanal, Econômico | Cabaça para berimbau; venda da cabaça | 0,19 | P, A |
| *Luffa aegyptiaca* Mill. | Bucha | Erva | Medicinal, Econômico | Decocção para banho; Venda direta do fruto | 0,39 | P, A |
| *Momordica charantia* L. | Melão-de-São-Caetano | Erva | Medicinal | Sumo das folhas | 0,66 | P, A |
| Euphorbiaceae | | | | | | |
| *Jatropha gossypiifolia* L. | Pinhão-Roxo | Arbusto | Espiritual, Medicinal | Banhos, planta-se na entrada das casas, no jardim, para "espantar mau olhado" | 0,79 | P, A |
| *Joannesia princeps*Vell. | Boleira | Árvore | Combustível | Lenha | 0,55 | P, A |
| *Phyllantus amarus* Schumach. | Quebra–pedra | Erva | Medicinal | Chá par doenças renais, infusão | 1,19 | P, A |
| *Ricinus communis* L. | Mamona | Arbusto | Medicinal | Decocto das folhas para banho | 0,7 | P, A |
| Fabaceae | | | | | | |
| *Adenanthera* sp. | Tento | Erva | Artesanal, Econômico | Sementes para artesanato; venda do artesanato | 0,44 | P, A |
| *Adenanthera pavonina* Linnaeus | Pau-Brasil-falso | Árvore | Artesanal, Ornamental | Sementes para artesanato; Jardim | 0,36 | P, A |
| *Calliandra* sp. | Me dá um beijo que eu te digo | Arbusto | Ornamental | Jardim | 0,38 | P, A |
| *Bauhinia forficata* Link | Pata de vaca | Árvore | Medicinal, Ornamental | Chá das folhas; Jardim | 0,53 | P, A |

| Família/ Espécie | Nome Popular | Hábito | Categoria de Uso | Formas de Uso | Valor de Uso | Época |
|---|---|---|---|---|---|---|
| *Cassia occidentalis* L. | Fedegoso | Árvore | Ornamental | Jardim | 0,88 | P, A |
| *Copaifera lucens* Dwyer | Copaíba | Árvore | Medicinal | Decocto do entrecasco e óleo | 0,36 | P |
| *Dalbergia ecastaphyllum* (L.) Taubert | Rabo de Bugio | Arbusto | Medicinal, Artesanal | Resina vermelha direto ferimento | 0,3 | P, A |
| *Hymenaea courbaril* L. | Jatobá | Árvore | Artigos para pesca | Madeira para petrechos de pesca | 0,81 | P, A |
| *Hymenolobium petraeum* Ducke | Angelim-Côco | Árvore | Confecção de barcos, Artigos para pesca, Econômico, Construção Civil, Artigos domésticos, Artesanato | Estrutura de embarcação; petrecho de pesca; venda da madeira; caibos, colunas; bancos, mesas, cadeiras; artesanato | 0,98 | P |
| *Inga edulis* Mart. | Ingá de metro | Árvore | Alimentar, Econômico | Consumo do fruto | 0,25 | P, A |
| *Inga* sp. | Ingá | Árvore | Alimentar, Medicinal, Econômico | Consumo in natura dos frutos; decocto das folhas para banho; venda dos frutos | 0,89 | P, A |
| *Canavalia* sp. | Feijão-da-praia-marrom | Arbusto | Artesanal | Sementes para artesanato | 0,13 | P, A |
| *Melanolylon brauna* Schott | Braúna | Árvore | Artigos para pesca | Madeira para estrutura da embarcação | 0,98 | P, A |
| *Parkia pendula* (Willd.) Benth. ex Walp. | Juerana | Árvore | Artigos para pesca, econômico, Combustível, Construção Civil | Confecção de petrechos de pesca; venda da madeira; lenha; confecção de mesas, cadeiras | 0,22 | P |
| *Paubrasilia echinata* (Lam.) E. Gagnon, H. C. Lima & G.P. Lewis | Pau-Brasil | Árvore | Artesanal, Ornamental | Sementes para artesanato; Jardim | 0,43 | P |
| *Stryphnodendron adstringens* (Mart.) Coville | Barbatimão | Arbusto | Medicinal | Chá, decocto para vaporização uterina, banho de assento, com o entrecasco | 1,51 | P, A |
| *Tamarindus indica* L. | Tamarindo | Árvore | Medicinal, Alimentar, Econômico | Chá dos frutos e folhas; Consumo in natura dos frutos, licor, doces; Venda dos frutos in natura e produtos | 0,69 | P, A |
| Heliconiaceae | | | | | | |
| *Heliconia* sp. | Paqui-vira | Erva | Ornamental | Jardim | 0,2 | P, A |
| Lamiaceae | | | | | | |
| *Leonotis nepetaefolia* L. | Beijo-de-Frade | Erva | Medicinal | Infusão e misturada | 0,48 | P, A |
| *Mentha* sp. | Alevante | Erva | Medicinal | Misturada, Chá e infusão das folhas | 0,75 | P, A |

| Família/ Espécie | Nome Popular | Hábito | Categoria de Uso | Formas de Uso | Valor de Uso | Época |
|---|---|---|---|---|---|---|
| *Ocimum basilicum* L. | Manjericão | Erva | Medicinal, Espiritual, Alimentar | Chás das folhas, misturada; Reza com folhas; Tempero na confecção de pratos | 1,01 | P, A |
| *Ocimum selloi* Benth. | Alfavaca | Erva | Medicinal, Alimentar | Chá, infusão, tempero | 0,89 | P, A |
| *Ocimum* sp. | Alfazema de Caboclo | Erva | Medicinal; Artigos domésticos, Espiritual | Chá das folhas e inflorescência; Maceração para tirar odor de mariscos da pele | 0,90 | P, A |
| *Ocimum* sp. | Manjerona | Erva | Medicinal, Alimentar | Chás das folhas; tempero na confecção de pratos | 0,51 | P, A |
| Lauraceae | | | | | | |
| *Nectandra* sp. | Louro-Vermelho | Árvore | Confecção de Barcos, Artigos para pesca, Artigos comésticos | Madeira para estrutura de barcos e petrechos de pesca | 0,96 | P, A |
| *Persea americana* Mill. | Abacate | Árvore | Medicinal, Combustível, Alimentar | Chá, fruto in natura, óleo da semente; lenha | 0,88 | P, A |
| Lecythicidaceae | | | | | | |
| *Eschweilera ovata* (Cambess.) Mart ex Miers | Biriba | Erva | Medicinal | Misturada | 0,08 | P, A |
| *Lecythis lurida* (Miers) S.A. Mori | Inuíba | Árvore | Combustível, Artigos de pesca, Artesanato | Lenha; petrecho de pesca; artesanato | 0,33 | P, A |
| *Lecythis pisonis* Cambess. | Sapucaia | Árvore | Confecção de Barcos, Espiritual | Madeira para estrutura da embarcação; Representa símbolo de vitalidade para os antigos | 0,48 | P |
| Malvaceae | | | | | | |
| *Abutilon bedfordianum* (Hook.) A. St.Hil. & Naud. | Malva | Arbusto | Medicinal | chá, xarope ou infusão das folhas e flores | 1,18 | P, A |
| Malphighiaceae | | | | | | |
| *Byrsonima crassifolia* (L.) Rich. | Murici | Árvore | Alimentar | Consumo in natura dos frutos | 0,36 | P, A |
| *Malphighia glabra* L. | Acerola | Arbusto | Medicinal, Econômico, Alimentar, Ornamental | Chá das folhas; Venda in natura e ou polpa congelada; Bebidas, doces; Jardim | 1,11 | P, A |
| Melastomataceae | | | | | | |
| *Miconia albicans* (SW.) Triana | Canela-de-Velho | Arbusto | Artigos para pesca, Medicinal | Madeira para petrecho de pesca e estrutura da embarcação; chá infusão das folhas | 0,67 | P, A |

| Família/ Espécie | Nome Popular | Hábito | Categoria de Uso | Formas de Uso | Valor de Uso | Época |
|---|---|---|---|---|---|---|
| *Tibouchina granulosa* (Desr.) Cogn. | Quaresmeira | Erva | Ornamental | Jardim, canteiros | 0,2 | A |
| Meliaceae | | | | | | |
| *Cedrela fissilis* Vell. | Cedro | Árvore | Confecção de Barcos, Artigos para pesca, Econômico | Madeira para estrutura da embarcação e para petrechos de pesca; venda direta da madeira | 0,71 | P, A |
| Moraceae | | | | | | |
| *Artocarpus altilis* (breadfruit). | Fruta-pão | Árvore | Artigos domésticos, econômico e Alimentar | Confecção de mesas, bancos; venda do fruto; consumo do fruto | 0,48 | P, A |
| *Artocarpus heterophyllus* Lam. | Jaqueira | Árvore | Confecção de Barcos, Artigos domésticos | Madeira para estrutura dos barcos; móveis | 0,78 | P, A |
| *Ficus doliaria* (Miq.) Mart. | Gameleira | Árvore | Espiritual | Representa símbolo de vitalidade para os antigos | 0,13 | P, A |
| Myrtaceae | | | | | | |
| *Eugenia uniflora* L. | Pitanga | Arbusto | Medicinal, Alimentar, Econômico | Chá das folhas; Consumo dos frutos in natura, polpa, doces, bebidas; Venda dos frutos e produtos | 2,26 | P, A |
| *Eucalyptus* sp. | Eucalipto | Árvore | Combustível, Construção Civil, Medicinal, Artigos domésticos | Lenha; caibos, vigas; chá para dor de cabeça; bancos | 0,93 | A |
| *Myrtus* sp. | Murta-do-Mangue | Árvore | Combustível, Construção Civil, Artigos para pesca, Artigos domésticos, Artesanato | Lenha; vigas, caibos; petrechos de pesca; bancos; artesanato | 0,78 | P, A |
| *Myrtus* sp. | Murtim | Árvore | Alimentar, Combustível | Consumo in natura dos frutos; lenha | 0,73 | P, A |
| *Plinia cauliflora* (Mart.) Kausel | Jabuticaba | Árvore | Alimentar, Medicinal, Ornamental, Econômico | Consumo in natura dos frutos; decocto do entrecasco e folhas para banho; venda direta dos frutos | 0,62 | P, A |
| *Plinia* sp. | Cambucá | Arbusto | Alimentar, Combustível, Econômico | Consumo in natura do fruto, Cachaça com fruto; Lenha | 0,73 | P, A |
| *Psidium araca* Raddi. | Araçá | Árvore | Alimentar/Artesanal | Suco, compotas, doces, cachaça; Madeira para artesanato | 0,96 | P, A |
| *Psidium guajava* L. | Goiaba-vermelha | Árvore | Alimentar, Medicinal, Ornamental, Econômico | Consumo in natura dos frutos, polpa, doces, compotas; chá das folhas; jardim; | 0,55 | P, A |

| Família/ Espécie | Nome Popular | Hábito | Categoria de Uso | Formas de Uso | Valor de Uso | Época |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | venda dos produtos à base do fruto | | |
| *Psidium* sp. | Araçá-cagão | Árvore | Alimentar | Suco, consumo in natura | 0,45 | P, A |
| *Syzygium cumini* (L.) Skeels | Jamelão | Árvore | Alimentar, Combustível | Consumo in natura dos frutos; lenha | 0,44 | P, A |
| *Syzygium samarangense* (Blume) Merr. & L.M. Perry | Jambo | Árvore | Alimentar, Artigos domésticos | Consumo do fruto; confecção de bancos | 0,38 | P, A |
| Oxilalidaceae | | | | | | |
| *Averrhoa bilimbi* L. | Biribiri | Árvore | Alimentar | Consumo do fruto | 0,99 | P, A |
| *Averrhoa carambola* L. | Carambola | Árvore | Alimentar, Medicinal, Econômico | Consumo in natura do fruto; xarope das flores; compota, doces | 0,67 | P, A |
| Papaveraceae | | | | | | |
| *Argemone mexicana* L. | Cardo Santo | Erva | Medicinal, Espiritual | Chá das folhas; reza com folhas | 0,37 | P, A |
| Pinaceae | | | | | | |
| *Pinus* sp. | Pinheiros | Árvore | Ornamental | Jardim e canteiros | 0,16 | A |
| Piperaceae | | | | | | |
| *Piper* sp.1 | Jaborandi | Erva | Medicinal, Alimentar, Econômico | Maceração das folhas e aplicação direta; Mistura de cachaça com as folhas; Venda da cachaça misturada | 0,63 | P, A |
| *Piper* sp.2 | Maria-preta | Erva | Medicinal | Chá das folhas | 0,26 | P, A |
| Phytolaccaceae | | | | | | |
| *Petiveria alliacea* L. | Tipi/Capim-guiné | Erva | Medicinal, Espiritual | Decocto das folhas e inflorescências para banho; Decocto das folhas e inflorescências e reza com as folhas | 1,44 | P, A |
| Plantaginaceae | | | | | | |
| *Plantago major* L. | Transagem | Erva | Medicinal | Chá e infusão para doenças ginecológicas | 1,24 | P, A |
| Poaceae | | | | | | |
| *Cymbopogon citratus* (DC) Stapf | Capim-Santo | Erva | Medicinal, Alimentar | Chá das folhas; chá das folhas | 1,48 | P, A |
| *Schizachyrium* sp. | Capim-do-mangue | Erva | Artigos para pesca | Amarras (como cordas) | 0,73 | P |
| Polypodiaceae | | | | | | |
| *Acrostichum* sp. | Samambaia-do-banhado | Erva | Ornamental | Enfeites | 0,04 | A |
| *Nephrolepis* sp. | Samambaia | Erva | Ornamental | Jardim | 0,19 | P, A |
| Punicaceae | | | | | | |

| Família/ Espécie | Nome Popular | Hábito | Categoria de Uso | Formas de Uso | Valor de Uso | Época |
|---|---|---|---|---|---|---|
| *Punica granatum* L. | Romã | Arbusto | Medicinal | Consumo in natura do fruto para dores de garganta | 0,48 | P, A |
| Rhizophoraceae | | | | | | |
| *Rhizophora mangle* L. | Mangue-Vermelho | Árvore | Medicinal, Artigos para pesca, Combustível, Construção civil | Substância tanífeira aplicada no ferimento; Petrechos de pesca; lenha; Madeira para caibos de telhado, vigas e colunas | 2,01 | P, A |
| Rosaceae | | | | | | |
| *Rubus fruticosus* L. | Amora | Árvore | Alimentar, Medicinal | Frutos in natura, bebidas, compotas, doces; Chá e infusão das folhas | 0,89 | P, A |
| Rubiaceae | | | | | | |
| *Genipa americana* L. | Jenipapo | Árvore | Artigos para pesca, Artesanato, Alimentar, Econômico | Madeira para petrechos de pesca e artesanato; fruto para consumo in natura, Licor de Jenipapo; venda do fruto e do licor | 1,35 | P, A |
| Rutaceae | | | | | | |
| *Citrus aurantium* L. | Laranja-da-Terra | Arbusto | Medicinal, Alimentar, Econômico | Decocto das folhas para banho; consumo do fruto; venda do fruto in natura | 0,21 | P, A |
| *Ruta graveolens* L. | Arruda | Erva | Medicinal, Espiritual | Misturada; reza com folhas | 1 | P, A |
| Solanaceae | | | | | | |
| *Cestrum laevigatum* Schltdl. | Corana | Arbusto | Medicinal | Para doenças adquiridas pelo ser humano e advindas de animais como cachorros, cavalos, entre outros, coloca-se no quintal, ramos de corana para matar as doenças | 0,78 | P, A |
| *Solanum aculeatissimum* Jacq. | Rebenta-de-cavalo | Erva | Medicinal | Passar na pele para combater doenças dermatológicas | 0,37 | P |
| Thyphaceae | | | | | | |
| *Typha angustifolia* L. | Taboa-de-Brejo | Erva | Artigos doméstico, artesanal, Econômico, Artigos para pesca | Feitura de esteira, cestos, chapéus, amarração de verduras e de caranguejos | 2,02 | P, A |
| Turneraceae | | | | | | |
| *Turnera ulmiflia* L. | Maria-do-Sol | Erva | Medicinal, Ornamental | Chá das folhas; jardim | 0,69 | P, A |
| Urticaceae | | | | | | |
| *Cecropia hololeuca* Miq | Imbaúba | Árvore | Medicinal | Decocto das folhas para banho | 0,97 | P, A |

| Família/ Espécie | Nome Popular | Hábito | Categoria de Uso | Formas de Uso | Valor de Uso | Época |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Verbenaceae | | | | | | |
| *Lantana camara* L. | Cambará-Branco / Vermelho- | Erva | Medicinal | chá, xarope ou infusão das folhas e flores | 0,51 | P, A |
| *Lantana* sp. | Cambará Rosa | Erva | Medicinal | chá, xarope ou infusão das folhas e flores | 0,43 | P, A |
| *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br | Erva-Cidreira | Erva | Medicinal, Alimentar, Ornamental, Econômico | Chá das folhas; chá das folhas; jardim; venda das folhas desidratadas ou ramos frescos | 1,12 | P, A |
| *Stachytarpheta jamaicensis* (L.) Vahl. | Gervão | Erva | Medicinal | Chá, infusão, tempero | 0,84 | P, A |
| Sem identificação botânica | | | | | | |
| | Cipó-Manzuá (cipó não encontrado há mais de 20 anos) | Liana (segundo descrição do informante) | Artigos para pesca | Fabricação de petrecho de pesca (cesto) e samburá | 0,51 | P |

## 4. Discussão

A comunidade de pescadores e marisqueiras da artesanais da Área de Proteção Ambiental Ponta da Baleia/Abrolhos de Caravelas (APA PB-A) possui um conhecimento semelhante entre homens e mulheres no uso das plantas, uma vez que as espécies utilizadas na APA são conhecidas por pessoas de ambos os gêneros. Estes resultados eram esperados para comunidades de pescadores conforme encontrado em outros estudos para a região de Mata Atlântica (p.e.x Hazanaki et al., 1996; Miranda et al., 2011; Lopes &Lobão, 2013), mas o conhecimento sobre as plantas medicinais parece ser sempre maior para o gênero feminino (Borges & Peixoto, 2009; Crepaldi & Peixoto, 2009; Miranda et al., 2011). O maior conhecimento sobre as plantas medicinais podem ser uma resposta ao alto número de espécies vegetais presentes em quintais e que possuem hábito herbáceo, já que a retirada de plantas de quintais na amostragem realizada por Lopes & Peixoto (2013) resultou em um maior número de citações do gênero masculino para as plantas medicinais. Contudo, Hanazaki et al. (2000) argumentam que ao se aumentar o número de entrevistados, diminui o número de citações das plantas medicinais pelas mulheres. No presente estudo, o número de entrevistados parece ter atingido o máximo de especialistas da comunidade da APA PB-A, o que mostra que a variação do conhecimento etnobotânico entre os gêneros está

relacionado com o componente cultural de cada comunidade, conforme preconizou Pffeifer & Butz (2005).

A elevada idade dos informantes que apresentaram maior amplitude de uso das espécies mostra que provavelmente o conhecimento é tão ou mais antigo que meio século de convivência, uma vez que os entrevistados com maior conhecimento sobre as espécies possuíam mais de 60 anos. Pessoas com mais de 40 anos que detêm a maior parte do conhecimento sobre o uso das espécies vegetais foram encontradas em comunidades quilombolas (Crepaldi & Peixoto, 2010) e caiçaras (Hanazaki et al., 2009; Hanazaki et al., 2000; Borges & Peixoto, 2009) do litoral brasileiro, bem como em outras comunidades sul-americanas (p.ex. Phillips & Gentry, 1993b). Apesar de não ter sido incluídos crianças e adolescentes na presente pesquisa, o método bola de neve revelou como informante indivíduos acima de 29 anos, o que pode indicar que o maior conhecimento resulta de uma maior vivência na comunidade.

Todos os entrevistados são oriundos do município de Caravelas e informaram fazer uso de plantas nativas em sua vida cotidiana. O grau de escolaridade da maior parte dos entrevistados indicaram poucos anos de estudos com predominância de pessoas com o Fundamental II (6º ao 9º anos) incompleto. Esta realidade é muito comum entre as comunidades pesqueiras do litoral brasileiro, de modo que 83,6% do pescadores registrados no Brasil possuem ensino fundamental incompleto (Alencar e Maia, 2011), bem como entre as comunidades rurais do interior do país (Pereira e Castro, 2019; Confortim *et al*, 2016). O perfil das comunidades tradicionais são muito semelhantes ao encontrado neste estudo (Santos e Silva, 2014; Barbosa *et al*, 2016). Os povos ou comunidades tradicionais são grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (Decreto 6.040/2007). O presente estudo entende como comunidade tradicional os pescadores e marisqueiras que vivem e retiram o seu sustento na APA PB-A, a partir do entendimento de seus relacionamento etonobotânico local.

Das etnoespécies utilizadas pelas pessoas da comunidade da APA PB-A, a maioria é nativa e tem sido utilizada desde o passado de forma extrativista. Os estudos etnobotânicos em comunidades pesqueiras da Mata Atlântica tem revelado que essas comunidades utilizam grande número de espécies nativas (Amorim *et al*, 2015; Carneiro, Barbosa e

Menezes, 2010) confirmando a importância da sociobiodiversidade dessas comunidades ribeirinhas (Albuquerque *et* al, 2015; Souto, 2005).

A comunidade pesqueira da APA PB-A tem costume de ingerir chás, infusões, realizar vaporizações, banhos corporais e de assento como medidas profiláticas. Segundo Leite et al (2015), a forma de uso de chás para o tratamento de doenças é bastante comum no sertão paraibano e também em outras localidades do Nordeste (p.e.x Tôrres et al., 2005), o que parece dever-se a maior facilidade na preparação e ingestão diante das partes das plantas como folhas, cascas e raízes.

Da mesma maneira, o uso de plantas para finalidades espirituais ocorre tanto de maneira preventiva como quando se é verificada para diversas doenças espirituais. As benzedeiras, mulheres que exercem o papel de curandeiras das doenças espirituais e físicas da comunidade pesqueira da APA PB-A, são comumente procuradas pelos moradores do local. Abera (2014) e Maciel & Neto (2006) apresentam o tratamento de diversas doenças físicas e espirituais por curandeiras do Mato Grosso utilizando espécies vegetais. As mulheres, na APA PB-A, apareceram como as principais detentoras de conhecimento acerca de plantas para uso medicinal e espiritual, o que corrobora com os estudos de Fonseca-Kruel & Peixoto (2014), Lopes & Lobão (2013), Merétika & Hanazaki (2008), Santos *et al* (2018) e Vásquez *et al* (2014), mostrando como as mulheres em comunidades com diferentes perfis sócio-culturais parecem deter o maior conhecimento sobre o uso das plantas para tratar enfermidades físicas e espirituais.

No que se refere a utilização de espécies vegetais na confecção de barcos é interessante ressaltar que grande parte das indicações já não são mais coletadas atualmente, devido o fato de já não ter mais exemplares em quantidade razoável para se realizar a retirada e manter a espécie existente na localidade. A confecção de barcos na APA PB-A se dá apenas por meio da compra de madeira no mercado, o que gera um custo significativamente alto para o pescador por se tratar de uma madeira oriunda do Estado do Pará. Santos *et* al (2015) e Meireles *et al* (2018), também relatam sobre a utilização no passado de madeira nativa para confecção de barcos e, na atualidade, a compra de madeiras advindas do Estado do Pará. Há uma significativa preocupação dos pescadores em não encontrar indivíduos dessas espécies no território caravelense. O trabalho de Amorim *et al* (2019) e Nascimento *et al* (2019) falam sobre a importância da conservação das espécies vegetais para que, também, se mantenha viva as práticas comunitárias, como a confecção de embarcações e petrechos de pesca.

Diegues *et al.* (1999), evidencia que comunidades tradicionais têm na sua história o hábito de experimentar espécies e observar na prática o resultado obtido. Além dos testes, os caiçaras citaram a relação de seleção das espécies com fenômenos naturais, relacionando a percepção da natureza, de uma forma mítica, às suas escolhas. Posição do vento, estação do ano, período do dia, fase da lua e precipitação são exemplos de fenômenos que foram citados como prerrogativa para a coleta da espécie, tal como relata Pereira e Diegues (2010).

Em relação as espécies utilizadas na construção civil, o panorama de utilização mudou bastante nas últimas décadas, conforme conhecimento levantado na comunidade. Com o acesso a materiais para construção de casas de alvenaria, os pescadores passaram a modificar suas casas e diminuíram as coletas de madeira de diversas espécies nativas, como a *P. heptaphyllum* (Álmescar), *A. caudescens*-(Buri), *L. racemosa* (Mangue Branco), *Aspidoderma* sp. (Peroba-Rosa) e *C. fissilis* (Cedro), por exemplo. Para a cobertura das casas utilizavam o *A. geraensis* (Côco-Naiá) e coqueiros. Na mata era feita a coleta do tronco da planta, de forma que, essa ação acontecia de forma agressiva para a planta, pois não sobrava praticamente nada, levando-a a morte, ou arrancava-se o indivíduo inteiro para suprir a necessidade da construção da casa, tal como foi verificado na Unidade de Conservação Reserva Extrativista Delta do Parnaíba, levantado por Meireles *et al* (2018). As plantas que foram adequadas para a categoria Artigos domésticos, tem em sua função básica, compor a casa do pescador, como os bancos, cadeiras, mesas e esteiras, por exemplo. Essas espécies, tal como as que eram utilizadas para a construção civil, eram retiradas quase que em sua totalidade, e também causavam morte da planta. Décadas atrás esses pescadores retiravam partes ou indivíduos inteiros de algumas espécies para fim pessoal, de trabalho ou comercial na APA PB -A, no entanto a quantidade de pessoas que realizavam essa extração era menor do que a população que existe hoje. É importante ressaltar que alguns pescadores relataram a importância de se ter áreas guarda dessas e de outras espécies, tanto para que a região conserve suas matas quanto para que os moradores possam extrair alguns indivíduos das espécies e manter as tradições dessa comunidade.

Os resultados do Índice do Valor de Uso (VU) mostraram que as nove das dez espécies com maior índice são nativas e estão inseridas em nove das onze categorias de uso estabelecidas, o que mostra a versatilidade e a permanência de uso das espécies locais. O Valor de Uso na APA PB-A que, por sua vez, evidencia quanto uma espécie é utilizada na comunidade, está atrelado ao fato de que a necessidade de encontrar alternativas para a pesca, por meio da comercialização de frutos, flores, folhas, entre outras partes das plantas,

para incorporar a receita familiar, fez aumentar a procura e o uso de diversas espécies. A concepção de comercialização e empreendedorismo, de modo que partes das plantas passaram a ser beneficiadas e ganhou, por consequência, valorização de mercado, foi uma estratégia que se estendeu pela comunidade. Esse nicho de trabalho numa comunidade pesqueira foi uma maneira de reinventar as possibilidades financeiras. Os pescadores não deixaram de exercer sua função, no entanto somaram esse eixo de negócio em seu cotidiano.

Essas espécies com maior Índice de VU estão vinculadas, principalmente, ao uso alimentar, econômico, espiritual, medicinal e à confecção de artigos de pesca, o que salienta que essas espécies mais demandadas estão ligadas diretamente as necessidades da vida do pescador. Isto corrobora com as hipóteses da escolha das espécies a partir dos múltiplos usos que uma determinada espécie possui (Phillps & Gentry, 1993a,b), que pode também ser relacionada à sua versatilidade (p.ex. Alencar *et al.*, 2006), bem como a disponibilidade local da espécies (Albuquerque, 2006). Dessa forma, a Hipótese do Valor de Uso (Phillips & Gentry, 1993a,b) parece ser a mais adequada para se entender como os pescadores da APA PB-A escolhem as plantas para sua utilização, já que essa hipótese diz que a escolha de uma dada comunidade está diretamente relacionada com a família botânica, a forma de vida, a abundância local (densidade) e/ou o tamanho máximo das espécies enquanto as outras hipóteses e Teorias focam em apenas um desses aspectos (Gaoue *et al.*, 2017).

Por se tratar de um eixo de negócio importante para a renda local e que aponta uma permanência dessa atividade, é importante construir um plano de manejo para a Unidade de Conservação. Dessa forma, é preciso estabelecer áreas de uso e de conservação das espécies, para que as práticas de coleta da mangaba, do caju, da aroeira, da cajazinha e da pitanga, por exemplo, possuam procedimentos e regras, com intuito de manter a existência das espécies. A aroeira, segunda espécie com maior VU, é coletada de maneira agressiva. A prática existente exerce sobre a planta uma supressão de grande parte da copa, que, por consequência, pode vir a matar o indivíduo. Ao mesmo tempo, o beneficiamento proporciona uma valoração ao produto que ainda é desconhecida pela comunidade. Se realizada de forma sustentável, a coleta de aroeira pode se tornar uma alternativa potencial para a renda familiar, de forma que, para que isso aconteça se estabeleça o formato, quais as tecnologias para o manejo, áreas de reflorestamento e estudo de viabilidade econômica por meio de uma organização da sociedade civil organizada.

Das 129 espécies, setenta e três apresentaram os menores Índices de Valor de Uso, o que pode indicar que estas plantas estejam entrando em desuso pela comunidade da APA PB-A. Frazão-Moreira & Carvalho (2009) também identificaram tal desuso e argumentam que a manutenção deste conhecimento na região se encontra dependente dos usuários mais experientes.

Na APA PB-A, o uso e o manejo das espécies nativas que ajudaram a formar a cultura local podem ser resgatados a partir da valorização do conhecimento sobre as espécies vegetais locais (p.ex. Costa *et al.*, 2002; Lawrence & Hawthorne, 2006), o que se pretende fazer a partir do resgate dessas informações e do retorno à comunidade desse conhecimento através dos dados desta pesquisa.

Parada (2004) e Miranda & Hanazaki (2006) falam da adaptação de novas situações, como um processo natural de alternativa financeira para contribuição da renda familiar, mas sem a descaracterização cultural da comunidade. Nascimento *et al.* (2019) falam do extrativismo vegetal como atividade econômica da APA do Delta do Parnaíba, no Piauí, além da atividade pesqueira que caracteriza a comunidade. Souza (2006), Fernandes (2007) e Rocha (2014) tratam sobre o extrativismo caiçara na restinga para uso doméstico e comercial das espécies vegetais como forma de alternativa financeira, contribuindo para a renda familiar. Todas essas pesquisas apontam para a forte relação que os pescadores possuem com as espécies de plantas nativas no seu entorno, o que leva a uma busca por soluções de manejo que evitem o esgotamento local desses recursos e retirem essas fontes de renda das comunidades que sobrevivem da restinga e do manguezal.

## 5. Considerações finais

A relação da comunidade pesqueira da APA com as plantas é muito forte, envolvendo desde o uso de um grande número de espécies vegetais com múltiplos usos seja na alimentação, geração de renda, confecção de barcos e ou materiais de pesca. Outro aspecto interessante da forte relação pessoas-plantas nessa comunidade é a existência de um alto índice de permanência dos usos de plantas no passado e no presente, além de uma relação entre as atividades diárias como a pesca, a coleta de frutas e a cura de doenças, com as plantas espirituais, ensinadas através das gerações. As benzedeiras deste território apareceram como pessoas com forte relação com a mata e detentoras de grande conhecimento acerca das espécies vegetais.

A pesquisa corrobora a Hipótese do Valor de Uso, uma vez que foi levantada a existência de múltiplas propriedades das plantas utilizados como critérios para as escolhas

das espécies vegetais utilizadas pela comunidade tais como a abundância, a proximidade e facilidade de acesso e a forma de vida. Foi possível verificar também que as propriedades inerentes às pessoas que utilizam as plantas também devem ser consideradas na Hipótese do Valor de Uso, sendo atributos complementares nos critérios de escolha da espécie vegetal. Critérios como a consciência ambiental e a proibição de uso devido à legislação ambiental também aparecem como novos atributos na escolha de plantas a serem utilizadas pela comunidade.

É possível se manter a proteção ambiental através do manejo racional das espécies nativas que já são valorizadas pela comunidade da APA, tais como a alméscar (*Protium heptaphyllum*), o mangue-vermelho (*Rhizophora mangle*) e a aroeira (*Schinus terebinthifolia*), que são também espécies importantes da restinga e do manguezal, possibilitando a geração de renda local e a conservação ambiental.

## 6. Referências

Abera, B. Plantas medicinais usadas na medicina tradicional pelo povo Oromo, distrito de Ghimbi, sudoeste da Etiópia. *Journal Ethnobiology Ethnomedicine* 10, 40. 201. Doi: 10.1186 / 1746-4269-10-40

ALBURQUEQUE, U. P. 2002. Introdução a etnobotânica. Recife: Bagaço. 87p.

Albuquerque, U. P. e Lucena, R. F.P. *Métodos e Técnicas a Pesquisa Etnobotânica.* Recife: Livro rápido/NUPEEA. 189 p. 2004

Albuquerque, U. P. 2006. Re-examining hypotheses concerning the use and knowledge of medicinal plants a study in the Caatinga vegetation of NE Brazil. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine* 2:(30): 1-10

Albuquerque, U.P.; Lucena, R.F.P.; Alencar, N. L. Métodos e técnicas para a coleta de dados etnobiológicos. In: *Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica*, U. P. de Albuquerque, R. F. P. Lucena, and L. V. F. C. Cunha, Eds., NUPEEA, Recife, Brazil, b, p.39-64. 2010

Albuquerque, A. C. F.; Souza, R. M. Rosário, M. G.; Viana, M. W. C.; Gonçalves, R. F.; Rosa, S. C.; Rededе, Y. R.; Moller, L. S.; Brayan, M.; Silva, J. C. S.; Nato, C.; Silva, D. S.; Silva, F. S.; Costa, J. S.; Silva, N. S..; Nascimento, C. S.; Nascimento, N. S.; Silva, A. S.; Silva, I. S. Estudo preliminar da cadeia de valor dos produtos da sociobiodiversidade dos Pescadores artesanais de Barrancos, Pontal do Paraná (PR). Conex. Ci. E Tecnol. Fortaleza/CE, v. 9, n. 3, p. 51 – 62, nov. 2015.

Alencar, N. L., T.A.des Araujo, E. L. C. de Amorim, U. P. Albuquerque, T. Antonio, D. S. Araújo, E. Lúcia, et al. 2009. Can the apparency hypothesis explain the selection of medicinal plants in an area of Caatinga vegetation? A chemical perspective. *Acta Botanica Brasilica* 23:911–911

Alencar, C. A. G.; Maia, L. P. Perfil Socioeconômico dos Pescadores brasileiros. Labomar. Arquivos de Ciências do Mar. Fortaleza, 44(3): 12-19. 2011

Amorim, J. C.; Castro, K. N. C.; Soares, R. R.; Barros, R. F. M.; Andrade, I. M. Atividade Pesqueira no Rio Poty, Município de Castelo do Piauí, Piauí, Brasil: Conhecimento e Uso da Flora. Ethnoscientia. V. 4. 2019. Disponível em: http://ethnoscientia.com/index.php/revista/article/view/229

Amorozo, M.C.M.; Ming, L.C. *Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas*. Rio Claro: UNESP/CNPq, 2002.

Araújo, M.; Alger, K.; Rocha, R. Mesquita, C. A. B. *Caderno nº 8, A Mata Atlântica do Sul da Bahia, situação atual, ações e perspectivas*. Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica. IFSP. São Paulo. 1998. Disponível em: http://rbma.org.br/rbma/pdf/Caderno_08.pdf

Barbosa, U. G. B.; Fernandes, H. F.; Araújo, A. B. P.; Maia, A. C. P.; Belarmino, N. A. L. de A.; Lucena, R. F. P. Importância das populações tradicionais no desenvolvimento sustentável: estudo de casos na Paraíba. Gaia Scientia. Volume 10(4): 649-657. ISSN 1981-1268. 2016

Bernard, H. R. Research methods in anthropology: qualitative and quantitative approaches. *American Journal of Evaluation*.v.17, p. 91-92, 1996.

Borges, R.; Peixoto, A. L. Conhecimento e uso de plantas em uma comunidade caiçara do litoral sul do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. *Acta bot. bras*. 23(3): 769-779. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/abb/v23n3/v23n3a17.pdf

Brasil. *Decreto n. 2.218, de 14 de jun. de 1993*. Cria a Área de Proteção Ambiental da Ponta da Baleia/Abrolhos, nos Municípios de Alcobaça e Caravelas, dá outras providências. Brasília, DF. Jun. 1993 Disponível em: https://governo-ba.jusbrasil.com.br/legislacao/83215/decreto-2218-93

Brasil. Ministério do Meio Ambiente. *O corredor central da mata atlântica : uma nova escala de conservação da biodiversidade* / Ministério do Meio Ambiente, Conservação Internacional e Fundação SOS Mata Atlântica. – Brasília : Ministério do Meio Ambiente; Conservação Internacional, 2006. Disponível em: https://docplayer.com.br/8950640-O-corredor-central-da-mata-atlantica-uma-nova-escala-de-conservacao-da-biodiversidade.html

Carneiro, D. B.; Barboza, M. S. L.; Menezes, M. P. Plantas nativas úteis na Vila dos Pescadores da Rserva Extrativista Marinha Caeté- Taperaçu, Pará, Brasil. *Acta Bot. Bras*. vol.24 no.4 Feira de Santana Oct./Dec. 2010

Confortim, S. C.; Antes, D. L.; Pessini, J.; Schneider, I. J. C.; D'orsi, E.; Barbosa, A. R. Comparação perfil socioeconômico e condições de saúde de idosos residents em áreas predominantemente rural e urbana da Grande Florianópolis, Sul do Brasil. Caderno de Saúde Coletiva. Rio de Janeiro, 24 (3): 330-338. 2016

Conselho Nacional de Saúde. *Resolução nº 466 que trata de pesquisas em seres humanos e atualiza a resolução 196.* Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/ultimas_noticias/2013/06_jun_14_publicada_resolucao.html

Costa, J.A.S., Nunes, T.S., Ferreira, A.P.L., Stradmann, M.T.S. & de Queiroz, L.P. Leguminosas forrageiras da caatinga: espécies importantes para as comunidades rurais do sertão da Bahia. UEFS, SASOP, Feira de Santana, 2002.

Crepaldi, M. O. S.; Peixoto, A. L. Use and knowledge of plants by "Quilombolas" as subsidies for conservation efforts in area of Atlantic Forest in Espírito Santo State, Brazil. Biodiversity Conservation, v. 19, p. 37-60.

Diegues, A, C.; Arruda, R. S. V.; Silva, V. C. F.; Figols, F. A. B.; Andrade, D. *Os Saberes Tradicionais e a Biodiversidade no Brasil*. Núcleo de Pesquisas sobre populações humanas e áreas únidas. USP. 1999. Disponível em: https://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/750/2/Biodiversidade%20e%20comunidades%20tradicionais%20no%20Brasil.pdf

Dominguez, J. M. L. Costa das Baleias: *Caracterização da Zona Costeira dos Municípios de Alcobaça, Caravelas, Nova Viçosa e Mucuri*. Salvador: CBPM / UFBA – CPGG / LEC, 2008.

Fidalgo, O.; Bononi, V. L. R. Técnicas de coleta, preservação e herborização de material botânico. *Instituto de Botânica*, São Paulo, 1989.

Fonseca-Kruel, V. S.; Peixoto, A. L. Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil. *Acta bot. bras*. 18(1): 177-190. 2004

Gandolfo, E. S.; Hanazaki, N. *Etnobotânica e Urbanização: Conhecimento e utilização de plantas de restinga no Distrito do Campeche (Florianópolis, SC).* Centro de Ciências Biológicas. UFSC. 2010.

Frazão-Moreira, Amélia; Carvalho Ana Maria (2009). *Etnobotânica do Nordeste Português: saberes, plantas e usos.* Relatório final do Projecto POCI/ANT/59395/2004. Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA) e Centro de Investigação de Montanha (CIMO). 2009. Disponível em: http://hdl.handle.net/10198/4481

Giraldi, M; Hanazaki, N. *Uso e conhecimento tradicional de plantas medicinais no sertão do Ribeirão, Florianópolis, SC, Brasil*. Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal de Santa Catarina – Florianópolis/SC. 61p. 2009

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Climatologia Caravelas*. 2002 Acesso em: 13.Nov. 2018 Disponível em: https://www.ibge.gov.br/geociencias-novoportal/informacoes-ambientais/climatologia/15817-clima.html?=&t=downloads

Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos. *Unidade de Conservação APA Ponta da Baleia, Abrolhos.* 2010 Acesso em: 01.Out. 2019 Disponível em: http://www.inema.ba.gov.br/gestao-2/unidades-de- conservacao/apa/apa-ponta-da-baleia-abrolhos/

LAWRENCE, A. & HAWTHORNE, W. (orgs.). 2006. Plant identification: creating user-friendly Field guides for biodiversity management. People and plants conservation series. London: WWF/UNESCO/Royal Botanic Gardens, Kew. 268p.

Leite, I. A.; Morais, A. M.; Ó, K. D. S. do; Carneiro, R. G.; Leite, C. A. A Etnobotânica de plantas medicinais no município de São José de Espinharas, Paraíba, Brasil. *Biodiversidade* - V.14, N1, página 22. 2015. Disponível em: http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/biodiversidade/article/viewFile/2249/1618

Lopes, L. C. M.; Lobão, A. Q. Etnobotânica em uma comunidade de pescadores artesanais no litoral norte do Espírito Santo, Brasil. *Bol. Mus. Biol. Mello Leitão* (N. Sér.) 32:29-52. Setembro de 2013. Disponível em: http://inma.gov.br/downloads/boletim/arquivos/32/32_05.pdf

Maciel, M. R. A. Neto, G. G. Um olhar sobre as benzedeiras de Juruena (Mato Grosso, Brasil) e as plantas usadas para benzer e cura. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi*, Ciências Humanas, Belém, v. 1, n. 3, p. 61-77, set-dez. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v1n3/v1n3a03

Martins, A.G.; Rosário D.L.; Barros, M.N.; Jardim, M.A.G. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais, alimentares e toxicas da Ilha do Combu, Município de Belém, Estado do Pará. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, 86: 31-30. 2005. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277216695_Levantamento_etnobotanico_de_plantas_medicinais_alimentares_e_toxicas_da_Ilha_do_Combu_Municipio_de_Belem_Estado_do_Para_Brasil

Meireles, V. J. S.; Meireles, M. P. A.; Vieira, F. J.; Campos, J. B.; Barros, R. F. M. Conhecimento botânico tradicional e conservação de espécies do Delta do Parnaíba, Nordeste do Brasil. *Revista Espacios*. Vol. 39 (Nº45) 2018. Disponível em: https://www.revistaespacios.com/a18v39n45/a18v39n45p04.pdf

Merétika, A. H. C.; Hanazaki, N. *Conhecimento e utilização de plantas medicinais por comunidades de pescadores do município de Itapoá – SC*. UFSC. 2008.

Ministério do Meio Ambiente. Áreas Prioritárias para Conservação, Uso Sustentável e Repartição de Benefícios da Biodiversidade Brasileira: Atualização - *Portaria MMA n°9, de 23 de janeiro de 2007.* / Ministério do Meio Ambiente, Secretaria de Biodiversidade e Florestas. – Brasília: MMA, 2007.

Ministério do Meio Ambiente. *Avaliação e identificação de áreas e ações prioritárias para a conservação, utilização sustentável e repartição dos benefícios da biodiversidade nos biomas brasileiros*. Brasília: MMA/SBF, 2002.

Ministério do Meio Ambiente. *Brasil: 5º relatório nacional para a Convenção Sobre Diversidade Biológica* / Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Biodiversidade e Florestas; Coordenador Carlos Alberto de Mattos Scaramuzza.
Brasília: MMA, 2016.

Ministério do Meio Ambiente. *Mata Atlântica: manual de adequação ambiental* / Maura Campanili e Wigold Bertoldo Schaffer. – Brasília: MMA/SBF, 2010.

Ministério do Meio Ambiente. *Monitoramento Ambiental do banco camaroneiro na área sob influência da dragagem do canal de acesso dos navios barcaças ao terminal marítimo da Fibria Celulose S.A. em Caravelas/BA*. ICMBio – CEPENE. 2015

Miranda, T. M.; Hanazaki, N. *Etnobotânica de Restinga em comunidades da Ilha do Cardoso (SP) e da Ilha de Santa Catarina (SC).* Centro de Ciências Biológicas. UFSC. 2006. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/89087

Moraes, M. C. *Estudo etnobotânico sobre a mata de restinga do sítio do Outeiro de Maracaípe, Pernambuco*. UFPE. 2012. Disponível em: https://core.ac.uk/display/142432375

Myers, N. et al., 2000. Biodiversity hotspots for conservation priorities. Nature 403: 853-858.

Nascimento, M. G. P.; Meireles, V. J. S.; Andrade, I. M.; Barros, R. F. M. Etnobotânica em uma comunidade de pescadores artesanais na Área de Proteção Ambiental (APA), Delta do Parnaíba, Piauí, Brasil. *Revista Educação Ambiental em Ação*. Número68. 2019. Disponível em: http://www.revistaea.org/pf.php?idartigo=3736

Parada, I L. S. 2004. Mudanças socioambientais de comunidades caiçaras do Parque Estadual da Ilha do Cardoso. *In*: Diegues, A. C. (Org.). *Enciclopédia caiçara: o olhar do pesquisador.* vol. 1. Editora Hucitec, São Paulo, 21-48p

Pereira, C. N.; Castro, C. N. Educação: contraste entre meio urbano e o meio rural no Brasil. Ipea. Boletim Regional, urbano e ambiental. 21 jul-dez. 2019

Pereira, B. A. Diegues, A. C. Conhecimento de populações tradicionais como possibilidade de conservação da natureza: uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação. Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 22, p. 37-50, jul./dez. 2010. Editora UFPR

Philips, O. & Gentry, A.H. The useful plants of Tambopata, Peru: I. Statistical hypotheses tests with a new quantitative technique. *Economic Botany* 47(1): 15-32. 1993.

Phillips, O., and A. H. Gentry 1993a. The useful plants of Tambopata, Peru: II. Additional hypothesis testing in quantitative ethnobotany. Economic Botany 47:33–43.

Rocha, J. A.; Boscolo, O. H.; Fernandes, L. R. R. de M. V. Etnobotânica: um instrumento para valorização e identificação de potenciais de proteção do conhecimento tradicional. INTERAÇÕES, Campo Grande, v. 16, n. 1, p. 67-74, jan./jun. 2015. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/151870122015105

Rocha, T. T. *Levantamento etnobotânico de plantas utilizadas pelas comunidades da Reserva Extrativista Marinha de Soure, Pará, Brasil*. Centro de Ciências Naturais. UEPA. 2014. Disponível em: https://paginas.uepa.br/pcambientais/dissertacao_taina_rocha_ppgca_uepa_2012.pdf

Rolim, S. G.; Menezes, L. F. T. Floresta Atlântica de Tabuleiro: diversidade e endemismos na Reserva Natural Vale. 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/31692768/Floresta_Atl%C3%A2ntica_de_Tabuleiro_Diversidade_e_Endemismos_na_Reserva_Natural_Vale

Santos, K. P. P.; Soares, R. R.; Barros, R. F. M. Atividade pesqueira e construção de embarcações na Colônia de Pescadores Z-18 do Município de União/Piauí, Brasil. *Revista Holos.* 2015. DOI 10.15628/holos.2015.3205

Santos, L. S. N.; Salles, M. G. F.; Pinto, C. M.; Pinto, O. R. O.; Rodrigues, I. C. S. O saber etnobotânico sobre plantas medicinais na comunidade de Brenha, Redenção, CE. 2015. *Agrarian Academy*, Centro Científico Conhecer - Goiânia, v.5, n.9; p. 4 0 9 2018. DOI: 10.18677/Agrarian_Academy_2018a40

Santos, R. C.; Silva, M. S. Condições de vida e itinerários terapêuticos de quilombolas de Goiás. Saúde Soc. São Paulo, v. 23. N. 3. P. 1049-1063, 2014

Schiavetti, A.; Magro, T. C.; Santos, M. S. Implementação das Unidades de Conservação do corredor central da Mata Atlântica no Estado da Bahia: desafios e limites. *Revista Árvore*, Viçosa-MG, v.36, n.4, p.611-623, 2012. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0100-67622012000400004

Souto, F. J. B. Sociobiodiversidade nap esca artisanal do litoral da Bahia. Universidade Estadual de feira de Santana, Departamento de Ciências Biológicas, Laboratório de Etnobiologia e Etnoecologia.

Souza, M. R. Etnoconhecimento caiçara e uso de recursos pesqueiros por pescadores artesanais e esportivos no Vale do Ribeira. Interunidades em Ecologia Aplicada. USP. 2006. DOI: 10.11606/D.91.2004.tde-13092004-143414

Tabarelli, M.; Pinto, L. P.; Silva, J. M. C.; Hirota, M. M.; Bedê. Desafios e oportunidades para a conservação da biodiversidade na Mata Atlântica Brasileira. *Revista Megadiversidade*. Volume 1. N 1. Jul.2005. Disponível em: http://www.avesmarinhas.com.br/Desafios%20e%20oportunidades%20para%20a%20conservação%20da%20biodiversidade.pdf

Vásquez, S. P. F.. Mendonça, M. S. Noda, S. N. Etnobotânica de plantas medicinais em comunidades ribeirinhas do Município de Manacapuru, Amazonas, Brasil. *Revista Acta Amazônica.* Vol 44(4), 457 – 472. 2014. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/1809-4392201400423

Viertler, R.B. Métodos antropológicos como ferramenta para estudos em etnobiologia e etnoecologia. *In*: AMOROZO, M.C.M.; MING, L.C. *Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas.* Rio Claro, UNESP/CNPq, 2002.

World Health Association. Division of Mental Health. *Qualitative Research for Health Programmes*. Geneva: WHA, 1994. Disponível em: https://apps.who.int/iris/handle/10665/62315

World Wide Fund for Nature. 2018. Disponível em: https://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/questoes_ambientais/biomas/bioma_mata_atl/

7. Anexo

**Quadro 1. Roteiro para o inventário sócio-econômico e Roteiro de perguntas sobre as plantas**

| | | | |
|---|---|---|---|
| **ENTREVISTADO: (número para o entrevistado)** | | **Número da entrevista: (número corrente, independente do número do entrevistado)** | |
| **Grupo do entrevistado:** | | | |
| **Nome do entrevistador:** | | | |
| **Data:** | | **Local:** | |
| **1.** | **Nome:** ***O/A senhor/a poderia me dizer o seu nome completo para eu registrar? Ou poderia me emprestar um documento para eu anotar?*** | | |
| **2.** | **Sexo: F ( ) M ( )** | | **Idade:** |
| **3.** | **Local de nascimento:** ***O/A senhor/a nasceu aqui mesmo?*** | | **UF:** |
| **4.** | **Quanto tempo mora no local?:** ***Então, já mora aqui faz quanto tempo?*** | | |
| **5.** | **Participa de alguma associação?**<br>**( ) Sim ( ) Não** | **Qual é a Associação?** | |
| **6.** | **Profissão/Ocupação:** ***Além de pescador/marisqueira, o/a senhor/a tem outra ocupação?*** | | |
| **7.** | **Frequentou a Escola? (Escolaridade).** ***O/A senhor/a foi à escola quando criança ou mesmo depois de adulto?*** **a. ( ) Não escolarizado b. ( ) Sim 7.1. Até que série? _____ ( ) 1º grau incompleto ( ) 1º grau completo ( ) 2º grau incompleto ( ) 2º grau completo( ) curso técnico ( ) nível superior** | | |
| **8.** | **Observações extras (Realizadas pelo entrevistador)** | | |

Este artigo/capítulo está formatado segundo as nomas da revista Desenvovlimento e Meio Ambiente
Disponível no site: https://revistas.ufpr.br/made/about/submissions#authorGuidelines

CAPÍTULO 2

## MEMORIAL

A APA Ponta da Baleia/Abrolhos presente nos saberes e na memória dos pescadores e marisqueiras caravelenses contadas a partir das plantas e do ambiente natural

# Saberes do povo das Marés

Tecituras da memória de um povo do mar e das matas.

PORTO SEGURO

J.X
11

Colaboradores desta obra

Universidade Federal do Sul da Bahia – Campus Sosígenes Costa e Campus Paulo Freire
Centro Nacional de Pesquisa e Conservação da Biodiversidade Marinha do Nordeste. Base Caravelas – BA
Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos – Bahia
Conselho Consultivo da Área de Proteção Ambiental Ponta da Baleia/Abrolhos
Projeto Cultural ArteManha
Humana Brasil
Suzano S.A

Fotógrafos:
Vanilson Teixeira Rocha
Bruna Alves
Danillo Fotografia
Grupo Cultural ArteManha
Geovane Freitas

## Apresentação

Esta obra apresenta as matas, o mar, a sabedoria, o nó das redes, as lembranças, os costumes e as pessoas dessa terra chamada Caravelas.

Certamente um dos cantos aconchegantes da APA Ponta da Baleia/Abrolhos e que preserva “um cesto e um samburá” de contos e trejeitos de quem vive por aqui. Aqui todas as histórias são de pescador, histórias de verdade, vividas intensamente por este povo das Marés, do mangue, da restinga, das capoeiras, povos, também, das Matas! É possível mergulhar nos capítulos que estão dispostos da forma mais acessível para os moradores e turistas. Por aqui, caro leitor, passearás por palavras, histórias e vivências de pescadores e pescadoras de Barra de Caravelas, Ponta de Areia e da sede do município de Caravelas. Pescadores ou filhos de pescadores que foram indicados por outros pescadores para contar um pouco (ou muito) sobre as espécies de plantas que utilizavam e utilizam em seu cotidiano. Foram registrados aqui lembranças de um passado um pouco longo, de memórias que quase se perderam no fio da vida, quase adormecidas, empoeiradas, todavia, despertaram quase como num alvorecer em dia de Vento Sul, mas foram verbalizadas e registradas.

Este memorial que está em suas mãos agora é o resultado da pesquisa de Mestrado de uma filha de Caravelas, seu orientador, familiares e amigos que apreciaram a empreitada e se juntaram para produzir este material.

Sinta-se aconchegado.

Bem vindo a Caravelas.

Ficha Catalográfica

# *Sumário*

Bem vindo à APA Ponta da Baleia, Abrolhos, região de Caravelas.....58

Onde foi feito esse trabalho?.....65
Porque fazer esse trabalho?.....68
Os pescadores da APA Ponta da Baleia/Abrolhos e a Flora: uma relação que atravessa gerações.....69

Formas de uso e Manejo da Flora na APA Ponta da Baleia/Abrolhos: implicação para a geração de renda e conservação.....84
Como as pessoas selecionam plantas na APA Ponta da Baleia/Abrolhos? Esses critérios dizem algo sobre outras comunidades de pescadores?.....95
Existe uma Comunidade de Pescadores na APA Ponta da Baleia/Abrolhos?.....115
Glossário dos termos caravelenses……..128
Considerações finais……129
Referências.....131

## *Bem vindo à APA Ponta da Baleia, Abrolhos, região de Caravelas*

No começo da madrugada, a beira-mar, é quase silêncio se não fosse pelo barulho dos barcos saindo para pescar, carregado com redes, gelo e homens de coragem. Para quem dorme e mora próximo da praia é possível ouvir a revoada de barcos, saindo aos montes, em grupos, o som cortando o vazio, a calada do que ainda parece ser noite. Os homens saem para pescar e as mulheres, em sua maioria, levantam logo em seguida para filetar o camarão que chegou no dia anterior. As mulheres se agrupam no que chamam de casa de mariscagem, suas crianças, ainda sonolentas, as acompanham e sentam-se próximo. Quando o sol resolve sair, as mulheres já fizeram grande parte do trabalho e os homens, sem tardar muito, voltam quando o sol está centralizado à terra, quente, a pino. Quem sai para pescar mais tarde volta com o sol já se pondo, quando o céu já tem tons pastéis.

Os cochichos a tarde são para saber se no dia seguinte também vai dar Vento Nordeste. Vento forte como se fosse um vendaval, do tipo que levanta a poeira das ruas de areia de Caravelas, bom vento para pescar camarão. Olham a previsão, coisa mais tecnológica, mas olham para cima também, observam o mar, o rio, o estuário, reparam a posição do vento e confirmam "Amanhã é Vento de camarão, mas daqui uns três dias vai ter viração e o Vento Sul vai entrar". Vento Sul é vento danado, forte também, mas pescador não sai quando ele entra. Mar agitado, mais perigo, peixes e camarões se escondem, fogem do frio, ninguém segura Vento Sul não. Vento Sul é do tipo que invade as portas, bagunça as telhas, adentra as frestas das janelas, bagunça os cabelos e deixa o chão gelado.

O mar é o território de "fora", quando perguntam onde fulano está, responde-se "lá fora", que quer dizer em alto mar. O território de cá, das matas, também é lugar de perigo, tem que ter certos trejeitos. Não é qualquer um que sabe entrar no mangue não, não é qualquer um que conhece os frutos da restinga não, quem não sabe, come até erva de passarinho achando que a gente pode comer, pescador sabe bem o que é, vive nas matas tanto quanto vive no mar. É sujeito das matas, conhece as nervuras das folhas e sabe para que usar e onde "catar". Sem as matas, provavelmente o pescador não alcançaria tanto palmo de água salgada lá de fora, chegaria a poucas braçadas. As árvores majestosas, grandes, fortes, imponentes, são as que viram barcos, canoas e bateiras. Arbustos são colhidos para fazer remos, puçá, suporte da rede de arrasto, carrinhos de mão para carregar o pescado quando chega. Cipós são usados para fazer cestos e samburás, fazem artesanato e utensílios para casa também.

Entre arbustos, árvores e cipós, os pescadores de Caravelas também usam e usavam muito para fazer suas próprias casas... caibo, coluna, cumieira, palhas são telhados também. Dependendo da planta que ia ser cortada, nos tempos antigos, pedia-se licença para a mata. Ainda há lugares e plantas sagradas pela região. “Licença” e, em seguida, faz um gesto de corpo em curva pedindo proteção! Tem pescadora que sempre fala que para entrar na mata é sempre bom pedir proteção. Existem os protetores das matas, tem que pedir licença para adentrar! Tem protetor da mata que se você não pede licença, ele te engana e você se perde.

E se pescador fica doente, principalmente nos “tempos de antigamente”, são os chás, misturadas, garrafadas e benzeções que resolvem. Há males do corpo e do espírito, por vezes a mesma planta cura esses dois tipos de males, mas cada uma de um jeito diferente. As benzedeiras/rezadeiras são quem entendem do assunto.

Pescador doente vai, imediatamente, à benzedeira! Só de olhar ela já sabe o mal que aflige. Ela olha, olha, já sabe quais ervas vai pegar, escolhe três ou mais raminhos ou folhas de cada, junta tudo na mão direita e proclama orações fazendo o sinal da cruz diversas vezes. “Espinhela caída” ela fala. “Pegou peso demais e tem gente com inveja perto de você”, complementa. Pede que volte por mais dois dias para completar o ciclo tríduo, mas tem que ser antes do pôr do sol. Indica banhos de folhas com cheiro forte, banho também antes do pôr do sol, do ombro para baixo. Em três dias a espinhela caída já se foi.

Caro leitor, em Caravelas o místico se entrelaça com os costumes, por cá a mata é algo que não se dissocia do pescador, está impregnado nas veias, nas tecituras da memória do povo, nas marcas das mãos que as redes de pesca fizeram.

CARAVELAS
·78·

ROCHA
FOTOGRAFIAS

Em ordem:

Figura 1 - Barcos no Rio Caravelas. Fonte: Vanilson Teixeira

Figura 2 - Pescador no barco de pesca no estuário. Fotógrafo Vanilson Teixeira

Figura 3 - Janela de um casarão antigo na Rua Sete de Setembro, no centro histórico de Caravelas. Fonte: Vanilson Teixeira

Figura 4 - Visão no Centro Histórico de Caravelas capturada por orífício de um casarão antigo utilizado para observação nos séculos anteriores. Fonte: Bruna Alves

Figura 5 - Visão no Centro Histórico de Caravelas capturada por orífício de um casarão antigo utilizado para observação nos séculos anteriores. Fonte: Bruna Alves

Figura 6 - Pescador Edson, conhecido como Galara, carregando redes na beira da praia. Fonte: Bruna Alves

Figura 7 - Barco de pesca com camarão. Os passáros sobrevoando entregam que o barco contém mariscos. Fonte: Bruna Alves

Figura 8 - Nadadeira caudal da Baleia Jubarte. Fotografia capturada pelo Instituto Baleia Jubarte

# *Onde foi feito esse trabalho?*

Área de Proteção Ambiental Ponta da Baleia/Abrolhos, região de Caravelas. A APA Ponta da Baleia/Abrolhos é uma Unidade de Conservação, sob jurisdição do INEMA, que abrange os municípios de Caravelas, Prado, Alcobaça e Nova Viçosa, sendo que, em Prado, apenas a área Marinha está na UC. A APA em si está localizada entre as coordenadas 17º 20’ e 18º 10’ ao sul e possui 346.535 hectares de área de extensão e abriga dois rios importantes para a região, o Rio Peruípe e o Rio Alcobaça.

O clima aqui é quente, super úmido, tropical, sem estação seca, de acordo com IBGE (2002). A vegetação existente nos remanescentes de Mata Atlântica da área de estudo é do tipo floresta ombrófila densa que ocupa grande parte dos tabuleiros costeiros e de serras, (DOMINGUEZ, 2008).

Caravelas tem um contingente populacional modesto, em média, 21.414 habitantes, distribuídos entre a cidade, zona rural, zona ribeirinha, distritos e povoados, (IBGE, 2017).

A principal atividade do município é a pesca do camarão sete-barbas, seguido pela pesca de espécies de peixes de áreas coralinas, (MMA, 2015). Utiliza-se o “balão” para pescar o camarão, de forma que arrasta-se o petrecho na área dos bancos camaroneiros.

Foram coletadas informações de pescadores e pescadoras de Caravelas, Barra de Caravelas e Ponta de Areia.

*Figura 9 -- Pescadora descascando côco na Barra de Caravelas. Fonte Danillo Photography*

## Veja só onde ficam esse lugares!

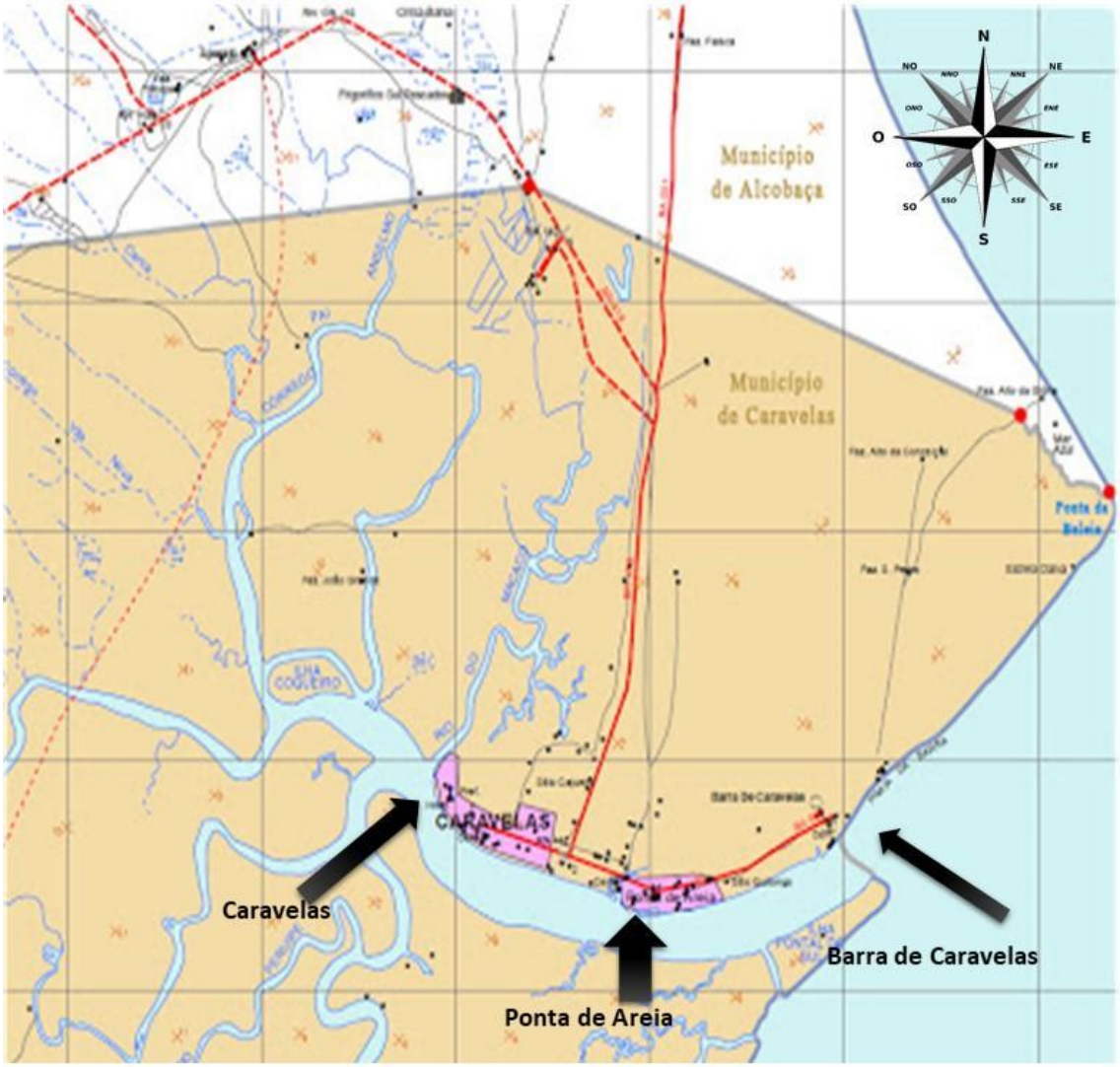



*Figura 10 - Localuzação das áreas de estudo. Fonte: Site Bahia Turismo, adaptada pelos autores*

Caravelas é banhada por diversos rios que se encontram e que abraçam o mar na Barra de Caravelas. É nesse lugar banhado por rios, pelo estuário e pelo mar que se guarda muito conhecimento sobre as marés e as matas.

*Figura 11- Pescador mostrando peixe que acabou de pescar. Fonte: Danillo Photography*

## *Porque fazer esse trabalho?*

Este Memorial é parte da pesquisa realizada pela estudante e filha de Caravelas, Kariny de Oliveira Paiva, no Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias Ambientais da Universidade Federal do Sul da Bahia, intitulada Caracterização Etnobotânica da comunidade pesqueira da APA Ponta da Baleia/Abrolhos, região de Caravelas-BA.

Além de ser uma devolutiva do levantamento feito pelos pesquisadores, representa, de forma simples e respeitosa, as memórias e saberes do povo Caravelense. É a tradução do que foi colhido, estudado no meio científico e posto aqui para que todos possam ter acesso.

O meio científico é, por muitas vezes, uma linguagem que abrange a si mesmo, a academia, os pesquisadores. Um trabalho de etnobotânica tem que fazer sentido não só para a ciência acadêmica, mas, tanto quanto para as comunidades da qual coabitamos nesse trabalho para desfrutar de uma linda e poderosa sabedoria.

Este não é um trabalho de resgate, está muito claro que as experiências relatadas aqui estão vivas, mesmo que, por vezes, pareciam estar desvanecidos, logo com mais um “palmo” de conversa os olhos dos pescadores brilhavam ao abrir as gavetas de sua memória e reverberar as histórias e costumes.

O tom é de avivar, colocar em evidência em meio público, escrito, contado o que tem nessa terra.

Além disso, um trabalho sobre conhecimento tradicional botânico é uma maneira de revelar às comunidades da Unidade de Conservação aqui localizada, como é importante zelar pelos costumes, tradições e pelas matas do lugar, como que a flora é parte inerente do caiçara caravelense.

*Figura 12 - Pescador manuseando o camarão sete-barbas.*
*Fonte: Vanilson Teixeira*

# *Os pescadores da APA Ponta da Baleia/Abrolhos e a Flora: uma relação que atravessa gerações*

A mata, a restinga, o manguezal e o mar eram as opções reais para um pescador viver e sobreviver nesta região. Alimentos, moradia e remédios eram acessados pelos recursos da mata, os peixes, para serem capturados, necessitava de uma arte de pesca, toda e qualquer ação praticada nesta comunidade careciam da extração de recursos vegetais. A história conta que essa terra, desde a colonização européia, foi abrigo de índios que fugiam de vilas como Trancoso e outras localidades do entorno de Porto Seguro, que foram atraídos pela tranquilidade e pelas terras fartas de mandioca[1]. Há comentários ainda que, por volta do século XVIII, existiam também escravos fugidos de senhorios em busca de uma vida livre[12]. Desse passado marcado por sofrimento e fugas, a região é de conhecimento dos filhos dessa terra que há diversidade étnica, entre brancos europeus, índios e negros após a colonização em diversas regiões do sul da Bahia [3]. É provável que toda essa diversidade tenha contribuído para as crenças, vestimentas, arte de pesca e sobre o conhecimento de hoje sobre as plantas. Os pescadores desta terra relataram ter aprendido este conhecimento sobre as plantas com os pais, avós, outros parentes e com pessoas mais velhas da comunidade e que ouviam destas pessoas mais velhas que também haviam aprendido com pais e avós. Um ia repassando para o outro, como uma colcha de que se borda aos poucos, que vai sendo tricotada de geração em geração.

Os ritos de bençãos e rezas para cura de doenças espirituais, comuns por aqui, possuem traços de matrizes africanas, tal como os ritos realizados pelos antepassados. 4 É de total conhecimento que as benzedeiras de Caravelas desempenham papel primordial na dispersão do

*Figura 13 - Benzedeira iniciando uma reza com as folhas nas mãos*

conhecimento acerca das plantas ao longo dos anos. Tanto em Caravelas (sede), Ponta de Areia e Barra de Caravelas, os pescadores comentaram que a comunidade sabe quem são as mulheres "entendidas do assunto" e que sempre que a enfermidade era mais "forte", eram procuradas para indicar os melhores usos e as espécies para a situação em questão. As benzedeiras, hoje, se encontram em número extremamente menor e que eram e são grandes mulheres conhecedoras da mata nativa, pois sempre que houve necessidade de obter informação sobre espécies vegetais estas senhoras auxiliavam. Essas benzedeiras são filhas de um passado que já não volta mais, memórias que se esvaem com tempo quando o corpo padece. Para quem fica, há a extrema importância de se manter esse fio da memória vivo, latente, ávido.

Banho de Folhas (Conhecido como Banho de Descarrego)

Contra Espinhela Caída, Mau Olhado, Cansaço.

*7 pedaços da palma de Espada de São Jorge*
*7 folhas de enxota*
*3 folhas de Tipi*
*7 pedras de sal grosso*
*Coloca-se em uma panela, cobre-se todas as folhas com água. Desligue logo que levantar fervura. Tome banho das folhas apenas do pescoço para baixo, antes do pôr do sol.*
*Jogue as folhas no fundo do quintal.*
*Repita por três dias.*
*Recomendação: Não "pegar vento" depois do banho*
*Sempre procurar uma benzedeira*

Banho de Conforto

Banho para tomar após o tríduo de banho de descarrego

*Flores de Rosas*
*Flores de Malva*
*Um punhado de folhas de Enxota*
*Esfrega-se as folhas e flores num balde com água. Tomar o banho antes do pôr do sol.*
*Recomendações: Não pegar vento após banho ou não sair de casa. Sempre procurar uma benzedeira.*

Garrafada ou Misturada

Serve para todo tipo de dor ou coceira. Passa-se o líquido no local com a afecção.

*Numa garrafa coloca-se alho, cebola branca, tipi, enxota, arruda, entrecasco de barbatimão ou caju, carqueja, cipó-alho, cipó-cravo, malva e deixa marinando no álcool por 1 semana ou mais, até todas as folhas apurarem e começarem a soltar a cor.*
*É importante ter a Misturada em casa para qualquer eventualidade.*
*Recomendação: procurar na comunidade quem saiba fazer a Misturada.*

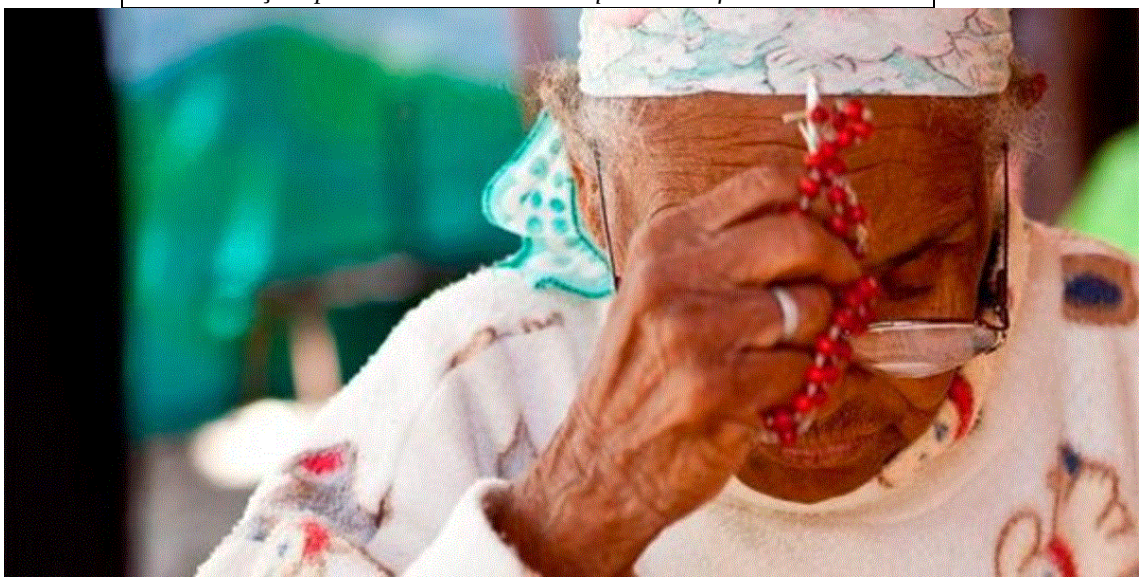


*Figura 14 - Benzedeira iniciando oração com terço nas mãos*

.

Memórias contados por algumas mulheres, também pescadoras artesanais, desempenhavam uma função importante na vida do pescador, pois elas rezavam os homens do mar contra os “maus e os perigos de fora”. Juntamente com o movimento de “passar os ramos” de determinadas plantas no corpo do pescador, palavras eram professadas em tom baixo e cheio de vigor. Enxota, arruda, cipó-alho e tipi/capim-guiné não podiam faltar!

"*Ah, mamãe? Mamãe rezou muita gente. Velho, bebê, criança, gente doente, gente com mau olhado, mulher grávida e parida. Só de entrar aqui em casa mamãe já sabia o que a pessoa tinha. Eu não continuei rezado, conheço muitas plantas, mas mamãe sabia muito. Eu uso muitas plantas e ensino banhos, chás. Só não rezo, mas sei de muitas plantas.*". Maria Gorete, pescadora artesanal, conhecida somente como Gorete, filha de Maria Inácio, conhecida como Dona Caxuxa, uma das rezadeiras da Barra de Caravelas. Gorete explicou, saudosa, com lágrima nos olhos, as muitas ajudas que sua mãe prestou em vida e como ela gostava e tinha conhecimento pelas plantas. O quintal, mesmo dois anos após a morte de Dona Caxuxa, ainda está repleto de plantas, pois a Gorete levou para si esse mesmo amor.

Uma senhora, chamada Cecy Dantas do Nascimento, conhecida como Dona Cecy, um tanto cheia de sabedoria, sabe que as matas tem extrema importância para todos os pescadores e moradores de Caravelas. Ela observou que a paisagem da Praia do Grauçá possui inúmeras Amendoeiras, *Terminalia catappa* L. . A Amêndoa é uma espécie que possui

significativo número de indivíduos espalhados em toda área costeira da sede do município, em Ponta de Areia e Barra de Caravelas. Conta-se que a presença dessas árvores estão ali por tantos anos que virou um símbolo do lugar, a Dona Cecy criou um Cântico em homenagem ao Povoado da Barra de Caravelas e nele as amendoeiras aparecem nas estrofes.

*"Formosa árvore que a Barra dá*
*Praias tão lindas de se passear*
*Terra de peixes e homens do mar*
*Tudo de bom aqui tem neste pequeno lugar*
*Ó linda Barra, que praias belas*

*És a riqueza de Caravelas*
*Venha curtir as amendoeiras*
*A grande jóia flor da natureza"*
(Cântico em homenagem ao Povoado da Barra de Caravelas, Caravelas-BA. Texto produzido por Cecy Dantas do Nascimento, pescadora artesanal. Datado por volta de 1960)

A paisagem composta por Amendoeiras é parte integrante dessas praias, tem uma relação direta com a memória destes pescadores. Inúmeras colocações e histórias tem referências nas Amendoeiras dessas praias.

*Figura 16 - Praia do Graucá com amendoeiras na beira do mar. Fonte: Vanilson Teixeira*

*Figura 17 - Manguezal em Ponta de Areia. Fonte: Vanilson Teixeira*

# Ah... e o mar?

O caravelense oriundo das áreas pesqueiras encontrou ao longo dos anos uma forma de alcançar, de um jeito mais seguro, o oceano mais profundo. Esses homens do mar que precisavam ir a procura dos bancos pesqueiros e camaroneiros, construíram e adaptaram seus barcos ouvindo e aprendendo com os pescadores mais antigos da comunidade, que detiam conhecimento sobre as "melhores" e mais resistentes madeiras da mata. Conhecimento inegável e cheio de mistérios!

É importante ressaltar que, mesmo na época que só existiam canoas em Caravelas, os pescadores navegavam até áreas distantes para pescar, como na área onde hoje se conhece como o Banco dos Abrolhos. Canoas, bateiras e remos não eram empecilhos para alcançar os bancos pesqueiros mais distantes, no entanto, tais os pescadores contam que muitos colegas morreram com suas canoas que quebravam por causa das tempestades em alto mar. Eram nessas bateiras e canoas de madeira, com remos e velas que também realizava a caçada de baleias jubarte, *Megaptera novaeangliae*, navegando por dias no oceano.

*Figura 18 - Baleia Jubarte. Fonte: Grátis png*

Tanto na caça das baleias, que era permitido na época, quanto na pesca de diversas espécies de peixes e crustáceos ao longo dos anos, estabelecia-se uma relação intensa de confiança do pescador com suas canoas e bateiras. A área de pesca em relação à Caravelas fica em torno de 65 Km de distância entre o município de Caravelas e o Arquipélago de Abrolhos. Fora da costa as águas não são turvas, são claras, verdes ou azuis dependendo do vento e da maré, porém, independente da beleza, guardam histórias, lendas e memórias que só mesmo o oceano para saber os detalhes.

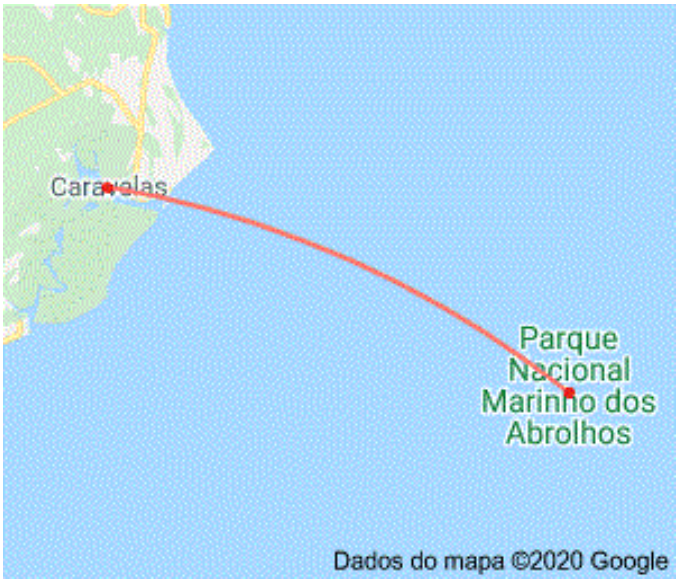



*Figura 19 - Distância entre Caravelas e o Arquipélago de Abrolhos. Fonte: Google Maps*

Em suas canoas e "bateiras", com velas e remos, com a ajuda do "Vento Terral", vento que sopra para o oeste e que "tem cheiro de terra molhada", ajudava a empurrar o pescador em sua embarcação a chegar em 2 dias no Banco dos Abrolhos para pescar (quando a pesca ainda era permitida nessa área). O Parque Nacional Marinho dos Abrolhos foi criado em 1983 [5] , e após esse momento a pesca nesta área ficou proibida.

A pesca, necessidade básica dos comunitários, mesmo não podendo pescar na área do Parque foi se reinventando e encontrando áreas possíveis para exercer a atividade.

Para construir as embarcações, conta-se que alguns pescadores no momento da coleta da madeira pedia "licença para a mãe natureza e benção", clamando por proteção no mar. Um ritual também místico, forte e cheio de sabedoria, afinal, era preciso conhecer bem quais árvores eram boas para o que precisavam.

Nascia alí uma relação única com seu transporte e instrumento de trabalho.

*"Eles saíam em grupos de pescadores, uns 5, às vezes uns 10, para tirar árvore grande. Tinha que ter muita gente para sair arrastando a madeira, porque era muito pesada. Tinha Peroba grande demais, Angelim, então, maior ainda*". Conta Ramiro, pescador de Caravelas.

O confronto com o desconhecido, o prazer em conhecer lugares ainda não visitados e situações de perigo são momentos comuns na vida do pescador[6,7]

*Figura 20 - Pescador chegando de pesca numa bateira motorizada. Fonte: Vanilson Teixeira, Caravelense.*

"*Meu pai contava que saiam dois pescadores em cada canoa. Saia umas duas ou três canoas juntas, mas era usando as velas para ajudar, porque só o remo não dava conta não. O Vento Terral ajudava muito, mas tudo dependia de quando ele vinha. Aí iam lá para o lado de Abrolhos, ficavam esperando uma baleia subir para respirar. Quando ela subia, aí eles jogavam os arpões. Elas ficavam agitadas e eles não podiam largar não. Era nessa hora que muitos pescadores morriam, porque se ela descesse muito, acabava carregando os pescadores e suas bateiras juntos. Ficavam dias ali esperando a baleia morrer. O pescador e a canoa eram um só".*

Pescador Tadeu Augusto, conhecido como Guto, da Barra de Caravelas, contando as memórias que o pai já falecido, também pescador, vivenciou.

*Figura 21 - Pescador conhecido como "Gordo" da Barra de Caravelas olhando o tempo na beira da praia. Foto: Bruna Alves*

Na comunidade sabe-se que há distinção entre o tamanho dos barcos e o tipo de pesca que era realizada e que o “tipo” de árvore para construir as embarcações foram mudando ao longo do tempo na tentativa de oferecer a si mesmo um transporte de trabalho mais seguro. Os pescadores contam que o contato com as embarcações de maior porte ocorreu por volta da década de 1960, com a chegada de pescadores de Gargaú, Rio de Janeiro, que acabaram morando na localidade. Na época estes pescadores cariocas ensinaram a técnica de construir barcos com casarios (tipo de abrigo que protege o condutor e a tripulação da chuva, vento e sol) para os pescadores caravelenses, que, por sua vez, aprenderam e começaram a construir esses novos modelos de embarcações.

*Figura 22 - Pescadores nas embarcações de porte médio. Na foto é possível ver o casario do barco. Fonte: Daniel Fotografia*

Das plantas citadas como utilizadas na fabricação de barcos, já não é possível encontrar a Peroba Rosa e a Sapucaia nas áreas de mata da APA em Caravelas. A fabricação de barcos era uma atividade extremamente comum, uma técnica ensinada aos filhos e netos, repassada de geração em geração. De "bateiras" à barcos com casarios, o uso de madeiras de espécies nativas era tarefa usual na comunidade, no entanto, já não se encontra ou não encontra com facilidade, o que leva a uma mudança na escolha das espécies ou até mesmo nos materiais que são utilizados atualmente para a fabricação de barcos.

"*Antingamente tudo isso aqui tinha árvore alta, grossa, minha filha. Tinha muita Sapucaia, Peroba, Peroba daquela vermelhinha, sabe? Mas tinha da Peroba branca também. Agora a gente já não acha mais não, só uma ou outra lá para o lado do Cassurubá*".

Conta seu João, de Caravelas, apontando com as mãos onde era a mata alta.

*"A gente tem uma Associação de Coletores de sementes e no meio da mata a gente já não encontra tanta árvore como antes não. Antigamente a gente ia lá para o lado do Borge* (fazendo referência a um rio) *e tinha tanta árvore alta, tanta, tanta e hoje em dia quase mais nada, no máximo que dá para fazer é umas artes de pesca, bateiras, canoas com as árvores que tem aqui".*

Maria Brás, pescadora artesanal, moradora da Barra de Caravelas.

*Figura 23 - Maria Brás no quintal de sua casa. Ao fundo pano de rede de arrasto e carrinho de mão confeccionado com madeira nativa. Fonte: ICMBio*

*"Mas antes a gente dependia de tudo da natureza. A nossa casa mesmo era de palha, palha de côco, palha de Naiá, casa boa, ficava entre a Praia do Graucá e a praia do Porto. A gente morava bem, pois tinha gente muito pior. A gente passava o dia pegando peixinho, mivale, alí na beira, depois ia para o mato pegar lenha. Remédio mãe fazia do mato, brinquedo era do mato, quando dava tempo de brincar, a gente via pescador pegando árvore grande para fazer barco, canoas, tudo a gente pegava da mata e vivia bem".*

Marinalva Pinheiro, conhecida como Nalva, pescadora artesanal, moradora da Barra de Caravelas.

*Figura 24 - Catadora de molusco coletando sururu no mangue. Fonte: ICMBio*

# *Formas de uso e Manejo da Flora na APA Ponta da Baleia/Abrolhos: implicação para a geração de renda e conservação*

A pesca é a principal atividade de Caravelas, um trabalho extremamente importante para quem aqui vive, principalmente por se tratar de uma atividade que acompanha as gerações e está ligada à sabedoria de todo um povo. Os pescadores falam que desde que aprenderam a arte da pesca artesanal, a renda familiar sempre foi um desafio, o lucro e o fracasso regidos pelas intempéries do tempo fazem desta uma profissão instável. Encontrar alternativas para aumentar a receita da família sempre foi uma necessidade, contudo a mata se tornou uma aliada para contornar a dificuldade financeira.

A aroeira, a mangaba, a pitanga, a cajazinha e o caju são espécies de grande interesse econômico e, por sua vez, muito utilizadas para coleta de seus frutos, que movimenta tanto a sede do município, quanto Ponta de Areia e Barra de Caravelas. Esta é uma atividade, em sua maioria, realizada por mulheres, e estas se auto intitulam “catadoras de mangaba”, mesmo que estas mesmas pessoas coletem outras espécies além da mangaba, o termo “catadora de mangaba” é mais usual. A comunidade as reconhecem assim e elas também. As indicações apontam que a Barra de Caravelas é o lugar mais procurado para a coleta da mangaba e também das outras espécies citadas.

Para estas coletas as mulheres seguem para o que chamam de “mato”, em grupos, portando baldes nas mãos. A pitanga, o caju e a mangaba são coletados para fabricação artesanal de polpas, licores, drinks, geleias e sorvetes, e vendidos, em menor escala, na forma *in natura*. No caso do caju não só a polpa do pseudofruto é utilizada, mas também o fruto, a castanha, que passa por um processo de torra, quebra e limpeza. Há pessoas na comunidade que, atualmente, conseguem vender as castanhas para mercados em cidades circunvizinhas e outras, em menor número, alcançam mercados do norte do Estado do Espírito Santo.

*Figura 25 - Pescadores da Barra de Caravelas mostrando côco seco com que o chamam de "maçã do côco". Fonte: Vanilson Teixeira*

*"Aqui na Barra a gente vai pegar lá na Pimenteira, lá pro lado do Grauçá, e dá para pegar lá em Iemanjá também. A gente sempre sai em 3 ou 4 pessoas com baldes. É sempre bom levar um facão para se proteger, nunca se sabe se vamos encontrar algum bicho. Quando é época de mangaba o mato fica cheio de gente, sempre, sempre. Dependendo da época dá para pegar mangaba, pitanga, caju e ainda traz côco de sandó".*

Madalena, pescadora da Barra de Caravelas. Madalena, durante a fala, colocou o balde na cabeça, equilibrando-o, mostrando como carrega os frutos quando o balde está muito cheio.

A cajazinha ocorre em áreas diferentes da mangaba, caju e pitanga, na mata mais alta, "mais funda" (mais distante) e possui grande número de coletores no território. A cajazinha é uma significativa fonte de renda para as marisqueiras da região, uma vez que a oferta de frutos é alta nessas áreas de mata e conseguem vender o fruto praticamente sem manipulação, apenas limpo, inteiro e congelado. O escoamento é realizado em feiras, hotéis, direto para os turistas ou moradores da região e mercados informais do território.

*"Caravelas tinha mata melhor para cajazinha, agora tem pouco, antigamente a gente nem precisava andar muito para pegar, já hoje, ás vezes, a gente tem que sair daqui e ir lá para o lado de Alcobaça (fazendo referência ao município vizinho). Um pé de cajazinha dá muito fruto, tem que ir com várias pessoas para ajudar a trazer. Aí quando eu chego em casa, lavo tudo, tudo, com muito cuidado. A cajazinha é boa porque a gente lava ela inteira e já põe no saco para vender e depois congela, não precisa de muito "lero lero" não. Só tem que lavar com cuidado".*

Maria Inácio, conhecida como Amor, pescadora artesanal, moradora da Barra de Caravelas.

A aroeira, por sua vez, é coletada tanto nas proximidades das comunidades quanto em áreas mais distantes, e vendida para mercados do sul e sudeste onde é consumido como especiaria e conhecido como "pimenta rosa". A aroeira, assim que é coletada e seca, é vendida diretamente para os chamados "atravessadores", o valor que é pago por quilo é extremamente baixo, então para angariar um valor maior, os coletores de aroeira precisam adentrar a floresta muitas horas por dia e por muitos dias. Conta-se sobre a forma degradante de retirada, de modo que na coleta da infrutescência, os galhos são cortados juntos e há um significativo desbaste da árvore, deixando-a, praticamente, só com o tronco.

*"O problema é que tem muita gente que não pensa no futuro, quando vai tirar a aroeira, tira tanta parte da árvore que no ano que vem ela fica sem força e não põe direito.*

*Tem como tirar a aroeira sem praticamente matar a planta, mas é difícil ver esse cuidado. Aí a gente vai só perdendo nossas matas".*

Maria D'ajuda, pescadora artesanal, moradora da Barra de Caravelas.

Havia uma extensa área de mangaba, caju e pitanga na faixa de beira-mar das praias do Aracaré e Grauçá, área de restinga, e que hoje há apenas fragmentos. As áreas de aroeira

*Figura 26 - Catadores levantando saco com aroeira. Fonte: Jornal O Samburá*

também foram apontadas como campos em constante redução, de maneira que a abundância de antes, se remetendo há décadas atrás, é completamente inversa ao que se vê hoje. Os pescadores indicaram a especulação imobiliária como o principal fator de desmatamento dessas áreas, a pastagem também foi outro fator levantado como causa da redução dessas áreas, de modo que a criação de gado passou a ser uma atividade de interesse dos grandes donos das fazendas, áreas essas utilizadas para a coleta pelos comunitários. Era de entendimento comum que existiam grandes fazendas que se estendiam da beira mar até a BR 418, estrada que liga Caravelas à BR 101, e que esses donos liberavam a entrada dos moradores do pequeno povoado da Barra de Caravelas em suas áreas. Essas áreas privadas foram seccionadas e vendidas ao longo do tempo, tornando as grandes fazendas em áreas menores, de modo que o acesso passou a ser cada vez mais restrito pelos novos donos não permitirem acesso. Uma das áreas considerada como importante para esta atividade desde as décadas anteriores até nesses últimos anos é conhecida como "Pimenteira", localizada numa faixa próxima a beira mar e que já se encontra em crescimento imobiliário.

A confecção de embarcações é uma atividade que, hoje, poucos comunitários executam, sendo que a madeira utilizada, em sua maioria, é oriunda de outras regiões. Apenas pequenos reparos são realizados com a madeira de espécies exóticas que foram plantadas na comunidade. No entanto, a atividade já não mais se configura como relevante para o aspecto econômico dos pescadores. Os reparos das embarcações é uma atividade um pouco mais significativa financeiramente do que a confecção de barcos propriamente dita, e ainda há pescadores artesanais cumprindo esta função. A compra dessas madeiras no comércio é consideravelmente cara, uma vez que implica diretamente na receita mensal da família. Por muitas vezes o pescador que está com o barco quebrado, precisando de reparos em sua estrutura, acaba por não conseguir comprar a madeira e passa a pescar no barco de amigos pescadores por meses para tentar juntar dinheiro suficiente para comprar as peças necessárias. Os pescadores contam que "antigamente", quando o pescador precisava de peças de madeira para recompor as avarias da estrutura da embarcação, eles as coletavam na mata do município.

*Figura 27 - Pescador observando o mar num dia de pesca. Fonte: Bruna Alves*

*"Eu sou uma das pessoas que conserta embarcações, faço manutenção da parte do casario, do casco, faço de tudo um pouco. Mas, na maioria dos casos, a madeira é comprada, uma ou outra que alguém plantou por aqui que dá para pegar. Na época que a pesca tá fechada, eu consigo uma renda consertando o barco dos outros colegas. Sempre tem serviço, porque os barcos sempre precisam de manutenção, porque é nossa segurança em alto mar. Antigamente até dava para as plantas daqui da terra, mas agora não tem mais não".*

Tadeu Augusto, vulgo "Guto", pescador artesanal.

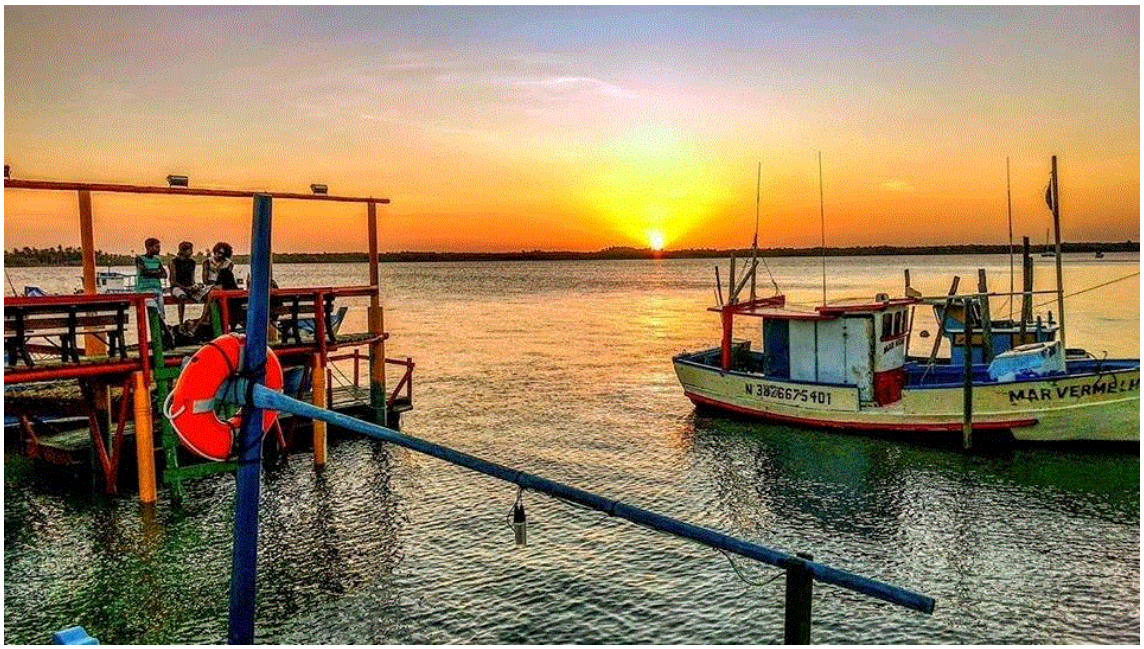


*Figura 28 - Fim de tarde no porto de Caravela. Fonte: Vanilson Teixeira*

Nenhuma dessas espécies citadas pelos pescadores como utilizadas como alimento e, ao mesmo tempo, de forte interesse econômico possuíam qualquer forma de manejo décadas atrás e ainda não possuem. Como as espécies podiam ser encontradas em abundância nas matas do território não havia preocupação em possuir uma "área guarda", bem como o poder aquisito da população não lhes conferia e ainda não confere adquirir uma área de plantio e manejo das espécies. As áreas apontadas para coleta que existem atualmente são propriedades particulares e o acesso está ficando cada vez mais restrito.

Há significativa preocupação de todos os pescadores referente ao que será conservado dessas áreas de restinga e de Mata Atlântica, pois tem ciência da importância do valor social e econômico que estas matas tem para a comunidade.

*Figura 29 - Pescadores retirando canoa do caminhão. Fonte: Associação de Pescadores da Barra de Caravelas*

O valor pelo qual a "pimenta rosa", a aroeira, é vendida nos mercados fora do Estado é exponencialmente superior ao que é repassado para os comunitários. O beneficiamento desta espécie é uma atividade possível de ser realizada em associação ou cooperativa, posto que comunidades com o porte e perfil semelhantes a esta comunidade da APA Ponta da Baleia/Abrolhos apostaram nessa proposta e conseguiram, aos poucos, ganhar mercado. A aroeira possui alto valor commercial e é preciso saber que a partir de uma consciência ecológica e empreendedora, bem como a preservação das árvores pode desenvolver de forma sustentável uma região[8,9]. A extração não sustentável dos frutos da aroeira enfraquece a economia das comunidades que fazem uso dos frutos desta espécie[10]. A aroeira é uma alternativa à renda familiar e é essencial entender a importância econômica, religiosa, cultural, histórica dessas espécies para a comunidade, pois há chances destas questões apresentarem modelos de uso sustentáveis da biodiversidade e dos recursos naturais[9, 11, 12].

Na APA Ponta da Baleia/Abrolhos, muitas espécies de plantas estiveram e ainda estão presente na geração de renda das comunidades de pescadores. No entanto, a falta de manejo adequado e a perda de hábitats parecem ser os principais fatores para a diminuição da renda diante da escassez dos recursos vegetais. Dessa forma, uma proposta que pode ser levantada

aqui é a criação de diferentes cooperativas entre pescadores, agricultores e donos de terra a fim de se estabelecer uma relação comercial onde todos possam gerar renda utilizando as espécies vegetais nativas, uma vez que estas já são adaptadas ao solo e clima da região, bem como agrega o valor sociocultural local. Cada cooperativa ou cada setor da cooperativa poderia ainda cuidar do manejo e da comercialização de uma dada categoria de uso ou mesmo de uma determinada espécie de planta.

*Figura 30 - Reunião sobre seguro defeso nas áreas das Unidades de Conservação. Fonte: ICMBio*

*Figura 31 - Pescadores lançando rede no estuário. Fonte: Vanilson Teixeira*

*Figura 32 - Pescadores observando fotógrafo no manguezal. Fonte: Vanilson Teixeira*

## *Como as pessoas selecionam plantas na APA Ponta da Baleia/Abrolhos? Esses critérios dizem algo sobre outras comunidades de pescadores?*

Os pescadores relataram que a utilização de plantas, com seus diversos objetivos e categorias, é significativa para esta população devido ao fato de que as espécies desta região oferecem recursos extremamente importantes e que podem ser acessadas pelas pessoas que ali vivem. É de entendimento destes entrevistados, também, que até o início deste século, XXI, o acesso à regiões maiores e com recursos convencionais, era extremamente difícil e que o uso de espécies vegetais nativas era única maneira ou, por vezes, a principal alternativa de acessar remédios, fabricar embarcações e petrechos de pesca, se alimentar, construir casas e confeccionar artesanato.

Na APA os entrevistados selecionam as espécies partindo de um conhecimento antigo, já passado de geração em geração, bem como tem costume de realizar experimentações totalmente empíricas baseada na fala de um ou outro comunitário e do que aprendeu com familiares. Essas experimentações de múltiplos saberes resultam, quase sempre, em novas indicações e, ao longo do tempo, vão sendo reafirmados pelos próprios comunitários. As experimentações com base em várias indicações fazem parte de um tradição de comuninades, de modo que as pessoas observam o resultado obtido na prática e verificam a relação desse uso em função com os fenômenos naturais[13]. Houve relatos sobre realizar a coleta de plantas apenas na "lua clara" ou "lua escura", indicando que há um momento específico para coletar e que esta necessita ser realizada na fase da lua citada, "deixar serenar", apontando como uma forma de finalização do processo da manipulação de determinadas espécies. Alguns relatos sobre a interação com o tipo do vento também apareceram, bem como a retirada da espécie em determinados meses do ano. Para a coleta de espécies com cunho medicinal, os fenômenos naturais e o conhecimento acerca do uso e forma de uso estão diretamente associadas às pessoas mais velhas da comunidade, de forma que, estas pessoas são sempre procuradas para fazer a indicação da manipulação da espécie. No contexto de categoria espiritual, as pessoas, mais velhas e do gênero feminino, também selecionam de acordo com o conhecimento adquirido ao longo das gerações e também por afirmar "receber" informações de um campo espiritual que lhes indicam espécies da mata.

Independente da religião dos pescadores, todos disseram compreender o amplo conhecimento destas pessoas na comunidade, conhecidas como “benzedeiras/rezadeiras”, e que, para os que utilizam as plantas para cunho espiritual, afirmam que confiam apenas nelas para a coleta de espécies para este uso. Muitas outras comunidades pesqueiras apresentam essa relação de seleção de espécies vegetais para uso espiritual em comunidades que realizam rituais de origem africana, mesmo estas se reconhecendo como católicas ou protestantes. O “livramento do mal” e “doenças espirituais” são exemplos de uso das espécies e que são as mulheres que demonstram maior conhecimento acerca desta utilização[14].

*Figura 33 - "Seu Boy" e "Seu Hélio", lideranças comunitárias conversando no Porto de Caravelas. Fonte: Vanilson Teixeira*

As plantas que são utilizadas na confecção de embarcações, construção civil e delimitação de áreas de plantio e ou pasto, são citados, principalmente, pelos pescadores do gênero masculino ou indicando esta uma atividade mais usual dos homens. Comumente em outras comunidades tradicionais as atividades do gênero masculino se voltam mais para a construção, reparos de casas, delimitação das áreas de plantio e pasto e que a grande maioria das mulheres cuida das atividades de casa e dos filhos[15, 16]. Em si, os homens desta comunidade selecionam as espécies para fabricação de barcos pelo grau de "dureza" ou pelo peso da madeira de uma espécie em relação a outra disponível na localidade. As espécies citadas como mais usuais para este fim, são selecionadas por serem espécies lenhosas, com tronco espesso, dependendo do tamanho da embarcação que queira confeccionar, "dura", para aguentar o peso, e que tenha um bom grau de flutuação. A retirada na mata, por algumas vezes, foi citada associada a lua, tal como a retirada de acordo com a "maturidade", tempo de vida, da espécie vegetal, de modo que, árvores muito novas não possuem as características desejáveis para esta categoria de uso[17]. Os pescadores da APA Ponta da Baleia/Abrolhos comentam que a coleta de espécies era uma atividade comum da vida da comunidade, no entanto, com o desmatamento, a abertura de pastos, o crescimento imobiliário, esta seleção e coleta de espécies foi ficando cada mais restrita. Atualmente as embarcações grandes são construídas apenas com madeiras compradas no comércio e que geram alto custo para o pescador, principalmente por serem madeiras oriundas de longe, como o Pará, por exemplo. A mata nativa da APA já não oferece, em sua maioria, segundo os relatos, espécies com as características desejáveis. As áreas onde ainda se coleta uma ou outra espécie e um ou outro indivíduo da espécie está cada vez mais distante e mais difícil de encontrar.

Os artigos de pesca confeccionados nesta Unidade de Conservação em questão é uma atividade realizada tanto pelas mulheres quanto pelos homens, sendo esses artigos utilizados, principalmente, no manguezal e nas "áreas de baixio" das praias.

*Figura 34 - Pescadora artesanala com siripóia nas maõs pescando na área de baixio. Fonte: Bruna Alves*

O petrecho conhecido popularmente como “Puçá”, arte de pesca com dois pedaços de madeira com 1,5 m de comprimento e uns 5 ou 6 cm de espessura, cruzados na parte superior e aberto na inferior, como um “V” de cabeça para baixo, rede envolvidas nas madeiras e fundo em formato de funil, necessita de uma madeira com característica mais pesada para que o petrecho não flutue e possa capturar espécies marinhas com maior eficácia. A espécie vegetal utilizada no passado e nos tempos atuais são a Peroba e Canela de Velho, retirada, em sua maioria, nas noites de lua cheia. Já as espécies vegetais coletadas para a confecção dos remos utilizados nas “bateiras” ou canoas eram selecionadas de acordo com peso, sendo que a “madeira boa” para este fim, como relatam os pescadores, são o Jenipapo e o Louro, pois são mais leves e não afundam no mar[18].

*Figura 35 - Pescador carregando sua Puçá para iniciar a puxada na praia da Barra de Caravelas*

*Figura 36 - Siri capturado na siripóia. Foto: Bruna Alves*

O Manzuá, feito com cipó, era um petrecho de pesca utilizado para pescar pequenos peixes, com formato de cesto, mas que apresentava fecho interno para o pescado não sair. Os pescadores mais velhos contam que este cipó, conhecido como “Cipó de Manzuá” era encontrado em mata mais fechada.

*"Esse cipó para fazer Manzuá a gente encontrava em mata alta, mais fechada, em capoeira isso não dava não"* Arraia, pescador de Ponta de Areia, conta sobre o que ouvia de outros pescadores.

. Os entrevistados contam que existiam outros cipós na mata, no entanto este tipo era o "melhor", uma vez que conseguia dobrar e firmar, e por resistir melhor a água salgada do que os outros tipos. O "encorote de embarcação" ou o "Xacho", um tipo de âncora antiga feita com dois pedaços de Peroba, uma pedra e cordas, de modo que a peroba era pressionada a curvar-se e prender a pedra, a corda era utilizada para fazer as amarras. Esta era a forma mais usual de ancorar as embarcações até meados do século passado na localidade. A Peroba era a principal espécie coletada para este uso devido o seu peso e resistência a água salgada. Hoje em dia o "Manzuá" e "Encorote de embarcação" ou "Xacho" já não é mais utilizado, outras técnicas de pesca foram tomando seu lugar[19].

Para prender os barcos na área de desembarque pesqueiro foi citado o uso da mesma espécie de décadas atrás, o Buri, uma palmeira extremamente resistente a água, que pode permanecer fincada ao chão no mar por 4 ou 5 anos. Esta espécie em questão é citada como única planta com características favoráveis a este uso, por apresentar grande resistência a água do mar. Os relatos mostram que outras espécies foram utilizadas ao longo dos anos, porém apenas esta resistia às intempéries do tempo e do mar. Este conhecimento foi repassado de geração em geração, de pescador para pescador, as experiências para afirmar que esta é a melhor espécie para este uso foram muitas, mas que hoje o conhecimento é unânime. A Rede de Câmboa, tipo de pesca utilizada no passado, exigia posicionamento da rede na encosta do rio ou do estuário de forma que ficasse aberta para permitir a entrada e captura de espécies marinhas, e para isto partes da Peroba e do Louro Vermelho eram utilizadas nas pontas das redes, deixando-as em pé. A utilização da rede de Cambôa é proibida, conforme Portaria Sudepe n° 466, 08 de Novembro de 1972 por se mostrar insustentável por capturar uma população juvenil de peixes[20]

*Figura 37 - Ancião na porta de sua casa em Ponta de Areia. Fonte: Danillo Photography*

A seleção das duas espécies vegetais para compor a rede de Cambôa se dava pela resistência e peso da madeira, por serem mais pesadas, se comportavam com maior eficácia contra o balanço das águas.

*Figura 38 - Petrechos de pesca numa embarcação. Fonte: Vanilson Teixeira*

O petrecho de pesca conhecido como “Espinhel”, é uma técnica ainda utilizada, e que recebe uma pigmentação na sua corda principal, que segura os anzóis, e que naturalmente apresenta cor branca. No intuito de disfarçar a cor branca para não afugentar os peixes, a corda principal sofre uma coloração que é feita com uma substância tanífera, oriunda do mangue vermelho. Basicamente a seleção de espécies vegetais para confecção de artigos de pesca pela comunidade gira em torno da resistência da madeira, peso e grau de flutuação, e está intimamente ligada a inferência da lua no momento da coleta[21].

Para a utilização de espécies como combustível, sendo os usos como lenha ou carvão, os relatos mostram que toda e qualquer madeira seca era um alvo em potencial[1, 22]. Árvores de fácil corte, arbustos ou “moitas” como chamam, eram plantas selecionadas pelas pessoas do gênero feminino, pois o corte requer menos força, já árvores ou arbustos mais “duros” eram tipos de plantas que os homens eram convocados a cortar[4, 22, 23, 24] . Uma espécie vegetal foi colocada em evidência por todos os pescadores que participaram da conversa, a utilização da madeira de “Sete-casco” ou “Sete-casca” foi citada como a melhor madeira para queima, por ter uma “pega de queima” mais rápida, por durar mais tempo queimando e por produzir menos fumaça. Falam, ainda, que, ao longo do tempo, principalmente depois do início desde século, tiveram que optar pela coleta de novas espécies para lenha, por não encontrar o “Sete-casco” nas áreas próximas ou relativamente próximas às suas residências[22].

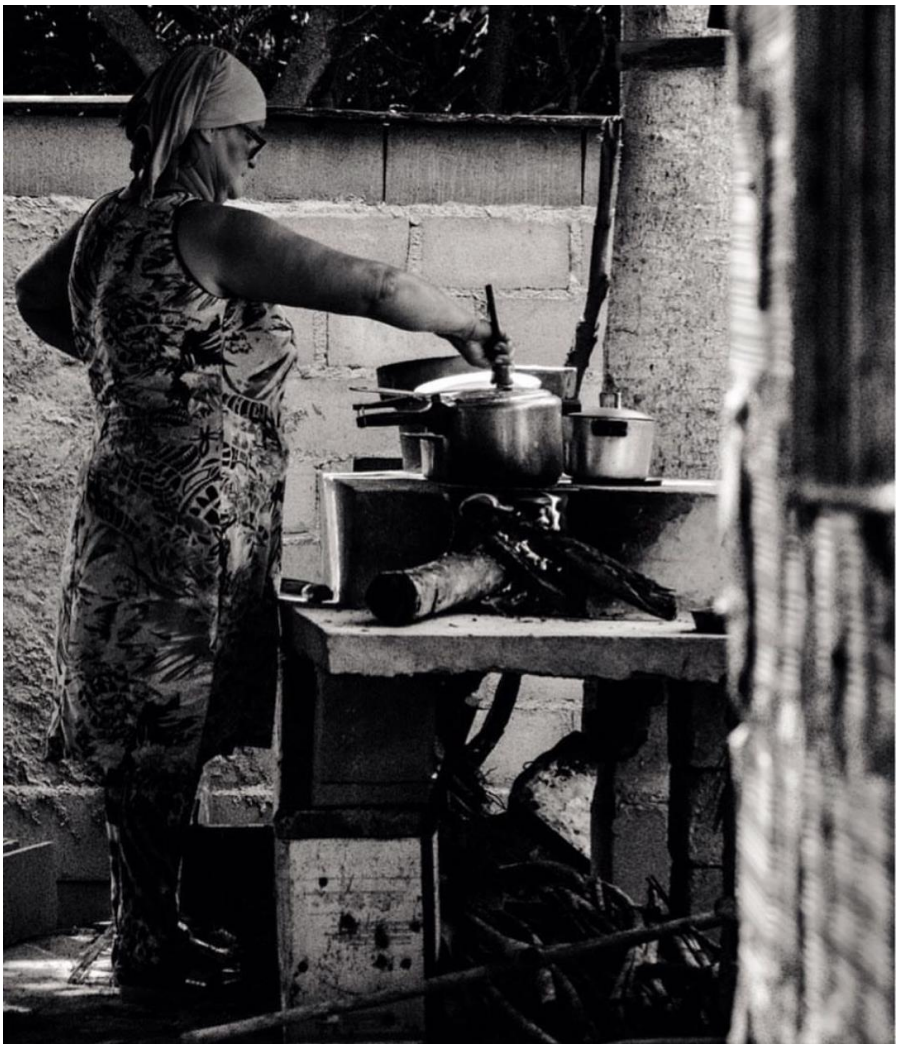


*Figura 39 - Pescadora fazendo almoço no fogão a lenha em Ponta de Areia. Fonte: Danillo Photography*

*Figura 40 - Fogão artesanal. Fonte: Danillo Photography*

A construção civil foi uma categoria apresentada no qual os homens desempenhavam e desempenham maior função na coleta e no uso. As casas de “taipa”, “pau a pique”, palha e madeira eram os principais tipos de moradia na comunidade até final da década de 1990. Com as estradas de asfalto construídas nessa década, o acesso ao material de construção de alvenaria aumentou e com isto freou o uso de espécies vegetais. O Buri aparece como espécie utilizada nessa categoria, no entanto, só é e era indicado para a construção civil, se sua retirada for com indivíduos “maduros” e em noite de lua clara, caso contrário a madeira apodrecerá em poucos meses. As palhas de Côco Naiá, Coqueiro da Bahia e Coqueiro Rosa eram coletadas tanto por mulheres quanto por homens para as casas de palha, bem como para os telhados das casas de taipa, de pau a pique e de madeira. As palhas dessas espécies eram abundantes e de fácil acesso, assim a coleta acontecia sempre que necessário, porém a mais utilizada era a palha de coqueiro da Bahia por resistir mais ao longo do tempo, tanto para as

“paredes” quanto para os telhados. As espécies coletadas para as colunas, vigas e sustentação do telhado deveriam apresentar características mais resistentes a água, à fungos e insetos, mais lenhosas, porém com troncos não tão grossos, duras e possuir comprimento compatível com o tamanho da casa desejada[22, 25, 26].

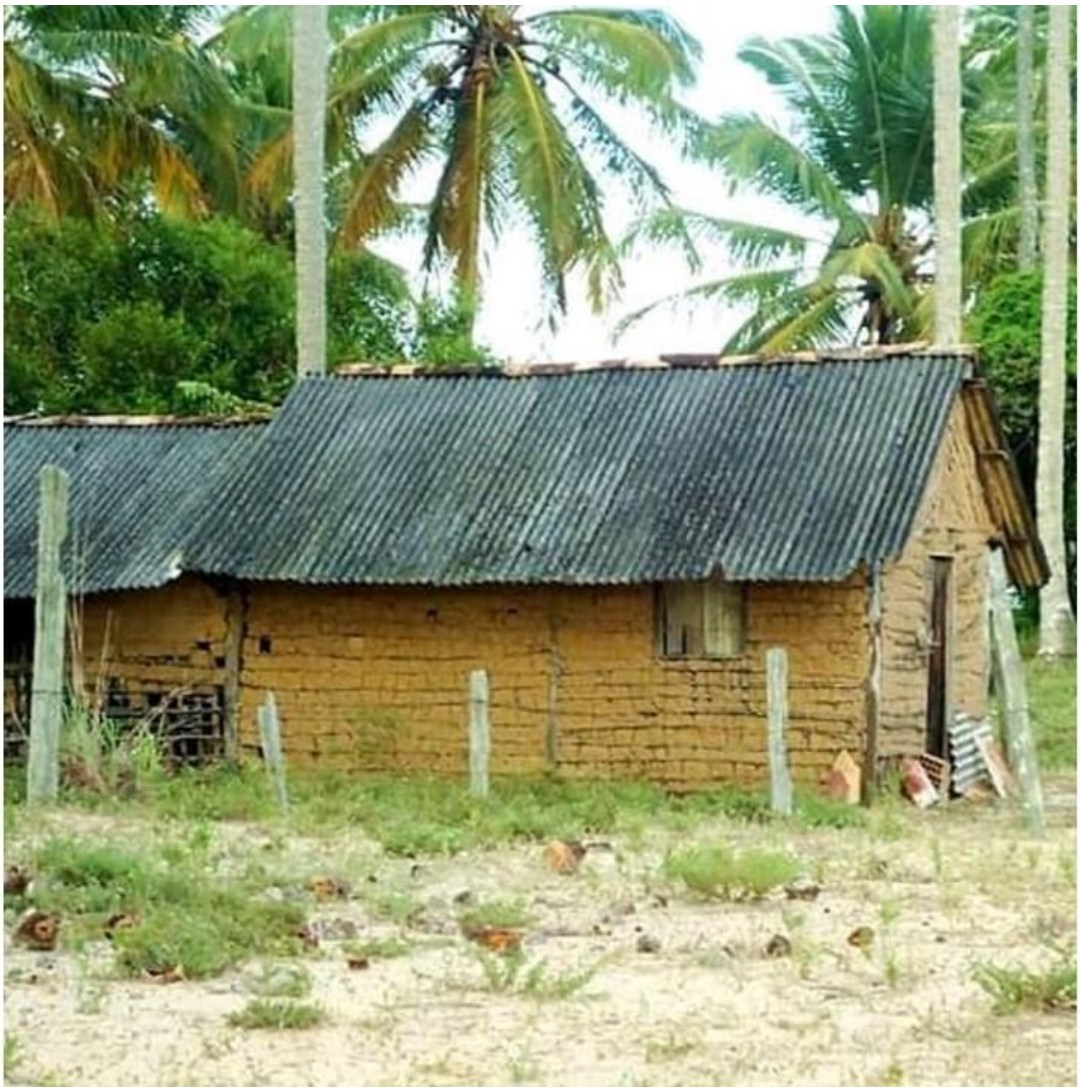


*Figura 41 - Casa de Pau a pique. De barro e madeira nativa. Fonte: Vanilson Teixeira*

Muitos pescadores selecionam e selecionavam espécies com objetivo de alimentar-se por características organolépticas que estavam em conformidade com seus gostos. Formato, cor, sabor e cheiro eram as características verificadas nas experimentações descritas pelos entrevistados, de forma que, contam principalmente os mais velhos, havia um forte costume em experimentar as “frutas do mato” quando estavam andando pela restinga, manguezal, mata alta ou mussununga para coletar espécies para outros fins. Muitos frutos ou folhas foram

relatados como se já conhecessem desde sempre, por se tratar de um uso que já era feito desde que os entrevistados eram crianças e seus pais lhes ofereciam. Outros frutos e folhas para uso alimentício foram descobertos que poderiam ser utilizados para este fim ouvindo alguns caçadores de animais silvestres na época, uma vez que estes passavam muitas horas no mato e experimentavam as espécies enquanto estavam na área. O conhecimento, era, então repassado e indicado para um e outro, e logo, a comunidade toda passava a conhecer. Frutos mais polposos eram coletados para testar se eram bons como sucos, algumas folhas que já eram utilizados com fim medicinal e possuía sabor agradável, eram também utilizados para fins alimentícios e, aos poucos, iam compondo a dieta do pescador a cada nova experimentação. A coleta de frutos da mangaba, caju e pitanga é uma atividade significativa na comunidade e já ocorre há décadas. A coleta dessas espécies vegetais serve hoje, além do uso alimentar próprio, também com fim econômico e auxilia, de forma significativa, na renda familiar. A categoria alimentar e econômico se encontram na maioria das falas nas entrevistas, posto que a visão de vender os frutos ou produtos oriundos destas espécies vieram com a experiência de uso na alimentação. Ao fazer doces, compotas, cachaças, sucos, bolos, geleias, licor, óleos, entre outros, viram, de forma discreta, inicialmente, uma possibilidade de obter lucro e somar à receita oriunda da pesca. A comunidade seleciona espécies para coletar devido o interesse econômico, uma vez que estas podem ser comercializadas e gerar lucro. Algumas dessas espécies são coletadas e depois beneficiadas de forma artesanal na localidade para agregar valor ao produto, obter lucro maior e diversificar o produto. A seleção de espécies que combinavam com o gosto dos comunitários passou a ser mais significativo e ganhou mais adeptos à fazer uso dessa categoria. A coleta de frutos de espécies na forma in natura, sem passar por qualquer tipo de preparo, também é uma forma utilizada na comunidade, como a coleta da Aroeira para a venda direta no mercado, por exemplo. Diferentemente de outras localidades, os comunitários da APA não utilizam a aroeira para alimentação, como especiaria ou algo relacionado. A coleta é apenas para a venda direta.

*Figura 42 - Pescador reparando dano da "puçá" sentado na beira da praia. Fonte: Jornal O Samburá*

As espécies utilizadas de forma ornamental citadas pelos pescadores estão intimamente ligadas ao prazer e satisfação de ter no quintal uma planta com aparência agradável aos olhos. O apelo à beleza cênica, neste caso, é o fator principal para selecionar estas espécies na mata e plantar no jardim ou quintal dos pescadores. Por muitas vezes são plantas com inflorescência de cor vibrante, em cachos, delicadas, e, em menor ocorrência, escolhem por causa do cheiro. Devido um movimento associativista, com intuito de estabelecer alternativas para a pesca, um grupo de coletores de sementes foi formado. Comunitários passaram a levantar áreas e selecionar espécies da mata que poderiam ter suas sementes enviadas para um centro de produção de mudas nativas e obter retorno financeiro por meio da venda desse material genético.

A utilidade de uma planta em uma dada comunidade é diretamente relacionada com múltiplos "predicados" (atributos ou propriedades características), tais como a família botânica, a forma de vida, a abundância local (densidade) e/ou o tamanho máximo[27, 28]. Essas propriedades inerentes às plantas resultariam numa maior "atratividade" para a escolha das mesmas por pessoas, dependendo do tipo de uso necessário. Várias dessas propriedades parecem estar presentes nos critérios utilizados pela comunidade de pescadores da APA Ponta da Baleia/Abrolhos, tais como a abundância local, a forma de vida e o tamanho sugerem que foram e ainda são critérios para selecionar a peroba-rosa, a sapucaia, o mangue-vermelho, o mangue-branco e o pau-brasil para a confecção de barcos, artigos para a pesca e

na construção civil, enquanto os mesmos critérios parecem ter auxiliado na escolha das plantas utilizadas na alimentação como a mangaba, a cajazinha, a pimenta-rosa e o caju. Talvez, os mesmos critérios tenham sido utilizados na escolha das plantas medicinais e ainda sejam utilizados nos testes empíricos relatados pelos entrevistados.

*Figura 43 - Pescadores verificando os danos da rede de pesca no fim de tarde. Fonte: Geovane Freitas*

As propriedades das pessoas (coletoras) também tem influência na escolha das espécies vegetais[29]. Essas propriedades envolveram o gênero, a idade, a etnicidade e a proximidade com os locais de coleta, o que leva à percepção que o valor de uso está relacionado tanto aos atributos próprios das espécies vegetais quanto às características das pessoas que as utilizam numa dada comunidade. Os autores também verificaram que a abordagem êmica da comunidade também influenciam na determinação da importância das plantas utilizadas.

A comunidade pesqueira de Caravelas demonstrou conhecimentos distintos sobre as plantas relacionados aos diferentes gêneros, onde as mulheres possuem conhecimento sobre todas as espécies herbáceas citadas na pesquisa e os homens possuem grande relação com as plantas arbóreas, especialmente as utilizadas na confecção de canoas e outras embarcações.

Foi possível observar também que os pescadores utilizam a espiritualidade como critério de escolha das espécies. Eles também utilizam múltiplas propriedades como critérios

para se deixar de usar, tais como a consciência ambiental e a facilidade na substituição da madeira, como pode ser observado durante os relatos com o mangue-vermelho, mangue-branco e o cipó-manzuá.

*Figura 44 - Barco pesqueiro no banco camaroneiro em Caravelas. Fonte: Silmara Saúde*

*Figura 45 - Barco pesqueiro com pôr do sol ao fundo, no estuário de Caravelas. Fonte: Vanilson Teixeira*

*Figura 46 - Camarão sete-barbas, Xiphopeneaus kroyeri. Fonte: Vanilson Teixeira*

## *Existe uma Comunidade de Pescadores na APA Ponta da Baleia/Abrolhos?*

Foi possível notar que diversos pescadores acreditavam fazer parte apenas da RESEX do Cassurubá e desconheciam a área da APA. Em si, os pescadores relataram lembrar das discussões para a criação da RESEX, mas não lembram da criação da APA. Antes da criação da RESEX de Cassurubá, Unidade de Conservação de Uso Sustentável, que se encontra sobreposta à APA Ponta da Baleia/Abrolhos, houve a formação de dois grandes grupos, os que estavam a favor da criação de Reserva Extrativista e os que queriam uma Cooperativa/Fazenda de camarões. Essa questão, relatam os entrevistados, fez com que todos se interassem do assunto e que, devido esse tempo de "lutas" e após a criação da Resex, todos tinham ciência do que estava sendo implantando no território. A APA, neste caso, ao ver dos entrevistados, ainda é uma Unidade desconhecida, não teve "luta" do próprio povo Caravelense para estar ali, então, por issso poucos conhecem, com riqueza, os detalhes. A luta pela conquista da Resex durou alguns anos e teve diversos enfrentamentos entre os comunitários das localidades, bem como com os ambientalistas, poder público e privado. Até a assinatura do Decreto de Criação no dia 05 de Junho de 2009 na praça da Gameleira em Ponta de Areia, o enfrentamento e discussões eram grandes.

*Figura 47 - Pescadores costurando pano de rede. Fonte: Geovane Freitas*

Os entrevistados não tinham ciência de qual era a área da APA e sempre se citavam a área de Caravelas, Barra e Ponta de Areia como se também fosse Resex de Cassurubá. A delimitação do que é área de Resex e o que é APA não está claro para os informantes e afirmam ter interesse em conhecer melhor do que se trata uma Área de Proteção Ambiental.

Foi possível verificar que os pescadores se reconhecem como comunidade da Barra de Caravelas ou comunidade de Ponta de Areia ou comunidade de Caravelas (sede) e não como uma comunidade Caravelense, já que estão todos dentro do mesmo município, além de que sempre apontavam como conhecedores da mata os moradores da localidade em si. Os ipescadores de cada localidade relatam peculiaridades sobre a comunidade entre uma conversa  e outra, de forma que os Caravelenses da sede tem uma composição flutuante de pessoas, que vivem, categoricamente, entre a Resex de Cassurubá e a sede do município e tem forte interação com as ilhas da reserva. De acordo com os relatos, os caravelenses possuíam um contato ainda maior com o manguezal, quando este se encontrava na área do município. O bairro Olaria, “Bairro Novo”, como é conhecido no município foi uma localidade indicada por todos os entrevistados de Caravelas (sede) por ter sido uma área extensa de manguezal e de forte extração de material vegetal e animal. A ocupação imobiliária ocorreu por volta dos anos 2000 e com o advento das casas veio o aterro e

desmatamento do mangue. Atualmente não há qualquer resquício de árvores do mangue neste bairro, a coleta do material vegetal passou a ocorrer mais à cabeceira do Rio do Macaco.

Em Ponta de Areia a comunidade se vê como uma localidade que vive do arranque de caranguejo-uçá e da "pega de guaiamum", além de ter um perfil diferente das outras duas localidades, por ainda possuir barcos à vela. Um outro ponto levantado pelos moradores de Ponta de Areia foi sobre uma grande área de apicum, "mangue seco, mangue duro", como é comumente chamado na comunidade, onde hoje se encontra o Terminal de Barcaças da Suzano S.A, entre o distrito de Ponta de Areia e o povoado da Barra de Caravelas, terminal este em que o eucalipto é escoado por via marítima. Este terminal de barcaças foi implantando em 2003 pela empresa Aracruz Celulose S.A, no entanto, hoje, esta área pertence à Suzano S.A [30, 31] ·Nesta área, indicada pelos pescadores de Ponta de Areia como um grande apicum, podia ser encontrado três espécies de mangues, mangue branco, mangue vermelho e mangue preto, todavia os comunitários utilizavam esta área para coleta de mangue branco para construção de casas e seus petrechos de pesca e o mangue branco e o preto coletavam para utilizar como lenha para as fogões artesanais e para fabricação de carvão.

A Barra de Caravelas, por sua vez, é uma localidade praiana, que vive, também, do turismo de suas praias e tem a possibilidade de executar técnicas de pesca diferente dos outros

*Figura 248 - Terminal de Barcaças da Suzano S.A no distrito de Ponta de Areia. Fonte: Silmara Saúde*

locais devido a área de preamar, como redar com puçá no baixio, ou redar, técnica em que a rede tem um comprimento em torno de 10 metros, podendo variar, que pode ser arrastada na beira ou pode ser fixada paralela a praia numa espera entre uma maré e outra.

A comunidade de pescadores que compõe a APA Ponta da Baleia, Abrolhos possui uma forte ligação das pessoas entre o mar, o rio e as áreas de mata, seja ela restinga, manguezal e a mata densa. Tal interação diz muito sobre o modo de vida dos comunitários, como se relacionam, como selecionam as espécies para utilizar nas atividades do dia a dia, como a espiritualidade tem uma condução de uso pelas espécies das matas, como essa

*Figura 49 - Homem pescando no estuário caravelense. Fonte: Vanilson Teixeira*

comunidade pesqueira buscou alternativas de geração de renda utilizando recursos das matas ao longo dos anos com uma perda muito pequena dessa relação. É provável que a perda dessa relação tenha sido provocada por fatores externos à própria comunidade, como a mudança dos donos das terras, proibindo a passagem, a mudança no modo de produção com a chegada de outra atividades e também devido a legislação ambiental.

Povos e comunidades tradicionais como agrupamentos de pessoas de diferentes culturas, que se organizam socialmente de acordo com suas próprias concepções, que se baseiam no território, no conhecimento repassado de geração em geração, e na utilização de recursos naturais para estabelecer sua organização cultural, religiosa, econômica, ancestral e social de forma estes que sejam difundidos pela tradição do povo[32]. As comunidade

traidicionais revelam uma outra percepção da vida, dos modos de vida, com reflexos não apenas na concepção e no prolongamento da vida humana, como nos hábitos, na cultura, no comportamento do ser humano nos meios reais e virtuais disponíveis e que se alteram e inovam em ritmo acelerado e contínuo[33].

O grupo de pessoas que vive no território da APA pode ser considerado uma comunidade tradicional por apresentar evidências sobre a organização social deste povo, da relação do uso de espécies para composição de diversos ritos espirituais, da forma como se relacionam com a mata para selecionar espécies para a alimentação e como a partir disto se estabeleceu alternativas para geração de renda, na forma como a tradição e as informações são repassadas ao longo dos anos, bem como pela miscigenação, pela afinidade dessas pessoas pelo território e que estas se autoreconhecem como comunidade[1, 2, 3].

## *Glossário dos termos caravelenses*

O glossário aqui apresentado visa aproximar o público em geral do linguajar popular do povo caravelense e nordestino.

Termos:

**Bateira**: Embarcação de porte pequeno, feita de madeira, em media 2 metros de comprimento, utilizado para pescas em mangue, rios ou para travessia até uma embarcação maior. Na maioria do casos é utilizada com remo, em menor escala com motor.

**Filetar**: Ato de retirar o exoesqueleto do camarão, com as mãos, deixando apenas proteína.

**Graucá**: Praia localizada na Barra de Caravelas que leva o nome do caranguejo *Ocypode quadrata*, família Ocypodidae, ordem Decapoda.

**Casa de Mariscagem**: São locais onde as marisqueiras retiram o exoesqueleto do camarão. Na casa de mariscagem é onde de fileta o camarão.

**Pino (‘Sol a pino’)**: Período em que o sol está mais quente.

**Puçá**: Petrecho de pesca com dois pedaços de madeira com 1,5 m de comprimento e uns 5 ou 6 cm de espessura, cruzados na parte superior e aberto na inferior, como um “V” de cabeça para baixo, rede envolvidas nas madeiras e fundo em formato de funil. Comumente utilizado para pesca de arrasto na beira do mar, captura da fauna que se encontra nessa área, como os crustáceos como siris e camarões, e algumas espécies de peixes.

**Samburá**: Cesto feito de cipó para servir de recipiente para colocar o pescado dentro.

**Sururu**: Molusco bivalve da ordem Mytiloida.

**Vento Terral:** Vento que sopra para o oeste e, que por sair do continente, segundo os relatos, leva o cheiro de terra molhada em alto mar.

Expressões:

**“Um cesto e um samburá”:** O cesto e o samburá são recipientes para colocar grande quantidade de pescados dentro. Dessa forma, quando se usa esta expressão dá a ideia de “muito” pescado. Por exemplo: “Um cesto e um samburá de cajus” quer dizer “muitos cajus naquele local”.

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunidade faz uso de plantas diariamente, seja para para fins medicinais, espirituais ou na feitura de petrechos de pesca. A comunidade pesqueira da APA tem sua vida entrelaçada com as matas, é uma relação inegável, forte e necessária. Foi possível perceber que as plantas possuem um significado muito maior do que o simples e prático uso direto da espécie vegtal, é muito mais que isso, tem relação com o passado, com o que lhes foi ensinado através das gerações, tem relação com sentimento do povo com as matas, com o imaginário construído das histórias que foram contadas pela comunidade.

Diante dessas diversas informações é plausível inferir que é importante discutir sobre o manejo de espécies vegetais de interesse econômico para a comunidade, bem como a conservação de diversas áreas de mata atlântica, tal como seus ecossistemas associados, a restinga e o manguezal, uma vez que a manutenção dessas matas, além de ter sua importância ecológica, há, também, importância cultural e histórica.

O levantamento quantitativo trouxe dados mensuráveis sobre as espécies utilizadas, os usos de cada planta, o emprego dessas espécies no passado e na atualidade e evidencia a importância do valor desse uso pela comunidade ao apresentar, num índice, as plantas mais e menos utilizadas num panorama geral. Descrever as histórias e as tradições da comunidade pesqueira presente nessa UC revelou o modo de vida tradicional, das benzedeiras, por exemplo, e a relação de todos os moradores com a mudança ocorrida ao longos dos tempos.

## *Referências*

(1). CANCELA, F. **O trabalho dos índios "numa terra muito destituída de escravos": políticas indigenistas e políticas indígenas na antiga Capitania de Porto Seguro (1763-1808).** História (São Paulo) v.33, n.2, p. 514-539, jul./dez. 2014

(2). GLÓRIA, P. S. **Os assentos de batismo de ingênuos na Vila de Caravelas, BA: entre silenciamentos e classificações sociais de cor (1870-1877).** XXIX Simpósio Nacional de História. 2017

(3). ABREU, A. C.; BENINI, A. M. L. **Etnodesign como ferramenta de resgate da memória brasileira nos artefatos indígenas. Revista Icônica**, Apucarana, v. 2, n. 2, p.209-235, Fev./Ago. 2016

(4). BRASIL. Decreto n. 88.128, de 06 de abr. de 1983**. Cria o Parque Nacional Marinho dos Abrolhos. Brasília, DF. Abr. 1983**

(5). GOMES, T. B. **Diversidade de usos e manejo tradicional da flora em comunidades quilombolas do raso da Catarina, Nordeste, Bahia, Brasil**/ Thiago Bezerra Gomes. – Paulo Afonso, 2014.

(6). Moraes, M. C**. Estudo etnobotânico sobre a mata de restinga do sítio do Outeiro de Maracaípe, Pernambuco.** UFPE. 2012. Disponível em: https://core.ac.uk/display/142432375

(7). AFONSO, M**. História de pescador: um século de transformações técncias e socioambientais na pesca do caiçara do litoral de São Paulo (1910-2011).** Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. 2013

(8). JUNIOR, S. D. **Germinação de sementes de aroeira-vermelha (Schinus terebinthifolius Raddi) sob condições de estresse e após secagem.** Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Agrárias. 2012

(9). WEGNER, E. H.; LOCKS, G. A. **Conservação da aroeira através da extração sustentável da pimenta rosa em São José do Cerrito – SC.** Universidade do Planalto Catarinense. Santa Catarina. 2016

(10). EMPRESA BRASILEIRA DE AGROPECUÁRIA. **Cultivo da aroeira-vermelha (Schinus terebinthifolius Raddi) para produção de pimenta-rosa.** [recurso eletrônico] / Edinelson José Maciel Neves ... [et al.]. - Colombo : Embrapa Florestas, 24 p. 2016

(11). GOMES, M. D. G.; GÓIS, S. N.; SILVA, C. M. **Extrativismo e comercialização da aroeira (Schinus terebinthifolius Raddi) na região do Baixo São Francisco**. Universidade Federal de Sergipe. 2005

(12). CHAGAS, J. C. N.; FRAXE, T. J. P.; ELIAS, M. E. A.; CASTRO, A. P.; VASQUES, M. S. **Os sistemas produtivos de plantas medicinais, aromáticas e condimentares nas comunidades São Francisco, Careiro da Várzea e Santa Luzia do Baixio em Iranduba no Amazonas**. Rev. Bras. de Agroecologia. 9(1): 111-121. 2014
Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466** que trata de pesquisas em seres humanos e atualiza a resolução 196. Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/ultimas_noticias/2013/06_jun_14_publicada_resolucao.html

(13). DIEGUES, A.C. & ARRUDA, R.S.V. (orgs.). 2001. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil.** Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 176p. (Biodiversidade 4).

(14). GOMES, T. B. **Diversidade de usos e manejo tradicional da flora em comunidades quilombolas do raso da Catarina, Nordeste, Bahia, Brasil**/ Thiago Bezerra Gomes. – Paulo Afonso, 2014.

(15). Almeida, V.S. & Bandeira, F.P.S.F. **O significado cultural do uso de plantas da caatinga pelos quilombolas do Raso da Catarina, município de Jeremoabo, Bahia, Brasil**. Rodriguesia 61(2): 195-209. 2010

(16). SANTOS, K. P. P.; SOARES, R. R.; R. F. M., BARROS. **Atividade pesqueira e construção de embarcações na Colônia de Pescadores Z-18 do município de União/PI, Brasil**. Revista Holos. 2015

(17). Fonseca-Kruel, V. S.; Peixoto, A. L. **Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil**. Acta bot. bras. 18(1): 177-190. 2004

(18). AFONSO-DIAS, M.; PINTO, J.; CARVALHO, A.; MUZAVOR, S. As **Artes de Pesca do Baixo Guadiana.** Universidade do Algarve. 2001

(19). Moraes, M. C**. Estudo etnobotânico sobre a mata de restinga do sítio do Outeiro de Maracaípe, Pernambuco.** UFPE. 2012. Disponível em: https://core.ac.uk/display/142432375

(20). GIGLIO, V. J.; FREITAS, M. O**. Caracterização da pesca artesanal com rede de camboa na Reserva Extrativista de Cassurubá, Bahia. Biotemas**, 26 (2): 249-259, jun. af

(21). Moraes, M. C**. Estudo etnobotânico sobre a mata de restinga do sítio do Outeiro de Maracaípe, Pernambuco.** UFPE. 2012. Disponível em: https://core.ac.uk/display/142432375

(22). DIAS, H. M.; SOARES, M. L. G. **As fitofisionomias das restingas do município de Caravelas (Bahia – Brasil) e os bens de serviço associados**. (2008). Boletim Técnico do CEPENE, Tamandaré – PE – v. 16. N.1 p. 59-74. 2008

(23). Carneiro, D. B.; Barboza, M. S. L. & Menezes, M. P**. Plantas nativas úteis na vila de pescadores da Reserva Extrativista Marinha**

(24). ALENCAR, N. L**. Farmacopéias tradicionais: o papel das plantas medicinais na sua constituição, formação e manutenção em comunidades da Caatinga.** Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Botânica da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife. 129 f. 2012

(25). FREITAS, F.M.C. **Apresentação FEMAR. In: ALVES, J. R. P.(Org.) Manguezais: educar para proteger.** Rio de Janeiro: FEMAR: SEMADS. 96 p. 2001

(26). Ministério do Meio Ambiente. **Atlas dos Manguezais do Brasil / Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade**. – Brasília: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, 2018.

(27). Philips, O. & Gentry, A.H. The useful plants of Tambopata, Peru: I. Statistical hypotheses tests with a new quantitative technique. Economic Botany 47(1): 15-32. 1993.

(28). GOUE, O. G.; MICHAEL, A. C.; BOND, M.; HART, G.; SEYLER, B. C.; MCMILLEN, H.**Theories and Major Hypotheses in Ethnobotany.** Economic Botany, 71(3), pp. 269–287. 2017

(29). LAWRENCE, A,; PHILIPS, O. L.; REATEGUI, A.; LOPEZ, M.; ROSE, S.; WOOD, D.; JOSE, A. **Local values for harvested forest plants in Madre de Dios, Peru: Towards a more contextualized interpretation of quantitative ethnobotanical data**. Biodiversity and Conservation, Madrid, v. 14 p. 45-79. 2005

(30). CARVALHO, R. C. A.; BEZERRA, S. N.; CAVALCANTE, S. J.; LIMA, U. B. P**. Perfil Socioeconômico dos pescadores e ribeirinhos de Caravelas-BA.** Boletim Técnico-Científico do CEPENE, Tamandaré - PE - v. 17, n. 1, p. 97-113, 2009

(31). SUZANO S.A. **Terminal marítimo de Caravelas**. Acesso em 15.Mai. 2019. Disponível em: www.fibria.com.br/.../terminal-maritimo-de-caravelas-completa-12-anos-de-operacao/

(32). BRASIL. Decreto n. 6.040, de 7 de fev. de 2007. **Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais**. Brasília, DF. Fev. 2007

(33). SUPERINTENDÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO DA PESCA. **Portaria n. 466, 08 de nov. de 1972.**

(34). CANCELA, F. **O trabalho dos índios "numa terra muito destituída de escravos": políticas indigenistas e políticas indígenas na antiga Capitania de Porto Seguro (1763-1808).** História (São Paulo) v.33, n.2, p. 514-539, jul./dez. 2014

CAPÍTULO 3

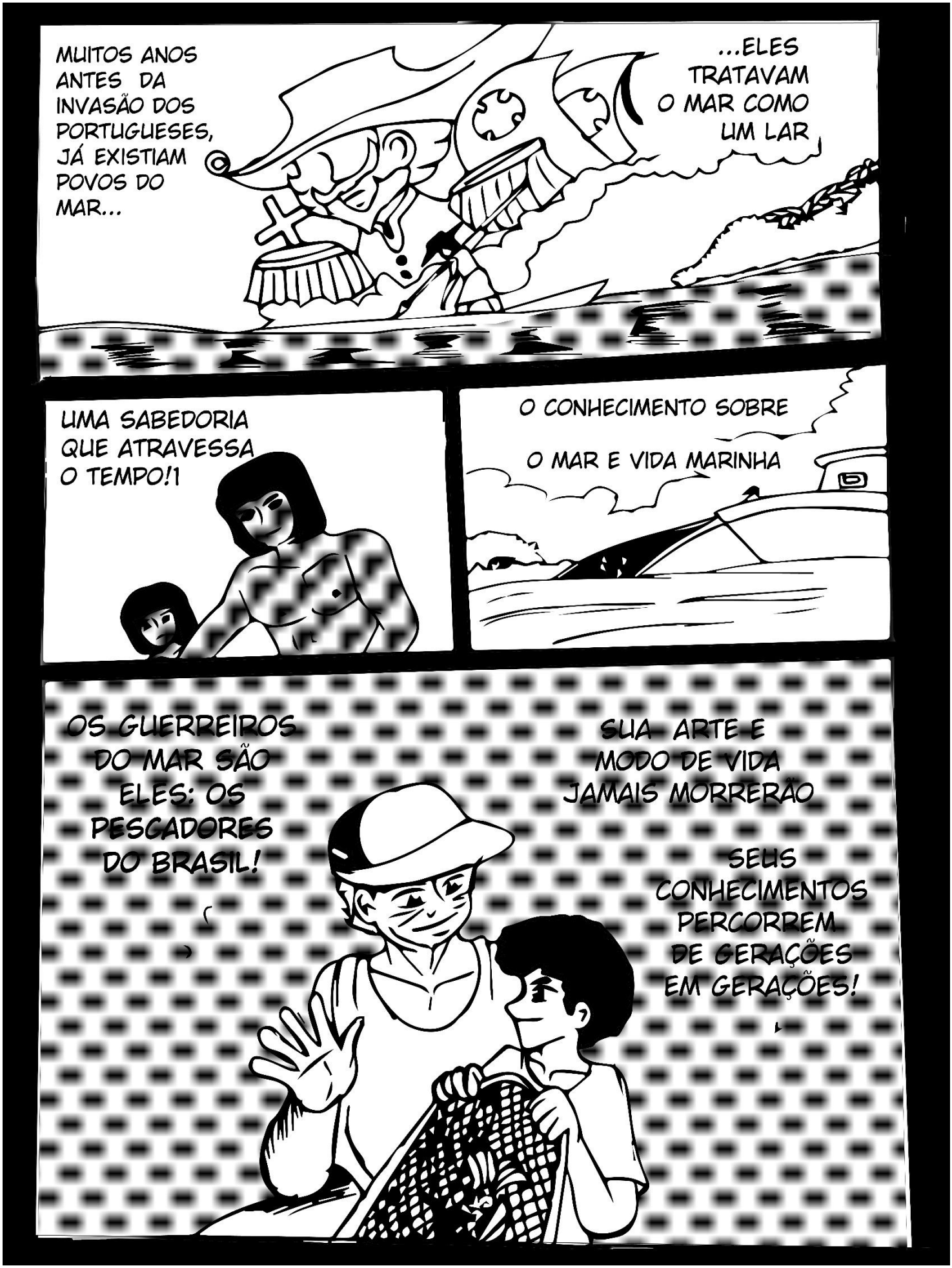
## HISTÓRIA EM QUADRINHOS

A APA Ponta da Baleia/Abrolhos presente nos saberes e na memória dos pescadores e marisqueiras caravelenses contadas a partir das plantas e do ambiente natural numa história em quadrinhos, juntamente com outra pesquisa realizada no Banco dos Abrolhos, na região de Caravelas, sobre a pesca artesanal, do aluno do PPGCTA Pedro Henrique Dias Marques. O Objetivo é divulgar os resultados e dar uma devolutiva das duas pesquisas de uma maneira lúdica e alcançar o maior número de pessoas dessa região.

# SABERES TRADICIONAIS E A HISTÓRIA DA PESCA NO BANCO DOS ABROLHOS

KARINY PAIVA/PEDRO DIAS

ARTE: J.LUCAS


MUITOS ANOS ANTES DA INVASÃO DOS PORTUGUESES, JÁ EXISTIAM POVOS DO MAR...
...ELES TRATAVAM O MAR COMO UM LAR
UMA SABEDORIA QUE ATRAVESSA O TEMPO!1
O CONHECIMENTO SOBRE O MAR E VIDA MARINHA
OS GUERREIROS DO MAR SÃO ELES: OS PESCADORES DO BRASIL!
SUA ARTE E MODO DE VIDA JAMAIS MORRERÃO
SEUS CONHECIMENTOS PERCORREM DE GERAÇÕES EM GERAÇÕES!

OS PESCADORES UTILIZAVAM AS ILHAS COMO ÁREA PARA SECAR OS PEIXES E SALGÁ-LOS.
ABROLHOS E COROA VERMELHA ERAM EXEMPLOS DE LOCAIS.
A PARTIR DA DÉCADA DE 80, O GELO SURGIU JUNTO COM AS EMBARCAÇÕES...
... MOTORIZADAS QUE ERAM CONFECCIONADAS NO ESPÍRITO SANTO.
A PESCA AO INVÉS DE SER SALGA, PASSOU A SER TRATADA COM GELO...
E DE BATEIRAS COM REMO, SURGIRAM OS BARCOS MOTORIZADOS.
NA ÉPOCA DA MARIA FUMAÇA...
PONTA DE AREIA

AS GRANDES EMBARCAÇÕES CHEGAVAM DE VÁRIOS LUGARES DO MUNDO PARA RECEBERM AS MERCADORIAS DA MARIA-FUMAÇA;

MAVEGANTES

PORÉM, DEVIDO A FALTA DE CONHECIMENTO DOS NAVEGADDORES EM RELAÇÃO A COSTA DO LOCAL.

OCORRIAM DIVERSOS NAUFRÁGIOS DEVIDO A BAIXA PROFUNDIDADE E OS RECIFES DE CORAIS.

O MAIS CONHECIDO É O NAUFRÁGIO DO NAVIO VIGILANTE, ONDE SEUS ESCAMBROS ESTÃO EXPOSTOS ATÉ HOJE.

APESAR DAS INCERTEZAS E DAS DIFICULDADES VIVIDAS, OS PESCADORES SÃO ESSENCIAIS PARA A ECONOMIA DE CARAVELAS E NOVA VIÇOSA.

A FORÇA DE TRABALHO DOS PESCADORES AINDA É RESPONSÁVEL POR ALIMENTAR DIVERSAS FAMÍLIAS NESSAS CIDADES E REGIÃO, SENDO A PRINCIPAL FONTE DE RENDA PARA SEUS HABITANTES
SÃO SÍMBOLOS CULTURAIS DA REGIÃO!

AS BENZEDEIRAS DE CARAVELAS DESEMPENHAVAM UM PAPEL PRIMORDIAL EM RELAÇÃO AO DOMÍNIO DE PLANTAS AO LONGO DOS ANOS.

OS PESCADORES COMENTAVAM QUE ELAS ERAM "ENTENDIDAS DO ASSUNTO", E SEMPRE QUE A DOENÇA ERA FORTE, PODERIAM RECOMENDAR A MELHOR SOLUÇÃO PARA A SITUAÇÃO.

O NÚMERO DESSAS MULHERES, DONAS DO SABER, REDUZIU MUITO EM CARAVELAS.

ELAS TAMBÉM ERAM PESCADORAS ARTESANAIS E ERAM IMPORTANTES NAS VIDAS DOS PESCADORES.

UMA VEZ QUE A VIAGEM FOSSE PERIGOSA, ELAS ORAVAM ATRAVÉS DO "PASSAR RAMOS" NO CORPO DELES.

ERAM USADOS PARA A PRÁTICA:

ARRUDA

CIPÓ ALHO

ENXOTA

CAPIM-GUINÉ

NA ÉPOCA EM CARAVELAS ONDE SÓ EXISTIAM CANOAS E REMOS, OS PESCADORES CONTAVAM COM A SABEDORIA E CONHECIMENTO DE ANTIGOS PESCADORES PARA A CONSSTRUÇÃO DE SUAS BATEIRAS, PROCURANDO SÁBER OS MATERIAIS NECESSÁRIOS.

OS NAVEGANTES PERCORRIAM ATÉ DISTANTES ÁREAS PARA PESCAR, COMO NA ÁREA QUE HOJE É CONHECIDA COMO ABROLHOS...

CANOS E REMOS NÃO ERAM EMPECILHOS PARA ALCANÇAR OS BANCOS PESQUEIROS MAIS DISTANTES.

...ALGUNS MORRIAM DURANTE A JORNADA POR CONTA DAS BATEIRAS QUE QUEBRAVAM EM ALTO MAR.

DURANTE A PESCA DAS BALEIAS, ERA ESTABELECIDA UMA RELAÇÃO DE CONFIANÇA ENTRE O PESCADOR E SUAS BATEIRAS, DEVIDO AO PERIGO DO ALTO MAR.

A ÁREA DE PESCA ENTRE CARAVELAS E ABROLHOS.

CARAVELAS.

65km

OS VENTO TERMAL, COM CHEIRO DE TERRA MOLHADA, AJUDAVA NA MISSÃO.

ABROLHOS.

O PARQUE NACIONAL DE ABROLHOS FOI CRIADO EM 1983, PELO DECRETO N. 86.218, DE 06 DE ABRIL DO MESMO ANO.

PROIBINDO DE VEZ A PESCA DA BALEIA.

OS RELATOS SÃO DE QUE ALGUNS PESCADORES NO MOMENTO DA COLETA DA MADEIRA, PEDIAM LICENÇA A MÃE NATUREZA E BENÇÃO CLAMANDO PROTEÇÃO DO MAR.
NASCIA ALI UMA RELAÇÃO ÚNICA COM SEU TRANSPORTE E INSTRUMENTO DE TRABLAHO.
O CONFORTO COM O DESCONHECIDO E O PRAZER PELO INESPERADO SÃO COMUNS PARA OS LENDÁRIOS PESCADORES!